

Concurso de fotografia “A inclusão na diversidade”: Muito mais que um concurso...





Pág 10

Uma jornada pela Vida Independente

O que representam 180 quilómetros percorridos de cadeiras de rodas entre Concavada, em Abrantes, e Lisboa? É o preço da visibilidade que um tetraplégico português quer dar a uma causa que se tornou quase uma questão de vida ou de morte. É o preço que arriscou pagar por uma luta que não é só dele, mas de todos os que, como ele, procuram que o Estado faça jus ao artigo 19.º da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência que ratificou em 2009.



Pág 20

Dia Nacional da Paralisia Cerebral

Pela primeira vez na sua história Portugal assinalou o Dia Nacional da Paralisia Cerebral. 20 de outubro é “festa” mas também “alerta”. As comemorações tiveram no Norte o seu epicentro, com a Associação do Porto de Paralisia Cerebral, cuja idade coincide com o aniversário da Revolução, 40 anos, a promover várias iniciativas. Eis retratos, flashes e testemunhos sobre uma data e uma causa que não se celebram nem se discutem “Por acaso...” pois não se esquece que há lugar para a Villa (Urbana) da Inclusão



Pág 44

Concurso de fotografia “A inclusão na diversidade” Muito mais que um concurso...

Um concurso de fotografia, um prémio, 60 fotos a concorrer e um júri “de luxo” para selecionar as três melhores. Foi esta a forma que a Plural&Singular escolheu para assinalar os dois anos de existência e o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, ambos comemorados a 3 de dezembro de 2014.



Pág 97

O Diálogo através do Teatro

O Grupo de Teatro de Surdos do Porto começou a dar os primeiros passos em 2008 quando a PELE_Espaço de Contacto Social e Cultural e a Associação de Surdos do Porto (ASP), com “o desejo partilhado de cimentarem pontes de comunicação entre a Comunidade Surda e Ouvinte” decidem estabelecer um “diálogo através do Teatro – enquanto linguagem universal”.

Índice

03 Índice e Editorial

04 Notícias

08 António Fagundes: “Tribos” trouxe uma nova sensibilidade sobre a comunidade surda

10 Uma jornada pela Vida Independente

14 Lei dos Homens

Saúde e Bem-estar

16 Opinião Ordem dos Médicos

17 Opinião SPSC

18 Opinião APTO

20 Dia Nacional da Paralisia Cerebral

Capa

44 Concurso de fotografia “A inclusão na diversidade” Muito mais que um concurso...

62 Opinião Alexandra Ferreira-Valente

64 Opinião Rui Machado

66 Opinião Pró-Inclusão ANDEE

Tecnologia e Inovação

68 Enforcing Kids, muito mais do que uma ‘app’ para autistas

70 Opinião SUPERA

Desporto

73 Torneio de basquetebol em cadeira de rodas com atestado da qualidade

75 O Congresso do Comité Paralímpico de Portugal veio para ficar

76 Dar sentido ao desporto adaptado

80 Portugal não brilhou no Campeonato Mundial de Boccia Pequim’2014

84 Sport Club do Porto: “No nosso clube o Desporto é de todos e para todos”

Perfil

88 Tetra no Mundo... Bi na Europa... Em resumo: Campeões!

92 Opinião PCAND

Cultura

94 Projeto BOMBAR’TE do balanço à continuidade

97 O Diálogo através do Teatro

Lugar

106 Mãos à obra na EB 2,3 João de Meira

Plural & Singular

110 Há mais de 10 anos a “iluminar” & A arte e a criatividade ao serviço da APEXA

3 de dezembro de 2014

É Dia Internacional das Pessoas com Deficiência

Comemora-se o 2.º aniversário da Plural&Singular

Eis a 9.ª edição da revista digital trimestral que é um dos pilares deste projeto

E eis o concurso de fotografia “A inclusão na diversidade”, muito mais do que um simples concurso

Inaugure-se a exposição no Centro Português de Fotografia, no Porto, e entreguem-se os prémios!

3 de dezembro de 2014 celebra tudo isto: celebra a Plural&Singular e o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência... Em resumo celebra o dar voz a TODOS!

E estão TODOS convidados para a cerimónia: Centro Português de Fotografia | Edifício da ex-cadeia e Tribunal da Relação do Porto | Sala da Extensão Cultural e Educativa | Porto | 16h00 às 17h30 | 3 dez

Embora complete dois anos, este órgão de comunicação digital já vai em três no que diz respeito à comemoração do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, 3 de dezembro. Com o passar do tempo, a visão desta realidade, na ótica da Plural&Singular, vai sendo, cada vez mais, amadurecida.

Quem dá corpo a este projeto vai-se inteirando da multiplicidade de deficiências e incapacidades que existem, diferentes pontos de vista e realidades, problemas por resolver, novidades que os resolvem, de casos de sucesso, as histórias e os testemunhos... Tem-se construído a verdadeira “Inclusão na diversidade” que serve de mote para o concurso de fotografia que comemora todas estas efemérides e celebra a diversidade que caracteriza as PESSOAS. O Centro Português de Fotografia juntou-se à Plural&Singular na VOZ e no ALERTA mas também na FESTA. Apelou-se a fotógrafos, amadores ou profissionais, que responderam afirmativamente e o verdadeiro sentido de inclusão foi retratado, mostrando a presença ou ausência dela no meio que nos rodeia para fazer com que TODOS reflitam sobre o que é uma sociedade caracterizada pela diversidade. Este é mais um passo importante no crescimento da Plural&Singular que, modéstia à parte, tem conseguido fazer o papel que lhe compete e tem contribuído para colocar a área da deficiência na rota da actualidade, na “ordem do dia” e no panorama da comunicação.

TODOS e para TODOS!

FICHA TÉCNICA

Sede e redação: Avenida D. João IV, nº 1076, Blc C, 4.º Esq. 4800-534

Guimarães

Tel.: 913 077 505

Email: geral@pluralesingular.pt

Site: www.pluralesingular.pt

Colaboradores: Catarina de Castro Abreu

(geral@pluralesingular.pt),

Paula Fernandes Teixeira

(paulateixeira@pluralesingular.pt),

Sofia Pires

(sofiapires@pluralesingular.pt)

Rita Machado

Publicidade: Tel.: 913 077 505

Email: publicidade@pluralesingular.pt

Webdesign: Pedro Teixeira (jpdteixeira@gmail.com)

Design gráfico: Ricardo Oliveira (oliveira_315@hotmail.com)

Foto de capa: De José Pedro Martins (vencedor do concurso de fotografia “A inclusão na Diversidade”)

Projeto Judo Total vence Prémio Ética Desportiva



O Projeto Judo Total recebeu na Gala do Desporto, que se realizou a 12 de novembro no Casino Estoril, o Prémio Ética Desportiva 2014, atribuído pelo Plano Nacional de Ética no Desporto e Instituto Português do Desporto e Juventude.

Em informação remetida à Plural&Singular, o Comité Paralímpico de Portugal (CPP) destaca esta atribuição e descreve este projeto.

O Clube de Judo Total, sob o lema “Adapta-se a ti”, desenvolve o ensino e prática do judo para todos os interessados, independentemente da sua idade, género ou qualquer outra condição.

No Clube de Judo Total encontram-se atletas com várias deficiências que treinam e evoluem em conjunto, participando em várias competições a nível nacional e internacional.

O atleta Miguel Vieira integrado no Programa “Esperanças Paralímpicas” é um dos nomes maiores deste conjunto de atletas.

O Prémio Ética Desportiva é uma iniciativa conjunta da Secretaria de Estado do Desporto e Juventude, Instituto Português do Desporto e Juventude e Plano Nacional de Ética no Desporto que anualmente premia as personalidades ou instituições que se destaquem na promoção da ética desportiva e dos valores no desporto como o respeito, tolerância, espírito de equipa, fair-play, verdade, entre outros.

Conclusões do Encontro Nacional de Deficientes entregues na Assembleia da



A Confederação Nacional dos Organismos de Deficientes (CNOD) anunciou que decidiu entregar as conclusões do seu 22.º Encontro Nacional de Deficientes, que a realizou em novembro, em Setúbal, aos diferentes grupos parlamentares da Assembleia da República.

Mais de 200 participantes, oriundos de diversas zonas do país e de diferentes organizações de pessoas com deficiências estiveram presentes no evento.

Depois do encontro, desfilaram em protesto pelas ruas de Setúbal e contactaram com a população para afirmar as principais reivindicações dos portugueses com deficiência. Das conclusões do encontro destacam-se as seguintes reivindicações: No âmbito do sistema público de Segurança Social: Alargamento da

rede de equipamentos às pessoas com deficiência; Revalorização das pensões de invalidez; Revalorização da bonificação por deficiência.

Na saúde: Isenção total nas taxas moderadoras; Gratuitidade na obtenção de atestados multiusos de incapacidade; Criação de centros distritais de avaliação de incapacidades; Medicamentos para doenças crónicas.

Na educação: A reposição dos docentes no ensino especial e de assistentes que garantam o apoio às necessidades especiais de crianças e jovens.

Enquanto no trabalho e emprego: Apoio técnico e financeiro à contratação de trabalhadores com deficiência; Emprego protegido; Redução do elevado desemprego de pessoas com deficiência; Cumprimento da legislação sobre o emprego entre as quais o que o obriga o cumprimento das quotas de admissão de pessoas com deficiência

Cidadania: Reforço da participação do governo às ONGPD; Melhorar as acessibilidades e garantir os atendimentos por língua gestual e braile; Que as verbas destinadas às ajudas técnicas garantam justiça, transparência e celeridade na sua aplicação.

Valongo cria Prémio de Mérito Municipal de Integração de Pessoas com

A câmara de Valongo aprovou por unanimidade no final de novembro a criação do Prémio de Mérito Municipal de Integração de Pessoas com Deficiência.

De acordo com o regulamento do projeto, este tem “natureza meramente simbólica, constituindo um testemunho de apreço e uma forma pública e solene de homenagear as entidades empregadoras que se distingam na integração profissional das pessoas com deficiências e incapacidades”.

O prémio destina-se a entidades

públicas e privadas, com e sem fins lucrativos do concelho de Valongo. Para levar a cabo esta iniciativa a autarquia de Valongo vai criar uma comissão de avaliação, constituída por três dos elementos parceiros da Rede Social: a própria autarquia, o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP)/Centro de Emprego de Valongo e a Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) do concelho que tenha o maior número de respostas em funcionamento no âmbito da deficiência.

Editores portuguesa Luso Reads adapta obras para leitura fácil



Em novembro, a Luso Reads, uma editora especializada na publicação de livros de Leitura Fácil em língua portuguesa, apresentou-se em Lisboa e no Porto com o lançamento de “O Fantasma de Canterville” de Oscar Wilde em versão adaptada à Leitura Fácil.

De acordo com informação retirada do site desta editora, a Luso Reads é “a primeira editora especializada na publicação de livros de Leitura Fácil em português”.

“Nasce com o objetivo de dar resposta às necessidades diferenciadas dos leitores e assegurar uma oportunidade real de leitura para todos”, lê-se na informação sobre o projeto. A Luso Reads quer, assim, permitir que “pessoas com dificuldades de aquisição da leitura ou níveis baixos de literacia possam aceder aos mesmos livros que os restantes leitores e ser atendidos na diversidade através da inclusão”.

Em Lisboa a apresentação decorreu a 25 de novembro na Livraria Almedina no Atrium Saldanha. O evento contou com a presença do cabeleireiro Eduardo Beauté que tem um filho com Trissomia 21. No Porto, no dia seguinte, na Livraria Almedina do Arrábida Shopping, em Vila Nova de Gaia, marcou presença da gestora da área de apoio a projectos da Federação Nacional de Cooperativas de Solidariedade Social (FENACERCI), Sandra Marques, que revelou ter vindo a dedicar-se à área da Leitura Fácil há vários anos.

Badminton é novidade nos Jogos Paralímpicos Tóquio2020



O badminton integra a lista de 16 desportos já definidos para o programa dos Jogos Paralímpicos Tóquio2020, sendo esta a primeira vez da modalidade neste evento. De acordo com um comunicado do Comité Paralímpico Internacional (IPC), publicado no site do Comité Paralímpico Português (CPP), realizou-se no início de outubro uma reunião após uma reunião em Berlim que serviu para determinar quais as primeiras 16 modalidades dos Jogos de Tóquio2020. Esta lista poderá vir a ser alterada em nova reunião agendada para janeiro, podendo chegar às 23 modalidades.

O badminton é a modalidade nova na lista divulgada pelo IPC.

Bruxelas: Ação de sensibilização da ACAPO



A Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), em parceria com membros da União Europeia de Cegos, promoveu, em Bruxelas, a iniciativa “High Speed Blind Dates”. Tratou-se de uma ação de sensibilização dirigida aos parlamentares europeus. A iniciativa contou com diversas atividades interativas, que visavam consciencializar os eurodeputados sobre as dificuldades que os cidadãos com deficiência visual enfrentam no desempenho das suas tarefas da vida diária, e que a maioria realiza autonomamente. Os eurodeputados tiveram ainda a possibilidade de realizar um “check-up” às suas páginas na internet para testar a acessibilidade para utilizadores com deficiência visual.

Tondela: Câmara adquire carrinha para pessoas com deficiência intelectual



A câmara de Tondela adquiriu uma carrinha, preparada para transportar duas cadeiras de rodas, que visa a melhoria da mobilidade de pessoas com deficiência, lê-se numa nota publicada no site oficial desta autarquia. “Através de um elevador instalado na parte de trás, os alunos em cadeira de rodas dispõem agora de um novo veículo adaptado que lhes confere toda a facilidade num apoio social diferenciado com vista à melhoria das suas deslocações”, descreve a autarquia de Tondela. Este veículo soma-se num serviço de transportes adaptados que contava com uma carrinha de nove lugares e outra adaptada para o transporte de cadeiras de rodas. “Procura a otimização dos serviços, apostando numa evidente melhoria da qualidade de resposta para com quem, diariamente, se depara com um conjunto de barreiras, essen-

cialmente físicas mas que, sem um conjunto de adaptações, se podem tornar castradoras na igualdade de oportunidades”, refere a autarquia a propósito do investimento feito. Trata-se de um serviço de transporte utilizado diariamente por três dezenas de alunos. O serviço é feito por dois motoristas e uma assistente operacional. São percorridos, semanalmente, mais de 1.250 quilómetros. Além de Tondela, existem serviços em outras cidades, nomeadamente para a sede da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão com Deficiência Mental (APPACDM) em Viseu ou para a sede da mesma instituição em Vila Pouca, no vizinho concelho de Santa Comba Dão. “Além de uma região de bem-estar, Tondela é cada vez mais um concelho de referência também no plano das políticas educativas inclusivas”, termina a nota da câmara.

Espaço de Integração Sensorial da Fundação LIGA inaugurado

A Fundação LIGA inaugurou em novembro o Espaço de Integração Sensorial na sede desta instituição, Rua do Sítio ao Casalinho da Ajuda, Lisboa. Este projeto, financiado pela Missão Sorriso 2013 e pela Associação D. Pedro V, permitiu criar um espaço especializado com equipamento específico para promover a exploração de sensações em ambiente seguro, de modo a que a criança seja capaz de as organizar em ações com

sentido, resultando na melhoria da independência na aprendizagem, no desenvolvimento motor, sensorial e postural, em todos os contextos do seu dia-a-dia. Dirigido a crianças e adolescentes com alterações neurológicas, perturbações do espectro do autismo, entre outras, este espaço vai constituir uma das principais respostas da cidade de Lisboa na área da integração sensorial.

Não há lista de espera em implantes cocleares em crianças



O Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) anunciou que deixou de ter lista de espera nas cirurgias para implantes cocleares pediátricos - o programa de implantes cocleares dá prioridade aos doentes em idade pediátrica, mas inclui uma vertente de implantação em doentes adultos. Segundo o CHUC, a 23 de outubro foi operada a última criança que se encontrava em lista de espera, há mais duas cirurgias programadas e dez crianças estão em fase de estudo

como candidatas a receber um implante coclear. A Unidade Funcional de Implantes Cocleares, integrada no Serviço de Otorrinolaringologia do CHUC, colocou em 2013 40 implantes e em 2014 o número de implantes a colocar “será de 60”, havendo a projeção de aumentar o número para 70, em 2015. A unidade prevê um volume financeiro de dois milhões de euros em 2014.

Colaboradores do IPEiria e da Câmara Municipal de Óbidos “juntos pela inclusão”

O Instituto Politécnico de Leiria (IPEiria) e a Câmara Municipal de Óbidos realizaram em outubro uma iniciativa conjunta dedicada ao tema da inclusão. “O IPL e a cidade juntos pela Inclusão” foi o mote para um dia em Óbidos, onde foram realizadas atividades diversas, dirigidas a colaboradores das escolas, unidades e serviços do IPEiria e funcionários da câmara de Óbidos. “Ao descobrir a nossa região através dos nossos sentidos, com um olhar crítico, estimulamos a capacidade de entender e aceitar a diferença. Somos todos diferentes em termos físicos, intelectuais e culturais”, referiu Márcio Duarte, colaborador do IPEiria.

“Neste evento conseguimos colocar os participantes na pele de quem tem limitações e, deste modo conseguimos identificar defeitos e virtudes, na forma como as estruturas da região estão desenhadas para lidar com essa diferença, e propor sugestões de melhoria”, acrescentou. Cada participante foi convidado a fazer um donativo a favor da Associação Portuguesa de Deficientes (APD) – delegação distrital de Leiria, de acordo com o cariz social desta ação inclusiva. “A Associação Portuguesa de Deficientes foi selecionada por todo o trabalho que tem desenvolvido e impulsionado, ao nível do desporto adaptado”, salientou Márcio Duarte.

Diploma aprova BDR - SAPA



Foi publicada, em Diário da República, a Portaria nº 192/2014, relativa à criação da Base de Dados de Registo do Sistema de Atribuição de Produtos de Apoio (BDR - SAPA), que tem como objetivo garantir a eficácia do sistema, a operacionalidade e a eficiência dos mecanismos do Sistema de Atribuição de Produtos de Apoio, promovendo uma aplicação criteriosa do mesmo. O referido diploma estabelece a criação e manutenção da BDR - SAPA, através de uma aplicação informática centralizada, bem como o tratamento da informação no que respeita à referênciação, prescrição, atribuição, comparticipação e reutilização de produtos de apoio. A BDR - SAPA permitirá a desburocratização, a desmaterialização e a simplificação do SAPA, tornando possível o controlo da atribuição dos produtos de apoio a nível nacional, de uma forma mais eficiente e célere, permitindo aos organismos envolvidos, a caracterização e a consulta da informação dos seus beneficiários.

António Fagundes: “Tribos” trouxe uma nova sensibilidade sobre a comunidade surda

Nunca tinha tido contacto com a comunidade surda e não tinha amigos surdos. O desafio de Nina Raine, autora de “Tribos” (peça protagonizada por António Fagundes que está em cena durante o mês de outubro em Portugal e que se centra numa família em que um dos filhos é surdo), obrigou-o a estudar algo em que “nunca tinha pensado”. Um ano e meio depois sente que já consegue passar “uma carga de informação, de conhecimento e emoções” para o espectador.



A deficiência era uma temática que não lhe ocupava o pensamento: “A gente sempre pensa uma coisa ou outra mas não com a profundidade que é para fazer o espectáculo. Tanto eu, como o Bruno [filho de António Fagundes. Contracenam em “Tribos”], como qualquer pessoa do elenco, passou por esse processo. Agora esta peça está há quase um ano e meio em cartaz e a gente não fez outra coisa a não ser estudar isso”.

“A deficiência auditiva é um mundo novo para mim”, conta, ao mesmo tempo que realça o trabalho de “Nina Raine [autora de ‘Tribos’] que já facilitou o entendimento do problema da família”. Fagundes diz que ampliou “o conhecimento de deficiência, de outro tipo de identidades, de diferenças”.

Uma das melhores sensações que o espectáculo traz é a “compreensão do que é a vida destas pessoas, daquilo que é a comunidade surda tanto no Brasil como em Portugal”. Diz ainda que se chegou a emocionar muito. Positivo é também o feedback que recebeu por parte das pessoas que assistiram à peça, que contava com uma sessão com acessibilidade (interpretação em Língua Gestual) em cada cidade.

“Estamos a fazer espectáculos com acessibilidades em todas as cidades. Se na plateia estiver só uma pessoa surda já vale a pena. Temos uma resposta muito emocionada por parte dessas pessoas, porque não é usual promover-se estes espectáculos”, reflete.

E provavelmente para alguns poderá ser a primeira experiência: “De teatro, de ver uma peça, de entender um texto porque eles não tinham acesso antes. E isso é uma coisa que aconteceu no Brasil também”. Fagundes explica que faz teatro há 48 anos no Brasil e nunca se preocupou com isso. Nunca tinha pensado. Quando foi investigar no Brasil tem dez milhões de deficientes auditivos.

“É a população inteira de Portugal. E quantos desses dez milhões moram em São Paulo (cidade onde costuma fazer teatro)? Se lá houver uns 500 mil é uma cidade”, aponta. António Fagundes sente que “tem que pensar nessa comunidade que está excluída da sociedade cultural, de uma certa forma, porque ninguém pensou neles. E talvez porque eles não se tenham organizado suficientemente para que se pense”. “Mas agora estou pensando. No meu próximo espectáculo já vai ter acessibilidade e daqui para a frente eu vou fazer isso em todos os espectáculos”, prevê.

Durante o mês de setembro, António Fagundes participou num DEAF TALK (Ciclo de conferências dedicado à semana mundial da pessoa com deficiência auditiva) em Lisboa. Conta que ele e o elenco tiveram uma presença rápida para falar um pouco sobre a peça e sobre a aceitação da diferença. “Mas não acredito que tenha contribuído em nada a não ser com o meu apoio”.



Uma jornada pela Vida Independente

O que representam 180 quilómetros percorridos de cadeiras de rodas entre Concavada, em Abrantes, e Lisboa? É o preço da visibilidade que um tetraplégico português quer dar a uma causa que se tornou quase uma questão de vida ou de morte. É o preço que arriscou pagar por uma luta que não é só dele, mas de todos os que, como ele, procuram que o Estado faça jus ao artigo 19.º da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência que ratificou em 2009.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas



“Tenho uma tendinite no braço direito que insiste em não me deixar, a bexiga e os intestinos ainda não estabilizaram, mantenho dores nos ouvidos e mais algumas mazelas”, enumera Eduardo Jorge. Estas são as “chagas” resultantes do protesto que, em nome pessoal, o ativista arquitetou em prol da Lei pela Vida Independente.

“Achamos que era uma ação corajosa que significava muitos riscos para a saúde do Eduardo. Preocupou-nos esse facto do Eduardo estar a pôr em risco a sua saúde por um objetivo que nem era só dele”, comenta José Falcato, um dos membros do Movimento dos (d) Eficientes Indignados (MDI).

Todos os quilómetros desta ação foram percorridos por um objetivo coletivo: uma Vida Independente em que o Estado reconhece o igual direito de todas as pessoas com deficiência a viverem na comunidade, a participarem na sociedade em igualdade de oportunidades e, acima de tudo, com liberdade para escolherem o local de residência, assim como com quem vivem e o acesso universal a uma variedade de serviços domiciliários, residenciais e outros serviços de apoio, incluindo a assistência pessoal.

Esta lei, que tem estado na “ordem do dia” desde que há um ano atrás Eduardo Jorge avançou com uma greve de fome junto à Assembleia da República, vem sendo adiada pelo governo que às promessas feitas poucos avanços concretizou.

A Plural&Singular ficou a saber entretanto, pela presidente da Associação Portuguesa de Deficientes (APD), Ana Sesudo, que é de acordo geral, incluindo do governo, que antes da elaboração de uma Lei, devem existir projetos-piloto experimentais de um serviço de assistência pessoal.

Tanto a Comissão para a Deficiência, na qual têm acento, além da APD, também a HUMANITAS – Federação Portuguesa para a Deficiência Mental e a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), como o MDI concordaram com o Governo que antes da elaboração de uma Lei, devem existir projetos-piloto experimentais de um serviço de assistência pessoal, “para que se pudessem tirar conclusões da melhor maneira de organizar a Vida Independente em Portugal”.

“Porque nós temos a informação de imensos projetos de Vida Independente a nível internacional, mas a experiência com um projeto-piloto serve para testar as peculiaridades portuguesas porque não queremos aplicar soluções que não se adaptem em Portugal”, diz José Falcato.

“E até a própria pessoa com deficiência tem que, de alguma forma, estar capacitada e sensibilizada para aquilo que é este conceito de Vida Independente que é completamente diferente daquilo que temos hoje em dia em Portugal: pessoas que estão institucionalizadas ou pessoas que estão dependentes de terceiros, ou algumas que vivem em casa e têm apoio de terceiros mas o conceito de Vida Independente vai muito para além disso. E portanto nós pensamos que um projeto-piloto nesta área tinha que, obrigatoriamente, envolver algum grupo de pessoas com deficiência”.
Ana Sesudo

O MDI entende que o projeto-piloto deve ser estendido a um máximo de 100 pessoas com deficiência a nível nacional obedecendo a três princípios chave inerentes ao conceito de Vida Independente: pagamento direto às pessoas com deficiência para que sejam elas as responsáveis pela contratação dos seus assistentes pessoais e que sejam elas a definirem que formação os assistentes devem ter e mesmo formá-los se for caso disso e se tiverem capacidade para tal.

“Um dos pilares fundamentais e baseados nos conceitos de Vida Independente a nível internacional é que a contratação do assistente pessoal é feita pela pessoa com deficiência. Há uma comparticipação do Estado, de facto, mas é atribuída à pessoa com deficiência para poder gerir aquela verba e contratar o assistente pessoal para aquelas que são as suas necessidades específicas”, concorda Ana Sesudo da APD.

Esta ação de protesto não teve apenas repercussões na saúde de Eduardo Jorge. Para além do apoio de muitos que aderiram e acompanharam o protesto - que serviu como uma chamada de atenção para esta realidade dirigida à sociedade civil - da parte da administração central foi colocado um comunicado no site do governo

no final do dia 23 de setembro em que o mesmo assume que está em curso a criação da figura dos assistentes pessoais para pessoas com deficiência através de projetos-piloto de programas de formação. Segundo o MDI esta iniciativa não dá resposta às reais necessidades de quem vai usufruir dela e “retira a capacidade das pessoas com deficiência contratarem um assistente pessoal e serem elas a escolher”.

“Um assistente pessoal é uma pessoa que entra na vida íntima da pessoa com deficiência, é uma pessoa que lhe dá banho e lhe trata das coisas mais íntimas e tem que haver alguma empatia entre essa pessoa com deficiência e a pessoa que vai contratar e pensámos que é completamente lógico que seja a pessoa com deficiência a escolher quem o trate, quem o acompanhe, quem o apoie e quem o ajude nas suas tarefas. Por outro lado, não há melhor especialista naquilo que uma pessoa precise do que a própria pessoa”, explica José Falcato. Ana Sesudo diz que a Comissão para a Deficiência tomou conhecimento do “primeiro draft” do projeto-piloto avançado pelo governo para a formação de assistentes pessoais, mas ainda aguarda pelo documento do projeto final que o Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social (MSESS) já pôs em marcha no início de outubro.

“Na altura o parecer da APD foi de que seria uma formação, basicamente, para cuidadores e não teria propriamente a ver com o conceito que entendemos de assistente pessoal e daquilo que são os conceitos de Vida Independente”, refere.

Embora no comunicado o governo assuma que o projeto-piloto contou com “o envolvimento da Comissão para a Deficiência”, Ana Sesudo garante, que depois deste parecer, a APD não teve acesso a desenvolvimentos, nem tem conhecimento de qual é o projeto final da formação. Além do mais, o governo acusa o MDI de não ter “apresentado qualquer proposta de conteúdo” e que as ideias apresentadas “não passaram, por isso de processos de intenções e princípios sem qualquer concretização de um projeto a operacionalizar”. E ainda, no comunicado, volta a frisar a participação da Comissão para a Deficiência na elaboração do Plano de Formação do Programa de Formação para APPDI dizendo que o

mesmo “ficou concluído, integrando os contributos das entidades representadas na Comissão para a Deficiência”. “Quando o Governo reagiu à ação do Eduardo diz que tem agido sempre em consonância com as organizações das pessoas com deficiência, isso não é verdade. E não é verdade porque quer a ACAPO, quer a APD concordam com as nossas posições naquilo que são os princípios básicos do Movimento pela Vida Independente”, sublinha José Falcato.

Sobre os atuais contornos da formação para assistentes pessoais o MDI diz que “o Governo não quer, no fundo, dar o poder às pessoas com deficiência de gerirem as suas vidas” e que, por outro lado, “existe um lóbi muito importante de quem tem instituições que fazem internamentos que deixariam de ter tanto peso se fosse promovida uma política de Vida Independente”. “Eu diria que isto poderá ter surgido porque existiriam verbas disponíveis relativamente ao quadro comunitário de apoio que deveriam ser aplicadas neste sentido”, supõe a presidente da APD.

Mas a luta continua... E enquanto a APD aguarda por uma nova reunião “para saber qual é o ponto da situação relativamente àquilo que foi anunciado pelo governo”, o MDI garante que fará outras ações de protesto para não deixar cair no esquecimento esta questão.

Também Eduardo Jorge, que saiu à rua no dia 23 de setembro, mas depois de terminar a viagem, a 25 de setembro, ainda aguarda por “novidades”, diz que vai “reiniciar” o que deixou a meio, ou seja, vai dar continuidade à greve de fome que suspendeu no ano passado se o governo, no prazo de seis meses, não cumprir “o que prometeu no dia 6 de outubro de 2013”.



Entrevista a Eduardo Jorge

Plural & Singular (P&S) - Depois do descanso merecido e de um maior distanciamento, que balanço faz da viagem de protesto que completou a 25 de setembro?

Eduardo Jorge (EJ) – Um balanço positivo, principalmente por ter conseguido chegar ao destino sem nenhum problema de maior.

P&S – Que momentos lhe marcaram mais?

EJ – Foram muitos. Vivi emoções inesquecíveis e momentos ímpares. Mas destaco o momento em que senti o apoio das primeiras pessoas ao sair da minha casa, o carinho do povo do Tramagal e do grupo que me esperava no Rossio ao Sul do Tejo. Pensei: afinal não estou sozinho.

P&S – Como foi o apoio que teve ao longo do percurso?

EJ – Não consigo explicar por palavras. A solidariedade por parte das pessoas comoveu-me. Houve pessoas que me acompanharam a pé durante algum tempo, de bicicleta durante vários quilómetros, de cadeira de rodas...o grupo de utentes do Centro de Apoio Social da Carregueira, presentes na berma da estrada com cartazes de incentivo, a senhora com idade avançada que me entregou um envelope fechado que continha 20 euros, o José Dias que se disponibilizou para cuidar de mim durante a noite de 24 para 25, as autarquias do Tramagal, Abrantes, Alpiarça, Almeirim e Alverca do Ribatejo que tudo fizeram para ajudar, as pizzas oferecidas pela Pizza-

Massas de Almeirim, a comidinha e mimosinhos trazidos pelo casal Fátima e Davide Susca, o inesquecível bolo de chocolate e ginjinha oferecida pela Anabela Fernandes, outros mimos trazidos pela Cristina Miguel, Sara Dias, bolos de noiva pelas colegas Lúcia e Luísa, visita do João Ramalho em circunstâncias muito especiais, carta entregue pelo casal Carraço, a calorosa e animada receção da Mithós em Vila Franca de Xira, etc., etc., etc.

P&S – Como foi a chegada a Lisboa?

EJ – Foi um grande alívio. Uma sensação de missão cumprida. E muito reconfortante verificar que alguns amigos me aguardavam.

P&S – Em termos práticos, O seu protesto surtiu o efeito que pretendia? Que desenvolvimentos trouxe à luta pela Vida Independente?

EJ – Sim, o objetivo era entregar no Ministério e Solidariedade e Segurança Social uma carta aberta e isso aconteceu. Desenvolvimentos somente a publicação de um comunicado por parte do governo onde informa que estão a trabalhar na criação da figura dos Assistentes Pessoais para pessoas com deficiência.

P&S – E agora, qual é o próximo passo?

EJ – Aguardar durante os seis meses que dei ao governo para cumprir promessas. Caso não cumpra o prometido vou voltar à greve de fome e desta vez até morrer.

Mais sobre os projetos-piloto de Programas de Formação para Assistentes Pessoais para Pessoas com Deficiência e Incapacidade

O governo assume que a Vida Independente dos cidadãos com deficiência em Portugal é “uma prioridade”, que deve acima de tudo “preservar, garantir e salvaguardar os superiores interesses e direitos das pessoas com deficiência, bem como salvaguardar eventuais questões éticas e jurídicas deste processo”. Aliás, o Programa Operacional da Inclusão Social e Emprego (POISE 2014-2020) tem previsto como eixo prioritário de investimento no âmbito da deficiência os Modelos de Apoio à Vida Independente em alternativa à institucionalização, sendo o serviço de Assistência Pessoal um dos segmentos deste tipo de resposta inovadora que aposta na satisfação das necessidades das pessoas com deficiência e incapacidade, promovendo a sua participação em condições de igualdade com as demais pessoas.

O MESS decidiu, nesse sentido, avançar com projetos-piloto de Programas de Formação para Assistentes Pessoais para Pessoas com Deficiência e Incapacidade que, segundo Ana Sesudo, não encaixam em nenhum modelo de apoio à Vida Independente internacional. E por isso, apesar da APD não ter nada a opor contra esta formação, a presidente tem dúvidas que seja realmente um passo na ajuda na criação de legislação no âmbito da Vida Independente.

Para criar a figura de assistentes pessoais para pessoas com deficiência o MESS vai investir 441 000 euros nestes programas-piloto que podem abranger um total de 300 formandos.

“Estão já constituídas turmas na Região Norte e Centro, e na Região do Alentejo os formandos estão em fase de seleção”, adianta o comunicado no site do governo. A APD diz que a Comissão para a Deficiência não teve qualquer contributo na escolha da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) como parceiros para este projeto-piloto.

No comunicado, o MESS garante que, juntamente com a Segurança Social, tem procurado resolver todos os casos reportados aos serviços, ou endereçados por correio eletrónico, “em estreita colaboração com as entidades parceiras da rede social em cada comunidade, no sentido de responder o mais ajustadamente possível às necessidades quotidianas destes cidadãos”.

Nestes casos a APD aconselha que, quem se dirija à Segurança Social para fazer o pedido e falar com uma assistente social para expor a situação, “exija um comprovativo que lá esteve a apresentar a situação e que alguém o recebeu e que deu alguma resposta”.

“Deve exigir a resposta por escrito que é uma coisa que faz muita falta nos nossos locais de atendimento público. Porque quando chegamos a uma secretaria de Estado ou a um Ministério e dizemos, ‘mas nós temos não sei quantas queixas assim e assim’ e a resposta que nós temos é que eles não têm lá pedidos. E é verdade, muitas vezes não têm pedidos porque eles são recusados só verbalmente”, explica Ana Sesudo.



Carlos Iglésias
Jurista

Lei dos Homens

Nas edições anteriores, temos vindo a analisar o Regime Jurídico das Organizações Representativas das Pessoas com Necessidades Especiais, matéria a que daremos continuidade na presente edição.

Referimos então, quanto ao escopo estatutário destas organizações, que elas visam a defesa e a promoção dos Direitos e Interesses das Pessoas com Deficiência e suas Famílias, em ordem à integração social e familiar dos seus membros, à respetiva valorização e realização pessoal e profissional, nos termos do disposto na alínea a) do n.º 1 do artigo 3º do Decreto-Lei nº 106/2013, de 30 de julho, tendo nós então advogado que esta atuação é igualmente proativa.

Nas alíneas b) e c) deste mesmo preceito, o Legislador enunciou como escopo estatutário possível destas ONGPD, respetivamente, a eliminação de todas as formas de discriminação das Pessoas com Deficiência e a promoção da igualdade de tratamento das mesmas Pessoas.

A discriminação é, como sabemos, uma forma de tratamento desigual. Todavia, o Legislador entendeu separar ambos os conceitos, salvo melhor, por forma a se considerarem, em concreto, as situações de discriminação inultrapassáveis em função da deficiência ou em decorrência desta, daquelas que subsistem na sociedade, por preconceito, sem justificação objetiva, mormente, na atualidade, em que, designadamente através de meios tecnológicos é possível a eliminação de barreiras antes intransponíveis.

Estes dois objetivos, mais do que constituírem um escopo de qualquer ONGPD, devem constituir vetores em que deverá assentar a sua atuação na defesa e promoção dos Direitos e Interesses das Pessoas com Deficiência e suas Famílias, a que se refere a alínea a) deste preceito.

Acrescente-se, que estes dois objetivos incentivam estas Organizações a contribuir para a sensibilização dos Poderes Públicos e da Sociedade em geral, em concreto e em cada momento histórico, para a conformação do conteúdo do princípio constitucional da igualdade, a que se refere o artigo 13º da Lei Fundamental, com as adaptações decorrentes do seu artigo 71º, que obriga a uma leitura específica daquele preceito.

Por fim, o Legislador, no n.º 2 do artigo 3º, em apreciação, veio estabelecer uma cláusula geral, que permite a adoção de outros fins compatíveis com os acima enunciados, isto é, que não os contrariem e, em nosso entender, que assumam um carácter complementar face aos expressamente indicados na Lei, pois, salvo melhor, tais Organizações devem submeter-se a um princípio de especialidade, ou seja, não deverão prosseguir em simultâneo com os objetivos de defesa e promoção dos Direitos e Interesses das Pessoas com Deficiência outros objetivos que com estes não tenham qualquer conexão.

Na conformação do seu escopo estatutário e no desenvolvimento concreto das atividades dirigidas à sua prossecução, as ONGPD'S gozam do princípio da autonomia, nos termos do disposto no artigo 7º do Decreto-Lei nº 106/2013, em apreciação. O n.º 2 deste preceito, estabelece que: as ONGPD'S escolhem livremente as suas áreas de atuação e prosseguem autonomamente a sua atividade. Desta disposição, extraem-se, desde logo, três proposições: que as ONGPD'S definem o seu escopo estatutário, livremente, de acordo com o âmbito legal que este pode assumir, nos termos do disposto no presente Decreto-Lei; que de entre este escopo estatutário, em cada momento, cada ONGPD poderá desenvolver atividades dirigidas à prossecução da totalidade ou de parte do mesmo escopo estatutário; e que qualquer destas atividades é prosseguida com autonomia, isto é, de acordo com a sua perspetiva, definida pelos seus órgãos competentes, não ficando dependente da orientação, designadamente dos Poderes Públicos.

Relativamente à primeira questão, tendo as ONGPD'S natureza privada, a norma estatutária que define o respetivo escopo não tem que ser cumprida integralmente em cada momento histórico. Os respetivos Órgãos Competentes poderão, mediante Deliberação, prosseguir a totalidade ou apenas parte daquele escopo, contrariamente ao que ocorreria se estivessem em causa entidades públicas, em que, salvo indicação em contrário do Legislador, aquele escopo teria que ser integralmente prosseguido.

SAÚDE E BEM-ESTAR



Dia Nacional da Paralisia Cerebral



Beatriz Condeça; Maria Martin
Médicas especialistas em Medicina Física e de
Reabilitação do Centro de Medicina de Reabilitação
de Alcoitão

“Novas Competências para a Deficiência: é possível conduzir sem estar a 100%?”

Ter aptidão ou seja, possuir uma licença para conduzir, constitui uma mais-valia para o seu portador, numa sociedade em que tudo acontece muito rápido. Exige-se, portanto, uma capacidade de movimentação igualmente rápida. As patologias, congénitas ou adquiridas, de que resultam sequelas, nomeadamente motoras, condicionam de alguma maneira a mobilidade do seu portador. Então, neste contexto, poder conduzir um veículo pode fazer a diferença para empreender ou manter uma vida ativa e participativa na sociedade. Mas, como conduzir com deficiência? Atualmente, com os avanços tecnológicos, dispomos de vários produtos de apoio para a condução. Estes produtos vieram alargar o leque da aptidão para condução permitindo a pessoas com funcionalidade reduzida conduzir e com um risco de acidente equivalente ao da população em geral.

Estes dispositivos permitem uma condução alternativa e, ao ultrapassarem e/ou substituírem a função

em défice, são encarados como quaisquer outros produtos de apoio possuindo código ISO e passíveis de prescrição médica. Este facto permite que estes, à semelhança dos outros, sejam abrangidos pelos benefícios sociais contemplados na Lei (atribuição/complicação pelo SNS ou subsistemas). O Centro de Mobilidade do Centro de Medicina de Reabilitação foi criado e desenvolvido para avaliar a aptidão para condução em contexto patológico com ou sem adaptações. Exerce esta actividade já desde 1999, tendo realizado mais de 2000 avaliações. Possui duas equipas de avaliadores constituídas cada por um médico fisiatra e um terapeuta ocupacional. Em cerca de 15 anos de atividade tem-se alcançado o objetivo de conciliar o rigor dos critérios da aptidão para conduzir com a aptidão para conduzir com disfunção. São estas duas facetas da avaliação que podem contribuir, por um lado, para melhorar a segurança rodoviária e por outro, para potenciar as competências de um indivíduo.

PLURAL & SINGULAR



CONVITE

O Centro Português de Fotografia e a Plural&Singular, convidam para a cerimónia de entrega de prémios do concurso de fotografia "A inclusão na diversidade", que assinala o 2.º aniversário deste órgão de comunicação e o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência.

Edifício da ex-Cadeia e Tribunal da Relação do Porto
16h00 às 17h30 | 3 dez de 2014

cpf
CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA



Jorge Cardoso
Psicólogo Clínico/Sexólogo, Professor Universitário
jorgecardoso.psi@gmail.com

A imagem corporal

A imagem corporal é a percepção que temos do nosso corpo, não só em relação à aparência física, como também no que diz respeito à integridade e funcionalidade do mesmo. O modo como vivenciamos a corporalidade resulta de um processo, iniciado precocemente e atualizado durante toda a vida, durante o qual integramos e organizamos todas as experiências corporais.

Nas estruturação da imagem corporal destacam-se fatores pessoais e aspetos socioculturais. Os primeiros, contemplam as crenças acerca do interior do corpo e das relações entre o corpo e o exterior; os segundos, remetem para a representação do corpo partilhada pela matriz sociocultural em que nos encontramos inseridos. A forma como apreendemos a interioridade corporal passa preponderantemente pela ideia que detemos sobre a localização e o funcionamento dos órgãos e sistemas corporais, sendo influenciada pela idade, pelo estado psicológico e, sobretudo, por situações de doença ou deficiência. Relativamente às fronteiras entre o corpo e tudo o que lhe é exterior, podemos imaginar-nos rodeados por quatro círculos invisíveis, que funcionam como uma espécie de “peles simbólicas”, reguladoras da proximidade admitida, consoante as circunstâncias, entre o nosso corpo e os outros corpos. O círculo mais afastado é o da distância pública, onde não são previsíveis quaisquer interações corporais, sendo mesmo desejável a manutenção de algum afastamento. Por exemplo, numa situação de transporte público, sentimo-nos desconfortáveis quando os 20cm entre o nosso corpo e o de outrem são ultrapassados. Segue-se o círculo da distância social, no qual ocorrem interações casuais, designadamente o cumprimentar, que já pode envolver algum contacto físico momentâneo. O círculo da distância pessoal, que corresponde aquilo que encontramos, por exemplo, nas relações de amizade ou com familiares significativos, permite uma proximidade evidente, traduzida em gestos e contactos corporais expressivos de afecto. O último círculo é o da distância íntima, que somente pode ser transposta por aqueles com quem se tem uma relação íntima, geralmente de carácter amoroso, sendo inclusive expectável a interpenetração corporal e a troca de fluídos orgânicos.

A influência sociocultural traduz-se na normatização de ideais de forma, tamanho, beleza, aptidão física, saúde e de atração sexual, definindo também quais as partes do corpo que devem ser consideradas públicas e privadas. As pessoas com uma fraca autoimagem corporal sentem-se insatisfeitas com o seu aspeto corporal. Frequentemente cometem erros de autoanálise, realizando generalizações negativas a partir de um único indício de não correspondência ao padrão idealizado; preocupam-se excessiva e permanentemente com a corporalidade, desenvolvendo uma ansiedade constante, centrada sobre o corpo; julgam que a sua aparência é alvo de avaliação e crítica por parte dos outros; evitam contextos de interação social, principalmente situações em que tenham que se expor corporalmente; tendem a disfarçar as suas formas corporais, quer através daquilo que vestem, quer recorrendo a artifícios cosméticos... e até cirúrgicos; alteram de forma patológica os seus comportamentos alimentares, muitas vezes com prejuízos sérios para a saúde física e psicológica; e, não raras vezes, realizam autoexames físicos excessivos.

Pelo contrário, uma autoimagem corporal positiva tende a associar-se a uma boa autoestima, autoconfiança e autoeficácia; vitalidade e energia; percepções de capacidade de despertar sentimentos de atração e desejo nos outros; respeito pelo corpo, com adoção de hábitos saudáveis; e, fundamentalmente, a um sentimento de liberdade de expressão corporal, desprovida de condicionalismos rígidos.

Concluindo, a capacidade de identificar as inúmeras pressões socioculturais referentes ao “trabalhar” do corpo, conseguindo desenvolver uma atitude crítica sobre as mesmas, a par de percepções flexíveis sobre os padrões de beleza corporal e da valorização de outras características para além da aparência física, permitem-nos uma postura saudável e equilibrada perante o nosso corpo, com consequências positivas sobre a qualidade de vida.



8.º Congresso Nacional de Terapia Ocupacional



De dois em dois anos a Associação Portuguesa de Terapeutas Ocupacionais – APTO, promove a realização do congresso nacional dos seus profissionais. No próximo ano de 2015, iremos realizar o 8.º Congresso Nacional de Terapia Ocupacional. Este acontecerá de 16 a 18 de abril, em Fátima, nas instalações do Centro João Paulo II. Desde já queremos publicamente agradecer ao Centro João Paulo II e à Santa Casa da Misericórdia de Ourém a gentil cedência das suas instalações para implementarmos este evento.

Tal como em congressos anteriores, este será o momento de reunião de todos os terapeutas ocupacionais, criando assim uma oportunidade única de troca de experiências, saberes, ideias, intervenções e projetos.

O tema que dá o mote aos trabalhos do congresso é “Pensar a prática, olhar o futuro...”. É o que pretendemos que aconteça! Que pensem na nossa prática, refletindo sobre ela e perspetivando o futuro, que se prevê agitado e com alterações a diversos níveis.

Sabemos que todas as mudanças sociais, económicas e culturais da atualidade têm grande influência na vida do dia-a-dia de todas as pessoas. Estas mudanças trazem alterações sistemáticas de hábitos, rotinas e papéis nas populações. Nós, terapeutas ocupacionais, teremos de as acompanhar adequando a nossa intervenção, a nossa abordagem, a nossa prática clínica bem como a compreensão dos contextos e dinâmicas adjacentes.

Desta forma achamos importante reflectir sobre estas

mudanças, sobre as alterações de saúde associadas às alterações de hábitos e rotinas, sobre as novas dinâmicas das tecnologias e a influência destas nas pessoas. Neste congresso vamos contar com a participação de colegas estrangeiros e portugueses promovendo a divulgação de atuações e abordagens, partilhando com os participantes a atualidade nacional, bem como a realidade europeia e mundial.

Além das palestras e comunicações poderemos contar com workshops pré congresso e, consequentemente, aprendizagens de carácter mais prático que este tipo de formato permite. Teremos ainda várias iniciativas paralelas como a exposição de equipamentos e produtos de apoio, a exposição de posters, a implementação de concursos de fotografia, ou outros. Tal como em eventos anteriores, onde contámos com a colaboração de Instituições Privadas de Solidariedade Social, também neste iremos recorrer ao seu apoio. Os brindes oferecidos aos oradores e moderadores são, de modo geral efetuados em Centros de Atividades Ocupacionais de Instituições de Solidariedade Social. Os grupos de dança ou teatro que animam os intervalos do congresso são de entre outros de instituições, onde terapeutas ocupacionais exercem a sua profissão, que connosco partilham os seus projetos, dando-os a conhecer a todos os colegas. Já temos confirmado o apoio de alguns organismos e entidades bem como o patrocínio de diversas empresas de produtos de apoio e de alguns dos nossos parcei-

ros protocolados. Desta forma prevemos ter uma área de exposição de materiais abrangente, diversificada e interessante, com produtos inovadores, criativos e úteis para a intervenção dos terapeutas ocupacionais e para os seus clientes. Este espaço é muito importante pois é aqui que a maioria dos profissionais toma contacto com as tecnologias mais recentes ao nível dos produtos de apoio sejam elas cadeiras de rodas, ajudas para o banho, alimentação ou vestuário, materiais lúdicos, produtos para prevenção de úlceras de pressão, baterias de avaliação, de entre outras. Também aqui teremos a participação de empresas de livros técnicos, de fardamento e, não menos importante, o stand da APTO. Neste, os profissionais e estudantes podem encontrar toda a informação sobre a associação, a sua intervenção, as temáticas mais emergentes em Portugal, dados estatísticos, dados gerais, de entre outros.

Queremos que exista uma participação massiva de terapeutas ocupacionais e estudantes seja esta pela participação ativa através da apresentação de propostas de comunicações livres ou posters, nos concursos, pela presença no congresso ou simplesmente pela divulgação do evento pelos meios ao seu alcance (e-mail, facebook, twitter,...).

Estamos a desenvolver todos os esforços no sentido de lhe proporcionar um grande congresso e contamos consigo para o fazer ainda maior e melhor!



20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

Dia Nacional da Paralisia Cerebral

A 20 de outubro, numa segunda-feira, assinalou-se em Portugal, pela primeira vez na história do país, o Dia Nacional da Paralisia Cerebral, uma data que se revestiu de “festa” mas também serviu para alertar para os problemas enfrentados pelas 20 mil pessoas afetadas. A resolução que estabeleceu que 20 de outubro passaria a ser o Dia Nacional da Paralisia Cerebral foi publicada a 21 de março em Diário da República, 1.ª Série - N.º 57.

“Trata-se de um dia histórico e um marco importante na vida das pessoas com paralisia cerebral. Além da simbologia do dia instituído, pretende-se que seja, também, uma forma de dar maior relevância e visibilidade às pessoas com paralisia cerebral, sensibilizando a sociedade civil para a importância do respeito pela inclusão e para a necessidade de apoio na defesa dos seus direitos”, referia nessa data no seu site a Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral (FAPPC).

A paralisia cerebral é a deficiência motora mais frequente na infância. Caracteriza-se por um conjunto de défices permanentes dos movimentos e da postura, causados por algum distúrbio no encéfalo durante o desenvolvimento do feto na gravidez ou depois do nascimento.

Por ano, surgem em Portugal 200 novos casos, com cerca de metade a ter origem em nascimentos prematuros.

Uma avaliação feita em Portugal, em 2006, a todas as crianças com paralisia cerebral nascidas em 2001 (avaliação feita no âmbito do Programa de Vigilância Nacional da Paralisia Cerebral aos cinco anos de idade), concluiu que mais de 45% das crianças tinha uma dependência de terceiros para toda a vida.



Associação do Porto de Paralisia Cerebral

A inclusão mora aqui!

São 32 os residentes com paralisia cerebral da Villa Urbana, mas diariamente passam pelo equipamento centenas de pessoas de várias idades com e sem deficiência. Trata-se de um dos vários equipamentos da Associação do Porto de Paralisia Cerebral (APPC), instituição que completou este ano o seu 40.º aniversário

Texto: Paula Fernandes Teixeira
Fotos: APPC/ J. Paulo Coutinho



Foi a primeira vez que Portugal assinalou o Dia Nacional da Paralisia Cerebral mas a inclusão discute-se há mais de uma década na Villa Urbana, equipamento da APPC com 14 apartamentos desenhados para pessoas com paralisia cerebral: existem modelos T1, T2 e T3.

“Há quem prefira ter um quarto sozinho, quem goste de partilhar quarto... Procurou-se um formato misto”, descreveram os responsáveis.

A Villa Urbana localiza-se em Valbom, concelho de Gondomar, e salvo dois/três casos, quem vive ali tem afetação do nível motor e não cognitivo, pelo que sai diariamente para trabalhar ou estudar.

Ricardo Alves, técnico de som e imagem, de 38 anos, natural da África do Sul, é um dos residentes. Tem paralisia cerebral e a família é de Paços de Ferreira,

mas “já não fazia sentido estar lá com eles”, contou à Plural&Singular. Saiu de casa dos pais aos 18 anos, na Villa Urbana, partilha casa com dois colegas: um que está no Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) e outro que trabalha numa carpintaria.

Vê o apartamento deste equipamento da APPC como a “sua casa”, porque “ali pode levar amigos e sentir-se mais independente”, ainda que conte com apoio de substituição para o banho e refeições.

“Morar sozinho tem os seus desafios: coisas boas e más. Gosto do convívio. Gosto de sentir a independência. Nunca tive chatices com eles [referindo-se aos companheiros de casa]. Até ver pelo menos [risos]. E a relação é excelente com os vizinhos também”, descreveu Ricardo Alves.

20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

Em relação aos vizinhos, o técnico de som e imagem referia-se a uma estudante universitária e, uns metros mais à frente, a um dos maiores nomes do boccia nacional: Armando Costa, atleta da seleção portuguesa. Esses são os vizinhos de apartamento, da zona habitacional de uma extensa área totalmente acessível por elevadores e rampas.

Mas há também outros “vizinhos”: as crianças, os idosos e os jovens que frequentam atividades e valências da APPC, os clientes da piscina e do ginásio, quem recorre à cantina social – onde são servidas 65 refeições diariamente há cerca de ano e meio, projeto que é a “menina dos olhos” do presidente desta instituição, Abílio Cunha – os pais que vão buscar os mais novinhos e os filhos dos seniores, os dirigentes e técnicos, a comunidade gongomarense...

São 32 os residentes da Villa Urbana que têm paralisia cerebral, mas são centenas de pessoas com e sem deficiência que por ali passam diariamente. A inclusão mora ali!

Desde logo, ao lado das residências, o jardim-de-infância “Urbanitos” acolhe 70 crianças com e sem deficiência, ao que se somam 140 jovens e seniores do centro comunitário. Os mais velhos praticam ginástica de manutenção, boccia, hidroginástica... Os mais novos fazem atividades desportivas e artísticas, pólo aquático, guitarra, ténis e/ou estudam após as aulas...

“A ideia não era formar um ‘gueto’ para a paralisia cerebral. As valências surgem à volta ou em sintonia com as residências para que estas não estejam isoladas. Isto permite que isto tenha uma dinâmica e uma vida muito diferente”, descreveu a diretora técnica da Villa Urbana, Liliana Araújo.

“Há uma continuidade de serviços. Os serviços surgem das necessidades dos clientes. As crianças, que frequentaram o infantário, cresceram... Saiam do ATL [Atelier de Tempos Livres] e no 7.º, 8.º e 9.º os pais estavam preocupados e queriam que os miúdos estivessem na mesma neste espaço... Surgiu o centro comunitário”, acrescentou a responsável.

O GimnoVilla é um ginásio igual a todos os outros que estão espalhados pelas cidades. Já conta com 82 inscritos que podem conviver com o resto do espaço ou entrar e sair por uma área independente.

Aliás, a lógica do edifício é que cada serviço, o que inclui salas de formação, tenha a sua entrada e acesso ao exterior mas também possa estar ligado no interior para que a “grande família” – a última festa de Natal da Villa Urbana juntou mais de 1300 pessoas – se cruze e conviva... “Porta Aberta” é o nome da lavandaria que também tem acesso independente e serve a comunidade, enquanto “Work Out” é como se chamam as atividades destinadas aos colaboradores deste equipamento da APPC, ideia no âmbito da medicina no trabalho que visa prevenir lesões e orientar posturas.

Perto do parque infantil adaptado, há uma horta em declive... Como? Em jeito de socacos? Sim! As crianças chegam a uns sítios... As cadeiras de rodas a outros... O posicionamento e as alturas estão pensados em função do convívio, da troca de saberes, ou seja... Da inclusão! “Agora tenho em casa cidadãos diferentes, cidadãos melhores”, contou Liliana Araújo, citando um pai. “As nossas crianças com quatro anos olham para uma cadeira de rodas de uma forma completamente normal”, acrescentou a diretora técnica.

Mas nem sempre foi assim: no início houve quem não quisesse “misturas com a deficiência”. Hoje, esses pais prolongam o fim de tarde para verem as suas crianças “ao colo de cadeiras de rodas”, a fazer corridas ou para ir experimentar os bolos e biscoitos de uma das residentes da Villa Urbana que é especialista em doçaria.

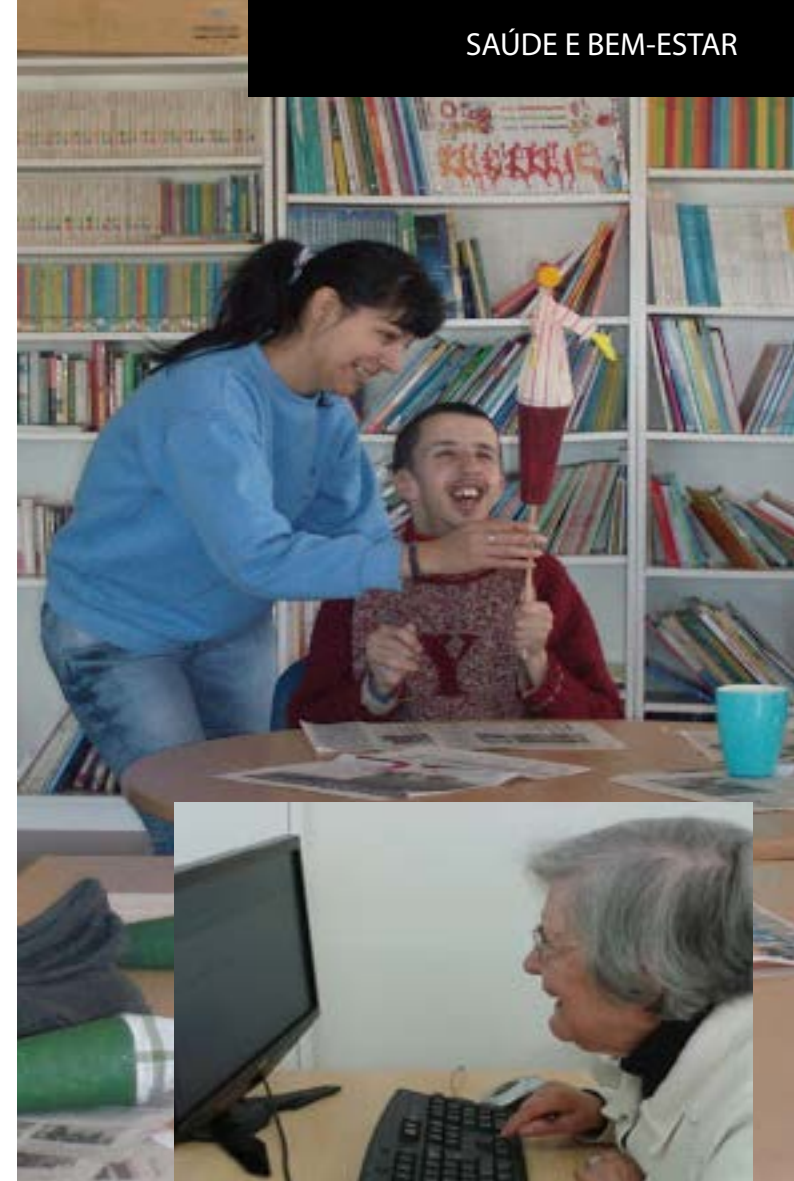
“A ideia da Villa Urbana surgiu no fim dos anos 90. Mas há uma ideia de residência e de preparar o futuro, já desde os anos 70, desde o início da associação”, explicou Joaquim Coutim, 1.º Provedor do Cidadão com Deficiência do concelho do Porto, membro da direção da APPC na década de 90, no documentário “APPC 40 anos”.

A Villa Urbana prepara, portanto, o futuro. Prepara crianças para as quais a inclusão é uma palavra do dicionário, cujo significado conhecem de cor e através dessas crianças prepara pais, adultos...

A Villa Urbana prepara o futuro porque acolhe cidadãos com paralisia cerebral que querem ter um futuro fora da casa da família, como a maior parte dos jovens faz quando atinge a idade adulta.

A Villa Urbana também no exterior prepara o futuro... Depois de uma reunião em que se apresentou à polícia – é que há 11 anos atrás quando a Villa Urbana surgiu em Valbom, alguns agentes chegaram a levar residentes “de volta” à instituição porque julgavam que estes tinham “fugido” quando estes tinham saído para tomar café depois do almoço ou para ir trabalhar – se apresentou à senhora da mercearia ou da confeitaria, a APPC começou a reparar nas rampas que foram aparecendo, por iniciativa própria, na Junta de Freguesia ou na farmácia por exemplo.

Mais! Uma cadeia de hipermercados que tem uma unidade comercial ali perto não tinha carrinhos de compras adaptados e colocou-os. Os residentes da Villa Urbana que, ao irem ali fazer compras nas suas cadeiras de rodas deram o alerta, agradecem. Outras pessoas que se deslocam em cadeira de rodas também.



20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral



A inclusão partiu da Villa Urbana até ao supermercado e ao café da esquina...

A APPC criou estas residências, dando seguimento à lógica com que nasceram no país as associações: iniciativa de pais que precisam de resposta para os filhos quando são pequenos e, depois, quando se tornam adultos.

Ao receio de desaparecer e de envelhecer dos pais, junta-se o desejo de autonomia dos filhos que na Villa Urbana de Gondomar vivem como num verdadeiro condomínio. Aliás, há eleições e campanha eleitoral de dois em dois anos para eleger representantes que por vezes organizam saídas para concertos e outros eventos.

“Damos capacidade aos residentes de dizerem o que está mal para se corrigir”, garantiu o presidente da APPC, Abílio Cunha, que neste capítulo destacou o papel do grupo de voluntários, cerca de duas dezenas, que acompanha os residentes nas saídas, como aconteceu por exemplo numa ida a um espetáculo da fadista Mariza, recentemente. O dirigente venceu, no entanto, que essa vertente, o voluntariado, obedece a programas específicos, a reuniões semanais e nenhum voluntário pode exercer a sua profissão. Há também comissões de pais em todos os serviços.

Quanto aos técnicos... Os residentes têm apoio? 24 horas se necessário. Para o banho, para as refeições, para o que necessitarem. E quem não trabalha/estuda fora e frequenta um CAO, não frequenta o da APPC, pois assim ficaria ali, no local onde vive... Frequenta um CAO de outra instituição, onde convive com outras pessoas... Por exemplo o colega de casa do Ricardo Alves sai pela manhã para um CAO fora da Villa Urbana.

E os horários? “Há flexibilidade. Todas as situações são negociadas”, garantiu Liliana Araújo. É que qualquer pessoa às vezes tem vontade de se deitar a uma determinada hora, outras vezes a outra...

Mais sobre a APPC

Por falar em “outra”... Ou, neste caso, “outros” braços de uma mesma instituição... Além do equipamento de Valbom, Gondomar, que tem 11 anos, a APPC dispõe de um Centro de Reabilitação localizado no Porto.

Criado em 1975, o Centro de Reabilitação da Associação do Porto de Paralisia Cerebral tem como objetivo atender prioritariamente crianças, mas também jovens e adultos com paralisia cerebral e situações neurológicas afins, no âmbito da habilitação e reabilitação, e genericamente pessoas com deficiência ou incapacidades que necessitem de avaliações e prescrições de produtos de apoio. Atualmente tem uma população de mais de 2.000 clientes, residentes nos distritos do Porto e Viana do Castelo, norte do distrito de Aveiro e dois concelhos do distrito de Viseu.

Os Centros de Atividades Ocupacionais (os tais CAO) são outra das valências da instituição que ali atende 90 clientes com idades superiores aos 16 anos.

“Neste serviço são desenvolvidas diariamente, atividades ocupacionais diversificadas que compreendem as atividades socialmente úteis e as atividades estritamente ocupacionais, com objetivos distintos de acordo com cada cliente, mas sempre procurando valorizar e integrar socialmente pessoas com deficiência grave”, descreve o site da APPC.

Há ainda o Centro Prescritor de Produtos de Apoio e o Centro de Investigação & Desenvolvimento...

A Unidade Residencial Temporária é diferente das residências localizadas em Gondomar... A APPC dispõe de uma, localizada no Porto, com capacidade até 24 camas, sala polivalente para formação, refeitório e espaço ajardinado, onde aloja temporariamente pessoas com deficiência, prometendo, disponibilizar “todos os apoios técnicos e humanos necessários para uma estadia segura e confortável”.

A APPC começou com um grupo de seis casais de pais de crianças com paralisia cerebral. Existia uma associação em Lisboa. Quiseram estendê-la ao Porto. E do Porto as associadas foram nascendo um pouco por todo o país “do Minho ao Algarve”, como testemunhou à Plural&Singular, Maria de Lourdes Correia, uma das “mães” do projeto, na altura, há 40 anos, mãe de um menino de seis anos com paralisia cerebral.

Conseguiram uma casa, por cedência da câmara do Porto, na Rua Delfim Maia – que atualmente ainda serve de sede da APPC, a par de outras instalações na Travessa da Maceda, também no concelho do Porto – e “um trazia uma cadeira e outro outra coisa”. A recuperação do espaço foi um desafio, assim como os primeiros programas de atividades: “O pai que percebia de construção civil ajudava na obra, enquanto outro da área de educação avançava na projeção dessa área”.

Maria de Lourdes Correia conheceu os restantes casais de pais no Hospital Maria Pia, numa consulta dedicada a crianças, na qual era feito “atendimento e reabilitação mas de várias deficiências”, descreveu. “Havia qualquer coisa mas nada específico... Percebemos que estávamos perante uma situação de necessidade urgente...”.

“Grande luta” e “evolução longa, demorada mas feliz” – são as frases que Maria de Lourdes Correia lança para falar da APPC, associação portuense que, referiu, foi responsável pelo “salto” que Portugal deu para estender a resposta para a paralisia cerebral a todo o país.

“O que é que eu acho desta resposta? Fantástica. As atividades complementam os tratamentos. O teatro, o desporto, os jogos... Tudo é fundamental. A resposta é importante, as atividades, a socialização, a troca de experiências, são muito importantes para o bem-estar e para que todos se sintam iguais”, descreveu Maria de Lourdes Correia.

A APPC é certificada em várias categorias e áreas e solicitada, de acordo com os seus responsáveis, por outras Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) para dar formação.

Seguindo, como referiram Abílio Cunha e Liliana Araújo à Plural&Singular, “sempre uma lógica de sustentabilidade”, aos equipamentos atuais, a APPC quer somar um novo: nova sede e residência universitária com camas para pessoas com e sem deficiência que frequentam o ensino superior, colmatando uma lacuna que existe no universo académico do Porto.

20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

20 de outubro de 2014

**Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral**

O atleta da seleção nacional de boccia (BC3), Armando Costa, que recentemente conquistou no Campeonato do Mundo, Pequim, uma medalha de bronze, mora na Villa Urbana há dez anos. Num quarto forrado a símbolos do SL Benfica, Armando Costa guarda algumas das muitas medalhas que já conquistou pelos quatro cantos do mundo tanto a nível individual e pessoal como em equipas e ao serviço da seleção portuguesa. Treina tanto na Villa Urbana como no Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral do Porto. A família é de Cinfães.



Abílio Cunha (na foto) é presidente da APPC, instituição do Porto que foi pioneira ao ter pessoas com deficiência a participar nos corpos diretivos, algo visto como "muito raro", aliás como Abílio Cunha descreveu... "Estão aqui representadas as três forças importantes... É dessa massa crítica que surgem os projetos e a evolução", afirmou, referindo-se ao facto da direção contar com três pessoas com deficiência, três técnicos e três pais. "Não é comum no panorama nacional. Outras associações e IPSS não têm pessoas com deficiência nas direções", continuou o dirigente.

“

A paralisia cerebral era vista pelo próprio Ministério da Saúde com a seguinte definição para os serviços: a paralisia cerebral não tem cura, portanto é escusado fazer qualquer tratamento e o melhor é as crianças ficarem em casa” – **José Manuel Fortuna de Carvalho Antero, fundador da Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa sobre a visão de há cerca de meio século atrás**

“

O termo paralisia cerebral é um pouco incorreto porque não é o ser paralisado. É porque há uma lesão, uma anomalia ou perturbação no desenvolvimento das estruturas cerebrais no período pré ou perinatal, primeiros anos de vida, mas o cérebro continua a desenvolver-se, portanto temos que olhar para as potencialidades da criança” – **Maria da Graça Andrada, fundadora do Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão, num testemunho para o vídeo que marca os 40 anos da APPC**

“

A certa altura, nós falávamos em esbater as diferenças e realçar as igualdades. Com o trabalho que se tem tido e conversas que se tem todo, acho que temos de virar o paradigma ao contrário... Que é: Realçar as diferenças e esbater as igualdades. Porquê? Porque nós somos todos diferentes. E fizemos 40 anos de Democracia em Portugal, com muitas mudanças que houve, acho que ainda não sabemos integrar a diferença de uma forma natural. E isso é, na minha opinião, o trabalho que temos de fazer para os próximos 40 anos” – **Rui Coimbras, membro do conselho geral da Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral**

Plural&Singular – O que representa o Dia Nacional da Paralisia Cerebral?

Abílio Cunha – Foi uma grande aposta da Federação [referindo-se à Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral] que lançou o repto às associadas que o agarraram. Obrigava a ter cerca de cinco mil assinaturas. É muito importante porque passados muitos anos em que se discute sobre a área, agora temos vindo a regredir do ponto de vista da inclusão e das políticas da deficiência.

**20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral**

20 de outubro de 2014

Portugal assinalou pela primeira vez...

Dia Nacional da Paralisia Cerebral

PCAND em discurso direto



Em Portugal uma das principais responsáveis pela promoção do desporto praticado por pessoas com paralisia cerebral e situações neurológicas afins é a Paralisia Cerebral – Associação Nacional de Desporto (PCAND).

Trata-se de uma associação reconhecida pela Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD) e membro da Organização Desportiva Internacional para Pessoas com Paralisia Cerebral (CPISRA).

De acordo com as inscrições efetuadas no ano de 2010, cuja referência pode ser vista no site desta associação, a PCAND está responsável pela representação das seguintes modalidades: boccia, tricicleta, futebol, natação, atletismo, ciclismo e slalom.

O presidente da PCAND, Joaquim Viegas, em discurso direto, deixou na Plural&Singular o seu testemunho a propósito do desporto e do Dia Nacional da Paralisia Cerebral.

para aqueles que são como eles, sobretudo para os jovens, pois até esse momento não tinham referências para poderem aspirar a ocupar um lugar de destaque na sociedade, serem reconhecidos pelas suas habilidades e competências e não pelas limitações.

P&S - E do ponto de vista da saúde...

JV - Saúde, bem-estar e autoestima... Está provado de forma consistente que o desporto contribui de forma muito positiva para a sua melhoria.

Uma das maiores questões que importa referir e procurar alterar, é o paradigma da reabilitação que se encontra ainda muito centrado nas áreas médicas e terapêuticas. É legítimo que os pais desejem que os seus filhos desenvolvam a marcha, a fala, a postura, a aprendizagem escolar e académica, mas é necessário adicionar a estas áreas de intervenção, a actividades física e desportiva. Em conjunto, os processos são facilitados e os resultados tão desejados são obtidos mais rapidamente e com melhor qualidade.

P&S - É frequente ouvirmos que o desporto adaptado/ desporto praticado por pessoas com algum tipo de deficiência sofre com falta de apoios e visibilidade. Partilham desta opinião? Também acontece na área da paralisia cerebral?

JV - É um facto. Sobretudo no período que atravessamos, em que os recursos que já eram parcos têm vindo a diminuir. Se compararmos com o investimento que está a ser feito num número crescente de países, através da profissionalização de modalidades paralímpicas, as diferenças acentuam-se e os resultados irão refletir essa realidade, de forma progressiva. No entanto, esta não é uma realidade exclusiva do desporto dito “adaptado”, muitas federações atravessam grandes dificuldades de sobrevivência, clubes há que se extinguíram e outros aproximam-se rapidamente do mesmo destino.

Num país como o nosso, em que o mecenato não é uma cultura instituída e que atravessa as dificuldades por todos nós conhecidas e sentidas, ao ver substancialmente diminuído ou extinto o apoio que vinha das autarquias e de algumas empresas privadas e reduzido o apoio da tutela através das federações, ressentem-se de forma acentuada, mas lamentar ou desistir não pode ser a solução, há que encontrar outras formas de subsistência e sustentabilidade, dividir esforços, criar novas formas de apoio.



20 de outubro de 2014

Portugal assinalou pela primeira vez...

Dia Nacional da Paralisia Cerebral

20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

Comemorações: O dia 20 de outubro foi repleto de atividades e momentos de festa. Celebrava-se pela primeira vez o Dia Nacional da Paralisia Cerebral e o epicentro das comemorações foi no Porto, com iniciativas a cargo da FAPPC e da APPC.



A manhã ficou reservada a ações de reflexão destinadas a profissionais das associações de paralisia cerebral, workshops para utentes e todos quantos quisessem associar-se, bem como ao visionamento dos documentários "IV Campus Artístico" e "Bola Cá, Bola Lá" que falavam da construção artística de pessoas com e sem deficiência e da dedicação e compromisso dos atletas com paralisia cerebral na senda da competição desportiva.



De tarde, o "PARE pela PARALISIA CEREBRAL" parou a praça da Casa da Música. Tratou-se de uma performance ao vivo, com a participação de todos os elementos que representaram as associadas da Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral neste dia e os transeuntes que quiseram associar-se.



Por fim, a Sala Suggia, na Casa da Música, concelho do Porto, encheu para o concerto comemorativo do DIA NACIONAL DA PARALISIA CEREBRAL a cargo de Camané e Mário Laginha e para o lançamento do livro "Por acaso..." da jornalista Fátima Araújo.



20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

20 de outubro de 2014

Portugal assinalou pela primeira vez...

Dia Nacional da Paralisia Cerebral

Jornalista Fátima Araújo lança livro...

“Por acaso...”

Obra reúne as histórias de cinco jovens com paralisia cerebral que são exemplos positivos de autoaceitação e autosuperação... Dois informáticos, uma professora, um bailarino e uma socióloga dão o seu testemunho, abordando temas como a fé, o desporto, os afectos...

Texto: Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas



“Por acaso...”, com prefácio do neurocirurgião João Lobo Antunes, é uma reportagem jornalística sobre cinco jovens que têm paralisia cerebral mas que, apesar das suas limitações físicas, são casos de sucesso, de empreendedorismo e pioneirismo nas atividades profissionais que desenvolvem, exemplos positivos de autoaceitação da deficiência e de autosuperação dos obstáculos...

Segundo a autora, a jornalista Fátima Araújo, “Por acaso...” é “uma reportagem em forma de livro, no sentido em que não se trata dum romance, duma ficção, duma biografia ou de qualquer outro género literário”. “É uma narrativa jornalística, real, factual, que põe o dedo na ferida e que incomoda pela dureza das descrições narradas, mas é simultaneamente uma narrativa de afectos e de sentimentos”, descreveu, à Plural& Singular, Fátima Araújo, jornalista há 17 anos, na RTP há 14, tendo passado pela TSE, Rádio Renascença e Jornal de Notícias.

As declarações dos protagonistas do livro surgem em discurso direto, entre aspas, e o livro apresenta inúmeros entretítulos, que também são característicos da reportagem.

O livro foi lançado no Dia Nacional da Paralisia Cerebral, a 20 de outubro, na Casa da Música, no Porto, integrado nas comemorações desta efeméride.

A ideia de escrever esta obra começou a tomar forma da necessidade de dar voz às pessoas com deficiência e sob impulso de “uma empresa que está a lançar no mercado roupa inclusiva que pode ser usada por qualquer pessoa sem deficiência, mas que também tem especificidades adaptadas a pessoas com deficiência, a IMOA Clothing For All”.

“[Esta empresa] testou os protótipos nos utentes e voluntários da Associação do Porto de Paralisia Cerebral (APPC) e, no âmbito dessa parceria, senti necessidade de dar visibilidade e voz às histórias de vida de algumas dessas pessoas. Convidaram-me para ser eu a passar para papel alguns desses casos e dessas histórias e foi assim que chegámos a este ‘Por acaso...’”, contou a autora.

A APPC disponibilizou, então, uma lista de pessoas que, pelo seu currículo e história de vida, poderiam culminar em boas histórias, em testemunhos inspiradores. Fátima Araújo escolheu três pessoas dessa lista e chegou até mais duas através de pesquisas na Internet. E teve início o processo que passou do email para os encontros, das conversas informais às entrevistas gravadas... Os protagonistas e a entrevistadora conheceram-se, socializaram e surgiu matéria para o “Por acaso...”. O livro fala de fé, afectos, sexualidade, de como a prática desportiva influenciou as vidas destes jovens com paralisia cerebral.

O testemunho de um bailarino que criou, há 18 anos, a primeira escola de dança inclusiva em Portugal, aparece em páginas contíguas ao de uma socióloga ativista do Movimento de (d)Eficientes Indignados que gostaria que fosse implementada em Portugal a primeira residência-modelo para pessoas com deficiência que querem ser independentes.

Soma-se a história de um informático que está a desenvolver uma aplicação para as pessoas com paralisia cerebral que não falam e que, ao terem debilidades nas mãos, podem usar telemóveis, tablets e computadores através do olhar...

E uma professora do Ensino Básico que é escritora e ex-campeã de natação adaptada, bem como outro informático praticante de vela adaptada.

20 de outubro de 2014

Portugal assinalou pela primeira vez...

Dia Nacional da Paralisia Cerebral

20 de outubro de 2014

Portugal assinalou pela primeira vez...

Dia Nacional da Paralisia Cerebral



Paulo Faria

Um livro, cinco histórias, várias mensagens

“Pretendo passar várias mensagens...”, começou por dizer Fátima Araújo... “A primeira é a de que as pessoas com deficiência podem ser tão úteis, válidas, meritórias, pró-ativas e social e profissionalmente integradas, se lhes derem oportunidades, ferramentas, retaguarda e apoios. A segunda é que continuam a faltar respostas políticas e sociais para que as pessoas com deficiência tenham uma vida digna e tenham oportunidades aos mais variados níveis”, disse a autora.

“Por acaso...” também visa mostrar que, e conforme acrescentou Fátima Araújo, “cada um de nós é capaz de se superar individual e coletivamente, independentemente de ter deficiência ou não, e que a singularidade do nosso todo está na diferença das nossas partes, sendo que são essas diferenças que nos podem tornar distintos, ou não”.

“E, não menos importante, a mensagem de que, por acaso, todos nós somos fruto de algum acaso (tenho sido ele mais ou menos feliz), mas não deve e não pode ser esse acaso mais ou menos afortunado que ocorreu aquando do nosso nascimento a decidir quem somos, o que somos e o que somos capazes de fazer”, completou.

Questionada sobre se, com esta experiência, sendo a sua primeira publicação, e dado o percurso já longo que tem no jornalismo uma vez que aos 14 anos já desbravava caminhos nesta área, notou que a paralisia cerebral carece de mais divulgação, a jornalista considerou que “as questões da deficiência, ainda que sejam cada vez mais faladas nos órgãos de comunicação, não são tão exploradas quanto podiam ser”.

“Há muitos aspetos associados à deficiência que continuam a ser realidades invisíveis para o público em geral. Neste ‘Por acaso...’ falo de alguns desses aspetos menos falados nos Media”, avançou, acrescentando ser sua convicção que “todos nós, enquanto cidadãos, temos o dever de intervenção cívica e de responsabilidade social coletiva, em prol do bem de todos”.

“E, como jornalista, essa responsabilidade social é acrescida, no sentido em que esta profissão permite dar visibilidade aos casos e às causas”.

O sucesso na primeira pessoa

“Márcia Passos... Entre mim & eu”

Uma jovem de 19 anos com paralisia cerebral, de Viana do Castelo, está a concretizar os seus dois maiores sonhos: o lançamento de um livro e o ingresso no Ensino Superior...

Texto: Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas



Foi num sábado, 11 de outubro pelas 21h30, junto ao Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo, com apresentação a cargo de Álvaro Maio e abrilhantada pela Tuna de Veteranos de Viana, que Márcia Passos lançou o seu livro de poesias...

“O livro que escrevi fala dos meus sentimentos, da tristeza, da alegria, da saudade, da melancolia, do amor e desamor, um bocadinho do meu ‘eu’ em formato de poesia. Eu sempre tive dificuldade na fala, e a forma mais clara que eu tinha de me expressar era através da escrita, talvez daí venha o meu gosto pela escrita, era a forma que tinha de desabafar”, descreveu.

Márcia Passos tem paralisia cerebral mas a certeza de que não será isso que a demoverá de cumprir os seus sonhos.

“Os sonhos para mim nunca acabam”, disse, em entrevista à Plural&Singular. “Agora o mais próximo é mesmo concluir o curso com êxito e arranjar um emprego na área”, avançou, contando que no último verão, por sugestão do pelouro da Cultura da autarquia de Viana do Castelo, fez voluntariado no Museu do Traje. “Foi muito gratificante, tem muito a ver com o meu curso e é a minha praia...”.

E ainda sobre o livro... “Decidi editar um livro, no momento em que ingressei num grupo que temos cá em Viana ‘Viana Poesia’ que achou que os meus poemas não podiam ficar na gaveta, deram-me alento, ajudaram-me com a editora VERSBRAVA que apostou em mim, sem saber se iam ou não ter prejuízo com este lançamento, e também porque era um sonho que eu tinha: lançar um livro... Este livro!”, afirmou.

20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

Percurso contra a corrente

A primeira “barreira” de que se lembra remonta ao tempo em que frequentou a creche. Contam-lhe que a instituição não a queria aceitar porque não tinha condições para a ocupar lá. Nesta altura, Márcia Passos praticamente não andava.

À mãe, Cristina Passos, quando a menina, agora mulher de 19 anos, nasceu disseram que se sobrevivesse ficaria numa cadeira de rodas. Mas, aos quatro começou a andar e partir daí têm-se sucedido as conquistas diárias. Os pais, que lhe atribuíram desde então os nomes de “Guerreira” e “Lutadora”, decidiram, contra todos os conselhos e indicações, incentivar Márcia Passos a ingressar no ensino regular, nomeadamente na fase de escolha do Secundário, uma vez que foram aconselhados a dividir cada ano em dois, em vez de concluir o 10.º, 11.º e 12.º anos em três anos. Se tivessem acatado, Márcia demoraria seis anos. Não aceitaram. “Demorou três sem chumbar”, descreveram, orgulhosos. Para os exames nacionais teve direito a mais meia hora e a um portátil. Concorreu à faculdade e entrou em Gestão Artística e Cultural, no Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), Escola Superior de Educação (ESE).

“O meu verdadeiro sonho era entrar para a faculdade de letras, mas como para mim era quase impossível porque não consigo fazer as tarefas da vida diária sozinha, concorri para Viana, bem pertinho de casa e ingressei no IPVC-ESE, onde fui recebida por uma verdadeira família, desde funcionários, professores e colegas”, descreveu Márcia Passos.



Sobre este sonho, o de se licenciar, a estudante explica que sempre a acompanhou porque cedo percebeu que as suas dificuldades são “só físicas e na fala”: “A nível intelectual tenho tudo no sítio, daí, mais uma vez querer mostrar e provar a mim mesma as minhas capacidades, ver-me com traje académico é o próximo passo”, acrescentou.

Com o livro “Entre mim & eu”, Márcia Passos procura passar uma mensagem às famílias que têm alguém com algum tipo de deficiência... “Para apostarem em nós, e não nos arrumarem numa instituição à espera que os anos passem, quem diz a escrita, diz a pintura, diz trabalhos manuais, há sempre um qualquer potencial dentro de nós, que adormece se não tivermos ao nosso lado quem nos estimule. Eu devo tudo aos meus pais, família, amigos, e alguns professores”, concluiu.

Sobre a paralisia cerebral, a propósito da importância do Dia Nacional comemorado a 20 de outubro, questionada sobre qual a sua visão do panorama atual, referiu que “desde apoio no ensino especial, mais horas com professores, fisioterapias, equitação terapêutica, tarefas em escolas, ATL e colónias de férias, falta muita coisa”.

“Ninguém se lembra das famílias com filhos portadores de deficiência. Os meus pais por exemplo praticamente deixaram de ter vida própria, nunca foram de férias, nem de fim-de-semana sem mim”, exemplificou.

Além da paixão pela leitura e pela escrita, Márcia Passos faz remo e é escuteira.



20 de outubro de 2014
Portugal assinalou pela primeira vez...
Dia Nacional da Paralisia Cerebral

Encontros e desencontros

na Paralisia Cerebral

12 DEZ

PC: DEMASIADOS
DESAFIOS AO LONGO
DA VIDA

13 DEZ

REABILITAR, CAPACITAR
E CUIDAR NA PC

PARALISIA
DO LADO DE CÁ

CONGRESSO NACIONAL

12-13 DEZ 2014

FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

INSCRIÇÕES

secretariado@fappc.pt

Telf. 217 525 016

www.fappc.pt



ORGANIZAÇÃO

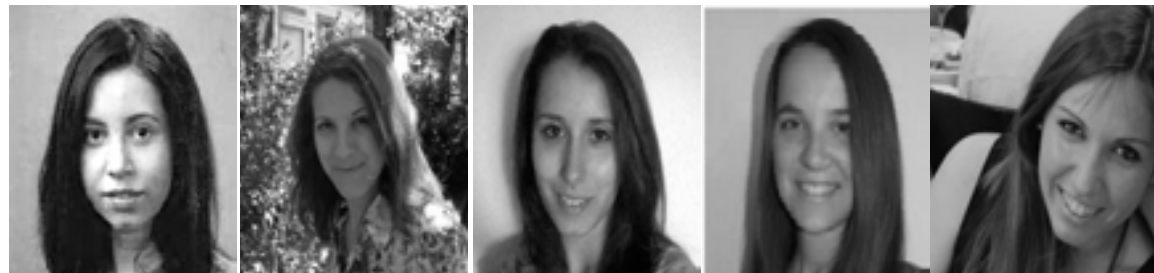


PARCERIAS



FINANCIAMENTO





Ana Catarina Candeias, Médica de Medicina Geral e Familiar
 Andreia Rocha, Fisioterapeuta
 Cátia Candeias, Estudante de Fisioterapia
 Sílvia Inácio, Fisioterapeuta
 Telma Pereira, Estudante de Fisioterapia

Doença de Huntington

A Doença de Huntington (DH) é uma patologia hereditária e neurodegenerativa, descrita pela primeira vez em 1842 por George Huntington ⁽¹⁾. Esta é caracterizada pela presença de coreia (movimentos involuntários), distúrbios comportamentais e psiquiátricos e alterações cognitivas. ^(1; 2)

EPIDEMIOLOGIA

A DH é considerada uma patologia rara, pois a prevalência é de 5-10 casos em 100.000 indivíduos, na população caucasiana. Foi verificado que no Japão a prevalência da DH é muito mais baixa, representando cerca de 1/10 da prevalência na população caucasiana ⁽¹⁾. Relativamente à incidência, foi verificado que é mais elevada na Tasmânia e Venezuela, ao contrário do Japão, China, Finlândia e África ^{(1) (3)}.

DIAGNÓSTICO

O diagnóstico clínico desta patologia é realizado quando existe histórico familiar e/ou quando estão presentes os primeiros sinais e sintomas ⁽¹⁾. Segundo Martha Nance ⁽⁴⁾, estudos observacionais realizados na última década sobre as primeiras fases da DH têm revelado a existência de um pródrómo da DH (sintomas que indicam a presença de uma doença antes do desenvolvimento da síndrome clínica completa) que podem até aparecer 15 anos antes do aparecimento dos sintomas motores.

SINAIS E SINTOMAS

Os sintomas da DH iniciam de forma insidiosa e progressiva até à morte do indivíduo ⁽⁴⁾. Segundo Gonçalves ⁽⁵⁾, o aparecimento dos sintomas ocorre em média aos 40 anos de idade, sendo o tempo de sobrevida de 15-20 anos após o diagnóstico. Contudo, existem indivíduos que sobreviveram 30 a 40 anos após o diagnóstico ⁽⁴⁾. Como referido anteriormente, os principais sintomas da DH são distúrbios motores, comportamentais, psíquicos e alterações cognitivas. Os distúrbios motores da DH incluem o surgimento de movimentos involuntários (coreia) e o comprometimento dos movimentos voluntários, o que resulta em redução da destreza manual, alteração da linguagem, dificuldade na deglutição, desequilíbrio e, consequentemente, em quedas. A coreia progride tipicamente no

estadio intermédio da doença, mas muitas vezes diminui à medida que aumenta a rigidez, nas fases posteriores ⁽⁴⁾ ⁽¹⁾.

Os distúrbios psíquicos são menos previsíveis. Indivíduos com DH podem sofrer de depressão, transtorno obsessivo-compulsivo ou outras formas de psicose. No entanto, quase todos os indivíduos com DH manifestam personalidade específica da doença e mudanças de comportamento, tais como apatia, irritabilidade, impulsividade e obsessão ⁽⁴⁾ ⁽¹⁾.

As alterações cognitivas da DH caracterizam-se por uma redução da velocidade e flexibilidade no processamento mental. A memória, linguagem e a capacidade conceitual persistem, contudo alguns parâmetros cognitivos são difíceis de avaliar nestes doentes ⁽⁴⁾ ⁽¹⁾.

Estudos sugerem que os défices cognitivos e comportamentais são mais limitativos na realização das atividades da vida diária em casa e no trabalho, do que os défices motores, nos indivíduos com DH ⁽⁴⁾.

A DH é, efetivamente, uma patologia com grande impacto social e económico e que continua a merecer a atenção da comunidade científica internacional. Apesar de, como referido anteriormente, não haver cura para esta doença, estudos recentes concretizaram, com sucesso, o transplante de células da pele para o cérebro de cobaias animais para, desta forma, potenciar a regeneração dos neurónios afectados pela DH. O fato da experiência ter revelado bons resultados em animais poderá indicar uma possibilidade de cura em humanos, contudo ainda muita investigação terá de ser realizada neste domínio.

TRATAMENTO

Na DH não existem tratamentos que possam parar ou reverter o curso da doença, sendo assim, os objetivos do tratamento passam por reduzir os sintomas, maximizar a função e otimizar a qualidade de vida. Para tal, é fundamental que haja comunicação entre os profissionais de saúde e os familiares e cuidadores, para que contribuam na gestão da doença ⁽⁴⁾.

A fisioterapia é o tratamento de eleição para estes indivíduos e baseia-se na prevenção de deformidades, na melhoria do controlo motor estático e dinâmico, da coordenação motora fina, das amplitudes dos movimentos articulares, da marcha, do equilíbrio e da função cardiorrespiratória.

CONCLUSÃO

A doença de Huntington é uma doença hereditária e neurodegenerativa progressiva, caracterizada pelos distúrbios motores, psíquicos e cognitivos que limitam a função e, consequentemente, a independência e a autonomia destes indivíduos. Estes distúrbios são uma potencial ameaça ao bem-estar conjugal, social e económico do indivíduo com DH. Embora não existam tratamentos que parem ou revertam a doença definitivamente, a fisioterapia poderá ter um papel fulcral no curso da mesma, com o objetivo máximo de manter ou otimizar a função motora e a qualidade de vida destes indivíduos.

BIBLIOGRAFIA

1. Huntington's disease: a clinical review. Roos, Raymund AC. 2010, Roos Orphanet Journal of Rare Diseases, Vol. 5, pp. 40-46.
2. Doença de Huntington. O que é preciso saber? Barsottini, Orlando Graziani Povoas. 2007, Educ Contin Saúde, Vol. 5, pp. 83-88.
3. DOENÇA DE HUNTINGTON. Fernando Andersson Chemale et al. Porto Alegre : s.n., 2000, Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre. Departamento de ciências Morfológicas., pp. 1-37.
4. A Physician's Guide to the Management of Huntington's Disease. Martha Nance, M.D. et al. s.l. : Third Edition, 2011, pp. 1-140.
5. Doença de Huntington: uma revisão - Tese de Mestrado. Gonçalves, Nuno Filipe de Carvalho. Beira Interior - Covilha : s.n., 2013, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR. Ciências da Saúde, pp. 1-77.

PUBLICITE AQUI



(+351) 913 077 505



publicidade@pluralesingular.pt



Av. D. João IV, 1076, Blc C, 4º Esq
 4810-534 | Guimarães | Portugal



César Sá, Fisioterapeuta na CERC Moita-Barreiro
 ft.cesarsa@gmail.com

Intervenção do Fisioterapeuta do Centro de Recursos para a Inclusão (CRI) em contexto escolar

Os Centros de Recursos para a Inclusão (CRI) são estruturas de apoio que assentam numa perspetiva de prestação de serviços complementares aos oferecidos pelas escolas de ensino público. Os CRI's atuam de forma integrada com a comunidade no âmbito da resposta educativa e social aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) de Caráter Permanente, conforme previsto no artigo 30º do Dec. Lei. nº 3/2008. Esta resposta destina-se a crianças e jovens entre os 6 e os 18 anos com NEE.

Assim, esta valência tem como principal objetivo apoiar a inclusão destas crianças e jovens, em parceria com as estruturas da comunidade, no que diz respeito ao ensino, à formação, ao trabalho, ao lazer, à participação social e à promoção da vida autónoma. Esta rede de parcerias visa promover o potencial máximo de cada indivíduo e contribuir para uma escola mais inclusiva.

Os CRI's desenvolvem as suas atividades nas escolas do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico (salas das Unidades de Apoio Especializado à Multideficiência; salas das Unidades de Ensino Estruturado para alunos com Perturbação do Espectro do Autismo; salas de apoio à educação especial), em centros de Reabilitação e Formação Profissional, em estruturas da comunidade como empresas e organismos públicos e, ainda, em piscinas, em picadeiros, etc.

Estas escolas "inclusivas" oferecem, desta forma, um ambiente mais favorável à concessão de uma igualdade de oportunidades e participação plena, integrando neste processo não só os professores e funcionários da escola (assistentes operacionais), como também os próprios alunos e os seus pares, pais, familiares e/ou cuidadores. A criança portadora de deficiência necessita de ser observada como um todo, e tanto o processo de educação como o processo de reabilitação devem ser desenvolvidos por profissionais qualificados e conscientes de que estas limitações e comprometimentos físicos, motores e os distúrbios associados (cognitivos, sensoriais, linguísticos e/ou emocionais) interrelacionam-se diretamente e, portanto, nenhuma alteração deverá ser tratada isoladamente.

Os CRI's são compostos por equipas multidisciplinares compostas por Fisioterapeutas, Terapeutas Ocupacionais, Terapeutas da Fala e Psicólogos, que ativam os conhecimentos provindos das suas áreas particulares com o objetivo de atenderem e entenderem a criança de forma holística, considerando sempre as suas necessidades e a sua própria individualidade. Neste modelo de equipa os atendimentos são realizados nas escolas, as atividades são planeadas indo sempre ao encontro da promoção da evolução a nível educativo, não se isolando nas suas áreas específicas. Assim, a troca de informações, de experiências e a adaptação dos conhecimentos de todos estes diferentes técnicos relativamente às limitações apresentadas pelas crianças e sobre os recursos existentes, tornam estas equipas extremamente importantes e necessárias.

Abordando especificamente o papel do Fisioterapeuta nesta valência, afirma-se que este é um profissional capaz de identificar problemas e disfunções, avaliar subjetiva e objetivamente, delinear objetivos de acordo com as necessidades da criança e família, e intervir de forma a alcançar esses objetivos terapêuticos inserindo também atividades lúdicas e educativas nas suas sessões.

É, então, fundamental que o Fisioterapeuta reconheça a importância da fisioterapia como contributo para a educação e para o desenvolvimento sensório-motor na aprendizagem, assim como a identificação de padrões posturais da criança que influenciam as suas atividades escolares. Este profissional de saúde deve ainda discriminar e utilizar diferentes técnicas e equipamentos acessíveis ao professor no processo ensino-aprendizagem da criança, e desenvolver relações profissionais indispensáveis ao trabalho em equipa.

Cabe ao fisioterapeuta instruir os professores e assistentes operacionais sobre o correto posicionamento e manuseio da criança portadora de deficiência, bem como orientá-los na seleção de equipamentos, mobiliários, ajudas técnicas, dispositivos de suporte, adaptação e facilitação dos padrões posturais, tanto no ambiente de sala de aula como em atividades extracurriculares como visitas de estudo, dias temáticos e atividades lúdico-recreativas.

É essencial lembrar que o processo de reabilitação tem como objetivo não somente o de capacitar estas crianças a se adequarem ao seu ambiente, mas também procura intervir na comunidade, família e sociedade, para facilitar a sua integração social. Nesta perspetiva, o fisioterapeuta também deve observar a estrutura física da escola, de modo a sugerir alterações que permitam eliminar ou minimizar as barreiras arquitetónicas encontradas, melhorando a sua acessibilidade (o acesso à sala, à casa de banho, o seu posicionamento no refeitório, etc), uma vez que grande parte das escolas carece de infraestruturas mínimas que garantam conforto, higiene e segurança a estes alunos.

Em suma, para que haja uma efetiva inclusão escolar da criança ou jovem portador de deficiência é indispensável a atuação conjunta de uma equipa multidisciplinar em que o fisioterapeuta exerça um importante papel no seu processo inclusivo, esperando assim que a sociedade de amanhã venha a ter uma nova visão sobre a deficiência e as suas potencialidades, diminuindo o abismo que ainda existe atualmente.

Bibliografia:

- Decreto-Lei nº3/2008 de 7 de Janeiro.
- Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (2004). Centro de Recursos para a Multideficiência. Avaliação e Intervenção em Multideficiência. Lisboa: Ministério da Educação.
- Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (2007). Centro de Recursos para a Inclusão. Reorientação das Escolas Especiais. Lisboa: Ministério da Educação.
- Durce, K.; Ferreira, C.A.S.; Pereira, P.S.; Souza, B.B. (2006). A atuação da fisioterapia na inclusão de crianças deficientes físicas em escolas regulares: uma revisão da literatura. O Mundo da Saúde, São Paulo, jan/mar 30 (1): 156-159.
- Nunes, C. (2001). Aprendizagem Ativa na Criança com multideficiência. Guia para Educadores. Lisboa: Ministério da Educação.
- Rodrigues, D.; Nogueira, J. (2010). Educação Especial e Inclusiva em Portugal: Factos e Opções. Revista Educación Inclusiva, 3, 97-109.
- Sanches, I.; Teodoro, A. (2006). Da Integração à Inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. Revista Lusófona de Educação, 8, 63-83.



Marta Figueiredo
Psicóloga Clínica
m.figueiredo12@gmail.com

Dor Crónica – O fardo da Dor

A dor crónica é uma doença, sendo muitas vezes confundida apenas como um sintoma. Este presente artigo tem como intuito a introdução desta temática, tal como o seu desenvolvimento contextualizado ao longo de futuros artigos.

É complexo calcular o número de pessoas que sofrem de dores perseverantes e frequentes, contudo estas possuem um efeito poderoso sobre corpo e mente. De acordo com o Eurabárometro (7), Portugal é um dos países da Europa com maior percentagem de doentes com dor crónica, sendo que o relatório de “Pain in Europe” (7) estima que cerca de dois milhões de pessoas sofrem com a doença. A Dor Crónica transforma os sujeitos fortes em fracos, os amáveis em irritáveis. Por vezes, pensa-se que a dor é o último indício de que existe algo que não está bem,

mas nem sempre é assim que acontece. A dor aguda pode salvar uma vida, mas a dor crónica é um fardo pesado demais, que torna as pessoas vulneráveis (2). A dor de acordo com o DSM-IV (3) é definida como sendo uma perturbação de elevada importância: quem padece da mesma apresenta um mal-estar significativo, ostentando dificuldade no funcionamento social, ocupacional ou em áreas de elevada importância para as suas ações. Existem agentes psicológicos que preenchem um papel significativo na dor, sendo em caso inicial, de gravidade, de agravamento ou manutenção da mesma. Mencionam-se restrições resultantes da dor como: incapacidade para trabalhar ou para ir à escola, o uso frequente dos cuidados de saúde, sendo a dor foco primordial da vida do sujeito, enaltece-se o uso de medicamentos e sucede-se uma dificuldade relacional, como conflitos conjugais e rompimento do estilo de vida normal da família sendo comuns sentimentos de ansiedade/stress, depressão, desespero e medo (5;3).

A dor subdivide-se em a dor aguda, que surge quando existem lesões teciduais, desaparecendo normalmente com a sua cura, a dor crónica benigna, invulgarmente relacionada com lesões, mas estas já podem ter existido e dor crónica maligna, idêntica à dor aguda, existindo lesões teciduais repetidas ou permanentes (9).

A síndrome de Dor Crónica sem patologia biológica inerente, por não possuir explicação médica despoleta várias vezes queixas mal compreendidas por parte da sociedade e mesmo do médico que segue o paciente, o que pode desenvolver sentimentos de intriga que marginalizam e estigmatizam a pessoa que se encontra em sofrimento. Porém, a realidade científica atual aponta para a necessidade de compreender a dor crónica para além dos fatores biológicos, sendo necessária a avaliação de aspetos psicológicos, sociais e emocionais envolvidos (6;1).

As numerosas estratégias de aconselhamento têm sido utilizadas com sucesso com as pessoas que sofrem de dor crónica. A maioria dos técnicos de saúde mental possuem formação e experiência no aconselhamento destas abordagens baseadas em evidências para o controle da dor. Podem utilizar estratégias de aconselhamento geral, tal como o conhecimento de medicamentos psicotrópicos, a terapia cognitivo-comportamental, imagens/hipnose e terapia familiar, com os pacientes no trabalho com a dor (4;2).

A vivência e a expressão da dor crónica relacionam-se com aspetos cognitivos, emocionais e comportamentais. Nos doentes com esta patologia podem-se verificar crenças e comportamentos disfuncionais que conduzem à perda da funcionalidade física e psíquica (4).

Tendo em conta a diversidade das etiologias da dor, tais como a artrite, dores lombares e cancro, uma das maiores dificuldades encontradas na planificação de um programa de intervenção consiste na existência de vários

tipos de dor, como é o caso da dor aguda ou da dor crónica. Esta pode ser causada devido a uma patologia identificável ou sem possibilidade de identificação da sua origem biológica, podendo ser benigna ou maligna. O sintoma de dor é algo que está associado a diferentes síndromas, doenças, traumas ou patologias (quer físicas quer psicológicas) (8).

É importante compreendermos a dor no contexto de quem a sofre, somente desta forma poderemos melhorar a qualidade de vida das pessoas tanto nas nossas relações familiares, profissionais ou fortuitas.

Referências Bibliográficas

1. Cardoso, A. (1999). Manual de Tratamento da Dor Crónica. Lisboa: Lidel.
2. Coleman, V. (1986). Controlo Natural da Dor. Lisboa: Círculo de Leitores.
3. American Psychiatric Association (2002). Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais – DSM-IV-TR (4ª edição, texto revisto). Lisboa: Climepsi Editores.
4. Farrugia, D. & Fetter, H. (2009). Chronic Pain: biological understanding and treatment suggestions for mental health counselors. Journal of Mental Health Counselling, vol. 31 (3), 189-200.
5. Pimenta, C., Koizumi, M. & Teixeira, M. (2000). Dor crónica e Depressão: estudo em 92 doentes. Rev. Esc. Enf. USP, v. 34, n. 1, p. 76-83, mar. 2000.
6. Oliveira, J. (2000). Aspectos comportamentais das síndromes de dor crónica. Arquivo de Neuropsiquiatria, 58 (2), 360-365.
7. Dias, R. (2007). Dor Crónica – um problema de saúde pública. Acedido em www.psicologia.pt.com em 28/04/2013.
8. Pimenta, C. (2001). Dor Crónica, Terapia Cognitiva Comportamental e o enfermeiro. Rev. Psiq. Clín. 28 (6), 288-29.
9. Ribeiro, J. (1998). Psicologia e Saúde. Lisboa: ISPA.

PUBLICITE AQUI



(+351) 913 077 505



publicidade@pluralesingular.pt



Av. D. João IV, 1076, Blc C, 4º Esq
4810-534 | Guimarães | Portugal

Concurso de fotografia “A inclusão na diversidade”

Muito mais que um concurso...



1.º Prémio | Fotografia Solidária | Sé Feliz! | 2014 | Vizela

Um concurso de fotografia, um prémio, 60 fotos a concorrer e um júri “de luxo” para selecionar as três melhores. Foi esta a forma que a Plural&Singular escolheu para assinalar os dois anos de existência e o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, ambos comemorados a 3 de dezembro de 2014.

Texto: Sofia Pires
Fotos: Gentilmente cedidas

“A inclusão na diversidade” – o tema e a inspiração

Para assinalar o aniversário da Plural&Singular e o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, a 3 de dezembro de 2014, este órgão de comunicação, em parceria com o Centro Português de Fotografia (CPF), promoveu a primeira edição do concurso de fotografia “A inclusão na diversidade” que pretende captar através de uma imagem o verdadeiro sentido de inclusão ou que denuncie a falta dela.

O tema para este concurso - “A inclusão na diversidade” – assenta na ideia que a verdadeira inclusão deverá abarcar, em igualdade de direitos, de cidadania e participação ativa na vida pública, aqueles que são tendencialmente excluídos porque são mais débeis ou fogem ao padrão da normalidade e, por isso, são alvo de discriminação, como é o caso das mulheres, dos idosos, das crianças, das pessoas com algum tipo de limitação, dos pobres, dos doentes.

Ao promover esta iniciativa, a Plural&Singular, para além de celebrar o seu 2.º aniversário, quer estimular o “olhar atento” por parte das pessoas ao verdadeiro sentido de inclusão e à presença ou ausência dela no meio que as rodeia, assim como, fazer com que reflitam sobre o que é uma sociedade caracterizada pela diversidade. Desmistificar a deficiência junto das pessoas sem deficiência e combater os atos discriminatórios associados às ‘diferenças’ são outros propósitos importantes deste concurso de fotografia promovido em prol de uma sociedade verdadeiramente inclusiva na diversidade.

E como surgiu a inspiração para o tema deste concurso? Sem que o saiba, foi o atual presidente do Conselho Geral da Universidade do Minho e Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Álvaro Laborinho Lúcio, que incitou à escolha do tema “A inclusão na diversidade”. O antigo ministro da Justiça na comunicação “Inclusão e Direitos – Os uns e os outros”, realizada há mais de um ano no âmbito da INCLUDiT - Conferência Internacional para a Inclusão do Instituto Politécnico de Leiria, fez uma análise da evolução do conceito de inclusão e ‘substituiu’ o conceito de diferença, pelo de diversidade como sendo muito mais abrangente e capaz de abarcar TODOS os cidadãos.

Nessa palestra Álvaro Laborinho Lúcio falou de inclusão associada aos conceitos de espaço e de tempo e que pressupõe, atualmente, uma cidadania centrada nos princípios da dignidade e participação ativa na vida pública. Mas considerou, ainda, que “a exclusão nega em absoluto a condição humana de dignidade” que, por sua vez, quando respeitada encontra o ponto “em que as pessoas são consideradas iguais”. Mas iguais “numa sociedade em que o padrão não é a norma, mas sim a diversidade”.



1.º Prémio | José Pedro Martins | Alone&... | 2011 | Gondomar

Por último, sublinhou a ideia que a deficiência não está do lado do indivíduo mas sim ligada ao ambiente e que a inclusão assentando numa sociedade democrática e de direitos e, por isso, “não deve partir de pessoas com necessidades, mas de pessoas com direitos violados”. Uma mudança de paradigma que a Plural&Singular quis espelhar no concurso de fotografia que se desafiou a promover tendo em conta uma recompensa, embora simbólica, muito apelativa.

Os premiados, além de integrarem a reportagem que agora se escreve e a capa da revista ‘cedida’ à fotografia vencedora, têm o privilégio e a honra de estar expostos no Centro Português de Fotografia, no Porto e de receber publicações oferecidas por esta entidade.

“A inclusão na diversidade” – o contexto das fotografias vencedoras

E chegou a hora de dar a conhecer os grandes vencedores. Senhores e senhoras, meninos e meninas, o primeiro lugar do concurso de fotografia “A inclusão na diversidade” vai paaara... as fotografias “Alone&...” e “Sê Feliz!”. O júri não conseguiu escolher e decidiu que o primeiro lugar ex-aequo devia ser atribuído a estas duas imagens, cujos autores são José Pedro Martins e Ana Teixeira, respetivamente.

A fotografia “Alone&...” foi tirada em 2011, em Gondomar. De máquina fotográfica em punho quase que diariamente José Pedro Martins diz que a “fotografia de rua” é um dos temas que mais o cativa e, por isso, “têm sido muitos os percursos” que vai fazendo “com o objetivo de captar o fervilhar do dia-a-dia das localidades”.

“A fotografia ‘Alone&...’ foi registada no exterior do Pavilhão Multiusos de Gondomar, num desses trajetos. Foi ‘construída’ com alguma dose de paciência pois necessário se tornou esperar pelo elemento humano, tido como um dos focos determinantes do registo”, conta.

Esta “construção” da imagem foi desde logo percebida pelo fotógrafo Paulo Pimenta, um dos elementos do júri deste concurso, que ficou fascinado pela abordagem, pelo impacto, pelo enquadramento e pela criatividade, tudo o que era necessário avaliar em termos de critérios para o concurso.

“Há o tal olhar atento do fotógrafo, que fotografou, mas não foi só o fotografar. Ela [o pseudónimo desta fotografia era o nome de uma mulher] sabia muito bem o que estava a fazer e qual era o objetivo em transmitir aquele primeiro plano da cadeira de rodas, a ver a imagem de fundo do senhor a passar, a caminhar, que é o contraste e depois deixar aquele muro com grande impacto dos tijolos”, descreve Paulo Pimenta.

Sónia Silva, a presidente do júri, concorda que esta imagem é “muito impactante” e “extremamente gráfica”. “Tem todo aquele contraponto da mobilidade, do lugar reservado para quem não se mexe tão bem, com a pessoa que está a andar, com a escala humana”, considera. Também Adelino Ribeiro chama a atenção para o impacto “da cadeira de rodas com o tal muro”. O colaborador da m.pt que veio substituir a engenheira Paula Teles interpreta: “A pessoa que é o encarnar do munícipe, da personagem, da pessoa que passa enquadrada numa cadeira de rodas que é aquela dificuldade de acessibilidade da pessoa com mobilidade reduzida”.

Ao ler estas apreciações José Pedro Martins vai descobrir o mesmo que descobriu com a atribuição do primeiro lugar: uma maior responsabilidade e exigência no respetivo trabalho como fotógrafo.

“Perceber que um júri atribuiu uma dada premiação a um trabalho de minha autoria é sempre motivante, pois permite perceber que respondi de uma forma adequada à temática solicitada. Em conclusão, algo cativou o júri entre as 60 fotografias a concurso. Será que foi o mesmo motivo que me cativou na escolha dos meus trabalhos a concurso?”, deixa no ar o fotógrafo.

Na segunda imagem Paulo Pimenta não se rendeu tanto à criatividade. “É mais pelo momento”.

“É uma explosão de alegria daquela pessoa que está feliz. Isso é que interessa, está feliz e isso nota-se perfeitamente em toda a expressão facial dela”, completa Sónia Silva.

A verdade é que os participantes do projeto “Fotografia Solidária” sempre acreditaram que tinham trunfos suficientes para vencerem este concurso. Não é por presunção que a Farfetch - uma empresa que oferece a todos os amantes da moda mais de duas mil marcas numa loja online - acreditava na premiação de uma das três fotografias que selecionou para concorrer, mas por confiança no trabalho desenvolvido com a Associação de Integração Social de Crianças e Jovens Deficientes de Vizela (AIREV) no dia 10 de maio de 2014.

“Ficamos todos extremamente contentes. Sempre acreditamos que poderíamos vir a ser os vencedores. É sobretudo o conhecimento do nosso trabalho, do nosso projeto. E é muito bom podermos ver que este projeto vingou das mais variadas formas. E para mim, pessoalmente, é um orgulho” refere Ana Teixeira a mentora do projeto “Todos Juntos”.

“Aquele beleza de quem está a ser retratado e sente este prazer de participar, de estar integrado. Uns sorrisos confundem-se com os sorrisos dos outros, por isso está um enquadramento perfeito. Há aqui uma integração global, uma componente cénica por detrás”, avalia Adelino Ribeiro.

Uma vez que não poderiam concorrer com as fotografias principais do projeto que eram editas, a equipa recorreu às fotografias de backstage do projeto “Fotografia Solidária” e selecionou as que conseguissem descrever o que representou esta iniciativa tanto para os utentes da AIREV como para os colaboradores da Farfetch.

Missão cumprida segundo Paulo Pimenta: “O trabalho também tinha a ver com a magia. Aqui vê-se bastante os bastidores e é um momento, não de estar a retratar ou pousar para o fotógrafo que está a fotografar, mas do fotógrafo que consegue agarrar a alegria que há ali, a autoestima e toda a envolvimento das pessoas e do espaço”.



2.º Prémio | Pedro Fontes | iLimitado 1 | 2013 | Vila do Conde

Também a imagem de Pedro Fontes que conquistou o 2.º lugar do concurso é resultado de um projeto que andava à cata dos momentos vivenciados no quotidiano do Movimento de Apoio ao Diminuído Intelectual (MADI). A fotografia iLimitado 1, tirada em Vila do Conde, foi selecionada de um leque de mais de dez mil imagens em que o autor faz questão de sublinhar que “quantidade não é sinónimo de qualidade”.

“Acho que procurei sempre imagens que, resultando em termos de luz e de enquadramento, etc, também fossem fieis àquilo que foi o meu dia-a-dia lá e àquilo que é a atividade e realidade da instituição”, explica Pedro Fontes.

O fotógrafo tentou captar sempre a “superação constante por parte dos utentes” para mostrar que “não estão en-

costados a um canto” e das três imagens que candidatou foi esta que mais chamou a atenção dos elementos do júri.

“O segundo lugar que ficou reservado a uma imagem que pede mais a quem a vê, para estar a olhar com mais atenção, com mais detalhe e tem vários potenciais de significados e isso também é interessante em termos de fotografia”, diz Sónia Silva.

“Aquele óculo que nos espelha efetivamente aquele primeiro plano, um segundo plano desfocado que, ao mesmo tempo, serve de caixilho para não se mostrar tudo à primeira mão. Um enquadramento perfeito de acessibilidade e inacessibilidade. Não está lá mas está lá. É claro, não é claro e integra perfeitamente o tema”, acrescenta Adelino Ribeiro.

O autor de iLimitado 1 assume sobre a premiação neste concurso que “já é muito bom ter sido escolhido para o pódio” e ter o privilégio de estar exposto no CPF, “um dos sítios fetiche de qualquer pessoa que goste de fotografia e que viva na cidade do Porto”, e “tendo em conta a temática que é”.

“Além disso do facto de ter aquele elemento no júri que é o Paulo Pimenta, que em termos de fotógrafos portugueses, se calhar deve ter sido a pessoa que mais me inspirou, que mais trabalhos vi na decisão de quase me querer tornar fotógrafo profissional e de abordar de forma mais séria a fotografia é muito bom. Acho que não há grandes palavras, acho que é mesmo muito bom nós termos noção que é aquela pessoa que idolatramos”, refere.



Do Brasil chegou o contributo de um fotógrafo que enviou a concurso três retratos registados em São Paulo. Tanto o Gustavo, o protagonista da fotografia Visão Monocular (1) que arrecadou o terceiro lugar, como o Paulo e o André têm por detrás dos respetivos rostos histórias de vida que comoveram

Léo Sombra. O autor está a documentar em imagens pessoas com deficiências visuais de apenas um olho que, ao mesmo tempo, representassem a face do Brasil, que é “um país de várias raças e etnias”.

“É uma imagem que me custaria deixar passar, porque neste olhar vejo um olhar límpido e do outro lado consigo imaginar um globo terrestre com as suas nuances, que no fundo é um universo de pessoas com mobilidade reduzida e com dificuldades nas suas mais variadas vertentes desde a cognitiva, a visual, a física”, descreve Adelino Ribeiro.

O esforço que Léo Sombra teve para “juntar pessoas com uma deficiência visual” foi, pelo menos neste concurso, recompensado.

Falando um pouco mais da imagem em si, Sónia Silva assume que gosta muito desta fotografia “porque é um olhar que, em retratos, se costuma ver mais em crianças, porque é extremamente desafiador e que é fantástico numa pessoa que tem uma deficiência e nos olha de frente e diz “Sim, senhora eu estou aqui. E?”.

“Eu estou a ver perfeitamente esta imagem com este menino e os dois olhos idênticos e exatamente com a mesma expressão, ele não se sente diminuído. O olhar dele é frontal, o olhar dele é desafiador e é isso que se pretende”, remata a presidente do júri.

Adequação ao tema do concurso, originalidade, criatividade e composição foram os critérios de avaliação das fotografias. Nestes indicadores foram quatro as que se destacaram de um leque de 60 imagens a concurso. “Acho que foi uma escolha feliz a todos os níveis. Acho que todas as imagens selecionadas representam bem aquilo que se pretende”, avalia Sónia Silva.

O fotojornalista do Público, Paulo Pimenta, acrescenta que, para além das imagens serem muito boas, há um equilíbrio entre o primeiro, o segundo e o terceiro lugares.



José Pedro Martins

“A inclusão na diversidade” – os vencedores

José Pedro Martins tomou conhecimento do concurso de fotografia através da internet e decidiu concorrer com o pseudónimo Maria Gomes. Assume-se como um fotógrafo amador habituado a estas andanças e, por isso, sempre optou por participar em concursos que tenham “um júri de premiação que chamele a qualidade do mesmo”.

“Além disso a minha participação é normalmente definida pela importância do evento ou pela temática central do concurso. A partir do momento em que tive acesso ao regulamento d’A inclusão na diversidade’ ficou logo, na minha mente, decidido que iria concorrer com a fotografia ‘Alone’, a qual ‘encaixava’ perfeitamente no tema a concurso. E, resultou!...”, explica José Pedro Martins. Estamos a falar de um professor que também é fotógrafo ou de um fotógrafo que também é professor? Uma dúvida que o próprio José Pedro Martins não consegue esclarecer.

“O convívio desde a mais tenra idade com inúmero material fotográfico pertença de meu pai – um apaixonado pela arte – bem como a sua influência foram motivos determinantes para o início da minha atividade como fotógrafo em 1981”.

Em mais de 30 anos de atividade conta com a participação em mais de “três dezenas de exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro”, diversas premiações e imagens editadas em alguns livros da especialidade, revistas de fotografia nacionais e estrangeiras, cartazes publicitários, blogues, jornais e capas de livros.

Editou ainda, em 2005, o livro de fotografia “O Perfume da Tradição” centrado nos típicos Tapetes de Flores de Vila do Conde e é o responsável pela criação, desenvolvimento e atualização de um recente projeto fotográfico denominado “Acrobatic Project” que assenta numa interligação entre as acrobacias ligadas às atividades físico-desportivas, particularmente gímnicas, e a respetiva inserção em novos ambientes ou paisagens. “Mais recentemente englobo com mais dezanove autores o livro coletivo de fotografia ‘20 fotografia de rua’, acabado de lançar no passado mês de outubro. Sou o fotógrafo do Teatro Municipal de Vila do Conde e da LFA – Lafontana Formas Animadas | Companhia de Teatro. Em suma, a fotografia é para mim, uma simbiose de emoção, criação, comunicação, inovação, (auto)superação,... PAIXÃO”, admite.

“Este concurso possui todas as condições para se consolidar no panorama nacional dos certames de fotografia. Assim o seja! Até à próxima edição”. J. Pedro Martins

A fotografia vencedora “Sê feliz!” está vinculada ao projeto “Fotografia Solidária”, “um projeto cheio de emoções” que juntou os profissionais da Farfetch e os clientes da AIREV que tiveram a oportunidade de serem estrelas por um dia. “Este projeto resultou do ‘casamento’ perfeito entre a Farfetch e a AIREV”, sublinha Ana Teixeira. A mentora desta iniciativa explica que com este projeto a Farfetch utilizou as ferramentas do dia-a-dia, desde a parte de fotografia, styling, vídeo, edição de imagem, para proporcionar um dia diferente aos utentes da AIREV. “O intuito do projeto foi fotografar todos os utentes da instituição, vestindo-os de acordo com vários ícones da música, do cinema e alguns dos seus ídolos”, explica.

As fotografias selecionadas, depois de editadas de acordo com a leitura fotográfica de cada personagem, foram expostas em Guimarães, no Largo da Oliveira, de 27 a 29 de junho e o resultado da venda das imagens reverteu a favor da AIREV.

“À equipa da Farfetch ficou provado que é bom receber, mas dar desta forma é ainda melhor. São indiscreíveis dois momentos: o dia da sessão fotográfica e da exposição. Ver o entusiasmo dos utentes e da AIREV, a alegria dos pais, o brilho nos olhos dos colaboradores da Farfetch.... Quando lancei este desafio à Farfetch não estava a prever este impacto emocional de ambas as partes. Só por aí valeu muito a pena”.



Pedro Fontes

Pedro Fontes já agradeceu à amiga que lhe deu a conhecer o concurso de fotografia promovido pela Plural&Singular. O projeto final do curso profissional que o autor de iLimitado 1 fez, em regime de pós laboral no Instituto Português de Fotografia, no Porto, tinha todos os requisitos necessários para participar.

“Basicamente o meu projeto final representou as minhas férias de 2013 todas. São os meus dias, não gastos, mas investidos, a estar lá [MADI - Movimento de Apoio ao Diminuído Intelectual], no dia-a-dia na instituição, quer dentro, quer fora nas atividades que eles faziam e foi uma atividade extremamente enriquecedora”, descreve. “Convertido” ao fotojornalismo e à fotografia documental, Pedro Fontes, nos projetos a que se propõe, procura sempre sair da zona de conforto e é motivado por dois princípios que considera fundamentais: “Curiosidade em conhecer uma realidade ou algo que ainda não conheço e também o prestar alguma espécie de homenagem”.

O passado como escuteiro também pesou no interesse em mergulhar neste projeto e entrar numa realidade que muitas vezes “passa ao lado” da maioria das pessoas. “Este tipo de histórias não são como muitas vezes vemos com o carácter de ‘coitadinhos’ ou de pena mas sobretudo são bastante de louvar pela perspetiva positiva e perspetiva de futuro que este projeto tem”.

Pedro Fontes andou 20 dias ao longo de seis meses a registar várias atividades realizadas pelo MADI. “Foi muita imagem feita, mas nos três primeiros dias, ia lá sem câmara para me familiarizar com as pessoas, verem que estou genuinamente interessado naquilo que eles têm para oferecer independentemente de poder fotografar ou não. Acho que nesse aspeto a experiência tem que ser, não só fotográfica, mas também humana”.

Pedro Fontes é economista de profissão e recém-formado em fotografia e, de certa forma, este prémio é como se fosse a primeira recompensa por todo o esforço empregue num curso que, por si só, demonstra a vontade que tem em apostar na fotografia.

“Atualmente não trabalho em fotografia. Mas quem se dá à disponibilidade de fazer um curso profissional em horário pós-laboral, sendo que eu trabalho em Oliveira de Frades e tinha que fazer 200 quilómetros por dia - 100 para ir e 100 para vir - para ter aulas ao final do dia é mesmo porque quer levar as coisas a sério”, confessa.



Léo Sombra

Também Léo Sombra foi recompensado, depois da primeira tentativa em concorrer ter sido “recambiada” novamente para o Brasil. O serviço português dos CTT Expresso não colaborou com a candidatura deste fotógrafo brasileiro, que depois de confirmar o extravio, preparou tudo para enviar novamente. À segunda tudo correu melhor depois de muito se reclamar sobre a eficiência do referido serviço.

O que interessa é que a candidatura chegou e foi analisada pelos membros do júri que decidiram atribuir o terceiro lugar à fotografia Visão Monocular (1). “O projeto ‘Visão Monocular’ vem sendo desenvolvido desde 2009 quando encontrei esse garoto da fotografia vencedora jogando futebol. O olhar dele me chamou muito a atenção e, ao mesmo tempo, me assombrou pela expressão. Na época eu ainda usava equipamento analógico com poucos recursos”.

Mais tarde, Léo Sombra apercebeu-se que tinha um amigo com os mesmos sintomas causados por erro médico quando era criança e procurou mais pessoas para fotografar. “Hoje eu tenho uma série com dez pessoas que pretendo expandir no âmbito de juntar um belo e grande material sobre esse tema tão incomum e simples”, adianta.



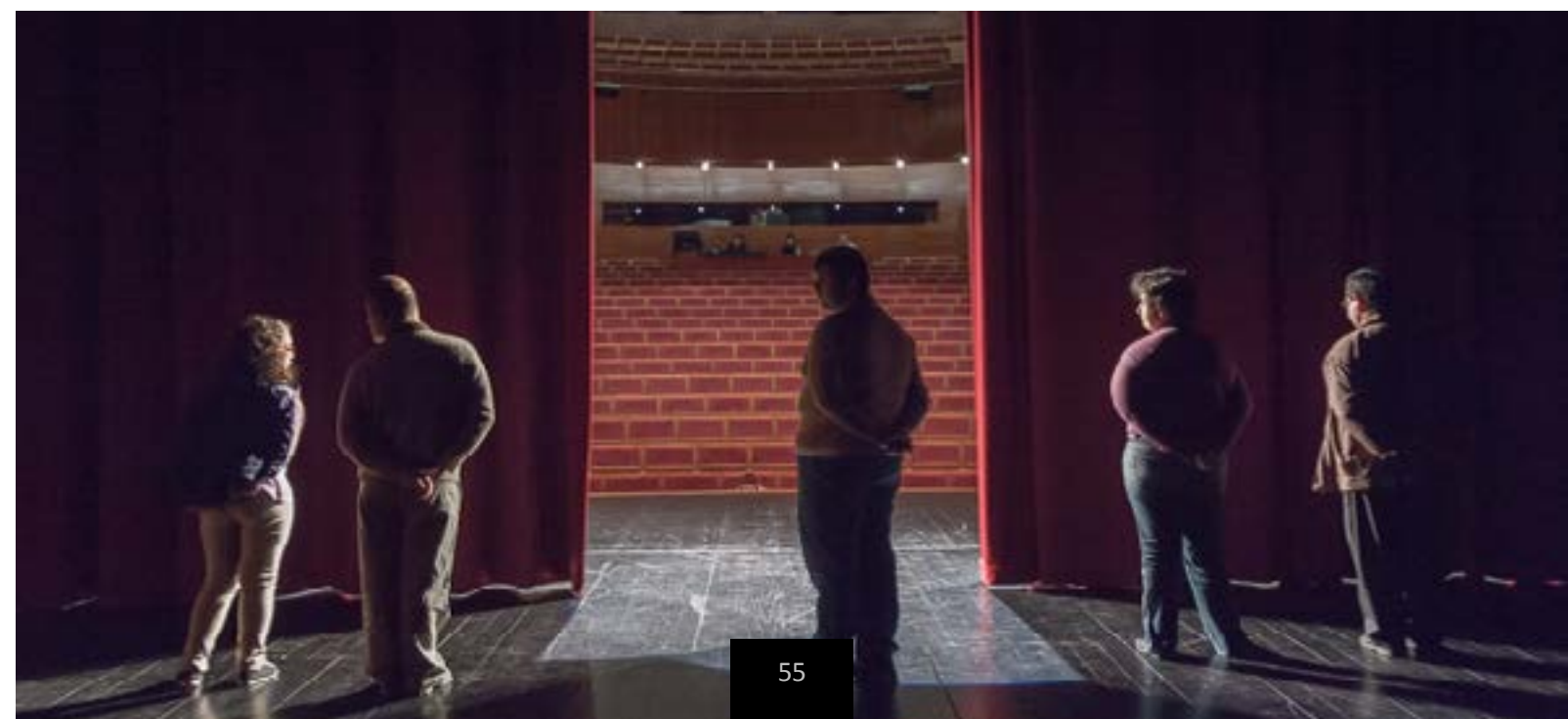


“**Dei muita importância, porque faz parte do meu trabalho, aquilo que a maioria das fotografias, de facto, me transmitia a olho nu. Claro que depois tive o cuidado de ver qual era a memória descritiva e qual era o seu enquadramento, mas cima de tudo vermos a imagem por si só. O quê que ela me transmitia, qual era a importância e seguir a regra do concurso e acho que aí conseguimos um bom resultado global da escolha**”. Paulo Pimenta

“A inclusão na diversidade” - o balanço da participação

Há uma coisa que importa realçar neste concurso de fotografia “A inclusão na diversidade”: É que, tal como o título indica, é muito mais que um concurso. Esta iniciativa tem por detrás muitas histórias e pessoas e é muito difícil conseguir transmitir a importância de algo que começou por ser uma simples ideia que rapidamente se materializou num concurso recheado de gente que organiza, que avalia, que é fotografada e que fotografa. Os responsáveis da organização do concurso de fotografia, quer da parte da Plural&Singular, quer da parte do Centro Português de Fotografia, estavam apreensivos em relação à participação e consequente sucesso da iniciativa. Era ‘um tiro no escuro’. Sabiam que o tema era interessante embora amplo e que o júri era apetecível e reconhecido na área da inclusão e da fotografia. No entanto, entendiam que os prémios talvez não fossem suficientemente convidativos para algumas pessoas ultrapassarem a ‘barreira’ burocrática da candidatura – ficha de inscrição, cd com as fotografias a concurso e pequena memória descritiva - mas decidiram arriscar nestes termos e lançaram o concurso no dia 28 de julho. A 30 de setembro fechava o prazo limite de candidaturas e era tempo de contabilizá-las: 60 fotografias a concurso. “Fiquei admirado por haver mais participações do que aquelas que estava à espera e segundo terem sido submetidos trabalhos com bastante qualidade mesmo a nível de abordagem de tema, composição, impacto, mensagem”, admite Paulo Pimenta.

A Plural&Singular faz suas, as palavras de Sónia Silva, um dos elementos do júri e uma das responsáveis na parceria do Centro Português de Fotografia para a realização desta iniciativa: “Eu estou muito feliz por ter havido uma participação tão boa, quer em termos de quantidade, quer em termos de qualidade. Fiquei até francamente admirada, foi uma surpresa muito, muito agradável realmente ter tanta coisa boa por onde escolher”.





Projeto “Um dia com Luisita” de Paulo Pimenta

A Luísa tem 48 anos e gosta, nos passeios que faz com o irmão, de ir ao cabeleireiro arrancar o cabelo e as unhas e de passear à beira mar.

“Temos o ritual de eu ir busca-la e então tenho que fazer determinadas coisas, desde leva-la sempre ao cabeleireiro para lavar, pentear e pintar as unhas, leva-la ao café, almoçar, passear junto à praia, estar com os meus amigos. Mas ela nem é muito sociável, gosta sempre de estar no seu mundo mas quando lhe quebro isso fica chateada”, descreve o fotojornalista do Público, Paulo Pimenta. O Paulo, além de lhe dar esses miminhos que ela tanto aprecia, gosta de a fotografar. “Tenho a necessidade de registar os meus momentos com a Luísa, de guardar o máximo de imagens dela e de fazer histórias com ela”. Mas como a irmã “não gosta muito” e só de vez em quando colabora, Paulo Pimenta está a “cortar-se um bocado” por respeito à vontade da irmã.

Ela por vezes reconhece-se e se lhe “cai bem”, faz o mesmo que faz com as unhas que quer sempre mostrar quando chega à instituição onde vive.

“Tive essa sensação quando chegou um exemplar do livro de Londres aí eu fiz questão que fosse ela a primei-

ra a ver o livro. Até fotografei ela a abrir o pacote e a indicar o sítio para ela ver e a apontar. Também tenho essa sensação quando faço vídeos e ela depois reconhece-se e tem reações – ri-se ou rejeita”, conta Paulo Pimenta.

O projeto aDay.org lançou o repto para que, no dia 15 de maio de 2012, todos os fotógrafos convidados fotografassem o que lhes é próximo. O fotojornalista do Público, Paulo Pimenta, decidiu fotografar a irmã Luísa. Passou o dia todo com ela para registar todos os momentos do dia-a-dia na instituição onde a irmã vive. A Luísa foi a protagonista de Paulo Pimenta para um projeto que recolheu mais de cem mil imagens, de fotógrafos de 162 países, empenhados em mostrar um pouco do que era o mundo naquela primavera de 2012.

Deste projeto resultou um livro com 100 imagens de todos os cantos do mundo, sendo que uma delas é da autoria de Paulo Pimenta e tem a Luísa como protagonista retratada. “Isso para mim foi um momento fantástico e mágico porque no meio de 160 países e de cem mil fotografias uma imagem minha e, principalmente, com o valor e significado que tem, que é da Luísa, minha irmã, foi selecionada. Para mim continua a ser um grande momento, porque marcou-me mesmo”, admite.



“

A imagem que é selecionada é uma imagem dela abraçada a uma técnica auxiliar antes de tomar o pequeno-almoço. Em primeiro plano estão duas amigas da instituição. Ela não sabe da minha presença e está ao fundo a abraçar com aquele calor e sentido que nós sentimos mesmo com esses miúdos. Esses miúdos têm esse lado fantástico que é quando dão um abraço a uma pessoa dão mesmo aquele abraço que nós gostávamos de sentir sempre. É um abraçar mesmo sentido”. Paulo Pimenta

Recentemente “Um dia com a Luísa” esteve em exposição na Casa das Artes de Famalicão até 29 de junho e Paulo Pimenta aguarda a possibilidade do projeto voltar a estar exposto em Vila Nova de Cerveira.

O fotojornalista também desenvolveu outros projetos individuais, nomeadamente, um que resulta da colaboração que tem feito com o grupo de Teatro da Crinabel: “Histórias Fora de Palco” é outra exposição que esteve, até ao final de novembro, patente no Café Concerto do Teatro Municipal da Guarda e resultou do acompanhamento que o fotógrafo fez aos 14 atores da Companhia Crinabel Teatro, um grupo impulsionado por pessoas portadoras de Trissomia 21.

Paulo Pimenta foi um dos sete fotógrafos portugueses convidado a integrar o livro, com mil fotografias, que condensa aquele dia e aquele projeto.



A Luísa “teve uma mudança drástica na sua rotina porque de um momento para o outro viu-se sem a mãe”. Como era uma miúda que não foi muito estimulada, passou a maior parte do tempo com a mãe e acabou por ficar “um bocado limitada”. “Agora a partir do momento que foi para a instituição mudou um bocadinho”.



Paulo Pimenta



Adelino Ribeiro



Sónia Silva

“A inclusão na diversidade” – a reunião do júri

A 3 de novembro - o dia em que a Plural&Singular conseguiu arranjar acordo nas agendas dos três elementos do júri para a realização da reunião de seleção dos premiados do concurso de fotografia – choveu a cântaros. Lá fora o Largo Amor de Perdição estava vazio de gente mas inundado pela chuva que bailava ao sabor do vento e que não dava tréguas aos poucos guarda-chuvas que arriscavam atravessar a frente do Centro Português de Fotografia. A Sala da Extensão Cultural e Educativa, num dia normal iria parecer grande demais para as quatro pessoas que reuniam, com luzes desligadas, à volta de uma parede onde saltitavam imagens, mas fazia-se pequena e confortável, de cada vez que se olhava pela janela para confirmar o passo em que se desenvolvia a tempestade que encharcou o Porto.

Sónia Silva, técnica superior do CPF, Paulo Pimenta, fotojornalista do jornal Público e Adelino Ribeiro em representação de Paula Teles, professora universitária,

presidente do Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade e engenharia civil conseguiram, de entre as 60 fotografias, encontrar consenso para a decisão final. Um consenso que também existiu na hora de atribuir a duas imagens o primeiro prémio ex-aequo.

“As pessoas foram super eficazes e foi divertido também estarmos aqui num dia de temporal e eu estar de muleta mas vim cá com todo o gosto e prazer. Foi também importante para mim ter partilhado convosco estas imagens e é sempre bom sentirmos que somos úteis”, atesta Paulo Pimenta.

O fotógrafo Paulo Pimenta com problemas num joelho, a engenheira Paula Teles nas costas a ponto de ser substituída por um dos colaboradores da m.pt, Adelino Ribeiro, e a própria Sónia Silva que estava “em modo” de privação do sono por ter um dos três filhos doente não se pouparam a esforços para levar “a bom porto” a reunião de seleção dos vencedores.

A Padaria das Trinas, que mantém as portas abertas há mais de um século, ofereceu o bolo de aniversário da Plural&Singular. Esta padaria com mais de 130 anos localiza-se na rua com o mesmo nome, em Guimarães, e distingue-se das demais por manter os processos tradicionais de fabrico de pão e pastelaria. O pão-de-ló é uma das iguarias a provar, mas o bolo de água, em que se vai soprar as duas velas do aniversário deste órgão de comunicação, também vai fazer as delícias de todos os que comerem uma fatia. Apareça, chega para TODOS!!



PADARIA DAS TRINAS, LDA.



A CAID, em Santo Tirso, disponibiliza um serviço de catering aberto ao público que contribui para a inserção das pessoas com deficiência no mercado do trabalho.



Jubileu foi a marca de chocolates que a Imperial escolheu para “adoçar” este evento tão especial.

“A inclusão na diversidade” – a cerimónia de entrega de prémios e os parceiros

Os vencedores do concurso são anunciados publicamente com o lançamento desta 9.ª edição da revista digital da Plural&Singular. A imagem vencedora ilustra a capa da revista trimestral que assinala os dois anos deste órgão de comunicação que foi lançado a 3 de dezembro de 2012, o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência. A cerimónia de entrega de prémios do concurso de fotografia “A inclusão na diversidade” e de celebração do aniversário da Plural&Singular realiza-se no CPF, no Porto, entre as 16 e as 17h30, e conta com a colaboração de várias entidades.

Da Cooperativa de Apoio à Integração do Deficiente (CAID), em Santo Tirso, foi solicitado o catering em que será servido sumo, água, vinho do porto, bolachinhas sortidas de confeção artesanal, tostinhas com compotas variadas. Mas esta instituição, criada em 1998 com o intuito de responder à problemática da deficiência nas suas diferentes dimensões, é muito “prendada” e tem muitos mais produtos a oferecer a quem requisitar este serviço de catering.

A formação profissional proporcionada pela CAID, através da parceria estabelecida com a ACIST - Associação Comercial e Industrial de Santo Tirso, tem como objetivo promover ações que visam a aquisição e o desenvolvimento de competências profissionais, tendo em vista potenciar a empregabilidade das pessoas com deficiências e incapacidades, orientadas para o exercício de uma atividade no mercado de trabalho, visando dotar de competências ajustadas para o ingresso, reingresso ou manutenção no mundo do trabalho.

Neste momento a CAID desenvolve, simultaneamente, três cursos de formação profissional. Para além de jardinagem e artesanato, esta entidade promove o curso de cozinha em que se ensina a preparar, cozinhar e emprar alimentos em estabelecimentos de restauração e bebidas, integrados ou não em unidades hoteleiras.

A Imperial, o maior fabricante e o detentor das principais marcas de chocolate portuguesas - Jubileu, Regina, Pintarolas, Pantagrul, Fantasias e Allegro - aceitou o desafio proposto pela Plural&Singular de “adoçar” esta cerimónia “três em um”: entrega de prémios do concurso de fotografia “A inclusão na diversidade, comemoração do 2.º aniversário da Plural&Singular e celebração do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência.

A empresa que tem vindo a desenvolver e a consolidar a sua posição internacional, com a introdução e comercialização das suas marcas em mais de 45 países da Europa, África, Américas e Ásia ofereceu 50 chocolates que serão distribuídos pelos presentes no evento que, embora, singelo se espera agradável e inesquecível.



©Centro Português de Fotografia

O Centro Português de Fotografia no Porto e a Plural&Singular para esta iniciativa podem contar já com um “namoro de longa data”. Mais de meio ano de parceria ativa parece pouco aos olhos dos incansáveis responsáveis da organização para que tudo corresse bem na realização deste concurso de fotografia e para o culminar desta cerimónia “três em um” impregnada de tanto simbolismo.

Já era sabido que a cultura fotográfica passou a estar acessível a pessoas com mobilidade reduzida que queiram visitar o CPF graças ao projeto Edifício Aberto para TODOS promovido por esta entidade. Foi concebido, no âmbito desta ação, um percurso acessível que também pretende melhorar a acessibilidade social e intelectual a todo o público que queira visitar o acervo e as exposições do edifício histórico da antiga Cadeia da Relação. O percurso definido, sem qualquer intervenção, ainda, em termos de obras, está disponível para consulta no site do CPF e indica ao visitante “de que forma é que entra, as métricas das rampas do piso 1,2 e 3”. “Neste momento o visitante pode aceder a todos os pisos do CPF e percebe exatamente onde é que pode ir e onde não pode ir. A amarelo está identificado o espaço inacessível”, explica a técnica superior do CPF, Inês Rodrigues.

Assim, o Centro de Exposições que inclui todos os pisos, a Loja no piso 1 e a Unidade Informativa/Biblioteca Pedro Miguel Frade, assim como a secretaria no piso 2 estão acessíveis.

No terceiro piso, onde está a exposição permanente de máquinas fotográficas do Núcleo Museológico António Pedro Vicente do CPF e onde tem a cela do escritor Camilo Castelo Branco, é tudo acessível – incluindo a Sala da Extensão Cultural e Educativa onde se realiza a cerimónia de entrega de prémios do concurso.

A intervenção para tornar as zonas ainda inacessíveis é complexa. Trata-se de um edifício do século XVIII, classificado como imóvel de interesse público e que, estando a ser analisada a classificação para monumento nacional. “Qualquer intervenção tem que se ouvir a Direção Geral do Património Cultural, a Direção Regional de Cultura do Norte, a Porto Vivo que é uma empresa da Câmara Municipal porque nós estamos inseridos numa área de

reabilitação urbana, é um Centro Histórico que foi Classificado como Património Mundial...”, enumera.

É um processo lento e para o acelerar o CPF está a trabalhar em conjunto para que, mediante uma potencial solução, haja uma aprovação mais rápida. Falta depois saber se haverá financiamento, não há ainda como orçar o custo da obra. “Se virmos que é completamente impossível, assumimos que aquela parte é completamente inacessível e ponto”, afirma Inês Rodrigues. Do restante trabalho que se pode fazer no âmbito do subprojeto Acessibilidades do projeto principal Edifício Aberto e que não implica encargos nem despesas maiores o CPF tem vindo a trabalhar a acessibilidade da fotografia.

Desde outubro de 2013 que este arquivo fotográfico situado no coração do Porto, bem perto da Torre dos Clérigos, disponibiliza audioguias que deverão ainda ser melhorados graças às “dicas” da especialista em audiodescrição, a professora Josélia Neves. E a aposta na acessibilidade da linguagem dos restantes suportes de comunicação do CPF também já se nota.

O edifício está também mais confortável, com cadeiras em todas as salas de exposição e graças a uma parceria estabelecida com a uma intérprete para que as visitas tenham guia em Língua Gestual Portuguesa e que também está disponível para acompanhar a cerimónia. O CPF é um arquivo dependente de âmbito nacional da Direção do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas e “mora” num grandioso edifício que foi construído no século XVIII. Mais de metade da acessibilidade física ao espaço está garantida e muitas outras medidas estão a ser contempladas para que pessoas com necessidades especiais possam conhecer e desfrutar do património fotográfico de que é depositário.

O “teste” do percurso acessível do CPF foi efetuado em outubro de 2013 com visitantes da Aspace Bizkaia em parceria com a Waterlily – Turismo especializado.



©Centro Português de Fotografia



©Centro Português de Fotografia

“A inclusão na diversidade” – a continuidade do concurso de fotografia

Um balanço positivo é sempre um propulsor da continuidade. Quando a Plural&Singular decidiu avançar com esta iniciativa não sabia qual seria a receptividade das pessoas ao concurso de fotografia, no entanto, tinha em vista a continuidade do mesmo. A parceria com o Centro Português de Fotografia foi crucial para o sucesso desta primeira edição. Agora aumentou ainda mais a confiança para afirmar que...para o ano há mais.



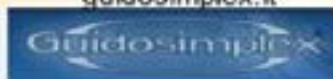
www.autopedico.pt

ADAPTAÇÕES EM AUTOMÓVEIS

autoadapt.se



guidosimplex.it



tecnodrive.it



invacare.pt



Tel+351 225507819 l1m+351 917527555

autopedico@netcabo.pt

Rua da Alegria, 1963 4200-026 PORTO - PORTUGAL

ADAPTAÇÕES EM AUTOMÓVEIS PARA A CONDUÇÃO E TRANSPORTE DE DEFICIENTES

CADEIRAS DE RODAS DE LIGA LEVE E ELÉCTRICAS



Alexandra Ferreira-Valente
Centro de Estudos Sociais da Universidade de
Coimbra
Universidade Lusíada de Lisboa
mafvalente@gmail.com

Convertemos problemas quotidianos em perturbações mentais: da perversidade da rotulação em saúde mental

“Convertemos problemas quotidianos em perturbações mentais”. Começava assim a entrevista que Allen Frances, um dos mentores da quarta versão do manual de diagnóstico e estatístico de perturbações mentais (DSM-IV), deu recentemente ao jornal El País (Oliva, 2014). Este psiquiatra e autor consagrado, não obstante ser um dos precursores da bíblia psiquiátrica atual, não deixa de tecer críticas ao novo manual de psiquiatria, questiona a crescente medicalização da vida. No seu mais recente livro “Somos todos doentes mentais?” aponta frontalmente o dedo ao lobby farmacêutico, responsabilizando-o por uma espécie de hiperinflação diagnóstica que amplifica o número de comportamentos e problemas da vida quotidiana considerados sintomas de um diagnóstico psiquiátrico. No limite, afirma Frances, todos poderíamos ser considerados doentes mentais e poder-nos-íamos reconhecer em muitos dos quadros clínicos propostos.

Esta reflexão de um dos proponentes do DSM, bem como os trabalhos dos pais da antipsiquiatria, de Thomas Szasz (1961, 1978), Rosenhan (1984), e, entre nós, Miguel Gonçalves (2003), assaltam-me de imediato ao ler a crónica de Pedro Silva Lopes no Jornal Público de 6 de outubro de 2014. O autor expõe o caso do seu cliente – Carlos, internado compulsivamente numa instituição de saúde mental sem aparentemente ter sido cabalmente avaliado por profissionais de saúde competentes, mas cujo relatório decretou o seu internamento involuntário. A fazer fé neste relato, o internamento de Carlos foi ditado pelos relatos dos seus familiares e pela sua recusa em reconhecer e aceitar estar doente, único sintoma consistentemente observado pelos vários profissionais de saúde. Como consequência, Carlos viu-se afastado durante seis meses do seu ambiente social habitual, prostrado pelos efeitos secundários do tratamento forçado com anti psicóticos injetáveis, impedido de usar o seu computador, tablet e telemóvel, profissionalmente arruinado e psicologicamente deprimido. Pergunto-me se qualquer

pessoa não deprimiria em circunstâncias semelhantes. O prejuízo social, profissional e pessoal do internamento e tratamento de que Carlos foi alvo recordam-nos da perversidade da institucionalização (em si mesma indutora de doença mental), da rotulação, estigmatização e individualização do comportamento disfuncional quando falamos de doença mental (Gonçalves, 2003). A este propósito ocorre-me recordar a experiência levada a cabo por Rosenhan (1984), em que este instrui oito voluntários considerados saudáveis a se apresentarem em diferentes hospitais psiquiátricos alegando ouvir vozes. Sem mais, estes pseudodoentes foram internados com o diagnóstico de esquizofrenia. O que se seguiu ao internamento extravasa, na opinião de Gonçalves (2003), o mero erro diagnóstico. Apesar de surpreendidos pela facilidade com que lhes tinha sido atribuído um diagnóstico e decretado o internamento, estes voluntários começam então a tirar anotações acerca da sua experiência pessoal. Este comportamento, não contrariado pelos técnicos, e para o qual tinham sido instruídos por Rosenhan, foi interpretado como sintoma compulsivo. Começa aqui uma longa narrativa, em que a história de vida destes pseudodoentes é distorcida pelos técnicos de forma a torná-la coerente com o diagnóstico atribuído, e em que comportamentos irrelevantes assumem, no internamento, um significado clínico. A afirmação insistente destes voluntários de que já não ouvem vozes é considerada – como não? – a confirmação mais evidente do diagnóstico atribuído. Assim, o diagnóstico inicialmente atribuído passa a ser critério de análise e fonte explicativa de comportamentos banais, e determina o tipo, frequência e qualidade da interação dos técnicos com os utentes. Miguel Gonçalves (2003) lê esta experiência à luz dos conceitos de institucionalização, rotulação e individualização do comportamento disfuncional, ao mesmo tempo que recorda o conceito de ‘mortificação do eu’ introduzido por Erving Goffman ([1961] 2001) para caracterizar o processo pelo qual, no momento de

ingresso numa instituição total, o indivíduo é destituído da sua individualidade. Neste seu estudo sobre ‘instituições totais’ nos 1960, Goffman caracteriza o internamento, precisamente pela privação da liberdade, do exercício da vontade individual, do uso de bens pessoais, pelo confinamento social, e pelo cerceamento da comunicação e da relação com indivíduos “saudáveis”. Conforme reflete Gonçalves (2003) um ‘cocktail’ não só não terapêutico, como, em si mesmo, patologizante. Vemos na experiência de Rosenhan arbitrariedade na rotulação, no diagnóstico e na avaliação clínica dos casos. Na verdade, qualquer técnico pode errar. Acredito, todavia, que a sua responsabilidade social não se esgota com um simples pedido de desculpas ao utente e a restituição da sua identidade enquanto “são”. Na verdade, o rótulo que estigmatiza e exclui não desaparece com a mesma facilidade com que foi imposto. O caso de Carlos deve, por isso, servir de reflexão acerca da formação necessária e do poder de decisão e destruição que estes técnicos têm sobre a vida dos utentes. Parece-me assim de bom senso apelar à prudência na atribuição de um diagnóstico, à ética e ao rigor científico dos técnicos que o têm de fazer. Diagnostica-se com base em quê? O que é, afinal, o desvio? Quem define as normas e os critérios segundo os quais um desvio deixa de ser normal e passa a ser considerado patológico? Não quero deter-me aqui sobre as considerações esclarecedoras de Thomas Szasz (1961, 1978) na senda da resposta a estas interrogações. Tão pouco advogo a sua conclusão de que a doença mental não passa de um mito. Contudo, não posso deixar de assinalar a forma como Szasz aponta a centralidade do sofrimento humano sobre a doença. Não posso esquecer a sua argumentação acerca da medicalização das nossas vidas que transforma comportamentos socialmente indesejáveis em doenças. Afinal, aquilo que, ainda hoje, preside à determinação do que é “anormal” é, embora não exclusivamente, um critério estatístico¹ (Kaplan e Sadock, 1990, 1998) e uma construção social.

Se a função do diagnóstico em psiquiatria é a de agilizar a comunicação entre profissionais de saúde acerca de uma condição, e orientar a intervenção, ele não está, no entanto, isento de perigos. Entre os possíveis perigos, contam-se a administração de fármacos, o estigma social e as consequências físicas, psicológicas e sociais que ambos encerram. Independentemente da validade do diagnóstico clínico, o caso de Carlos mostra-nos, como muito bem sintetiza Allen Frances, que “é muito fácil fazer um diagnóstico erróneo, mas muito difícil reverter os danos que este acarreta”. Mais de 50 anos volvidos da emergência do movimento da antipsiquiatria, urge refrear o ímpeto diagnóstico que psicologiza problemas quotidianos e os transforma em perturbações. Mais importante do que atribuir um diagnóstico é olhar para o sofrimento. Mais importante que o diagnóstico são as potencialidades que cada um encerra em si, apesar de tudo e “com tudo”². A linha que separa o normal do patológico é, na verdade, muito tênue. “Saudáveis” e “portadores de doença mental” são, acima de tudo, “pessoa”. E esta é uma dignidade que ultrapassa todos os rótulos e aquilo somos capazes de fazer e de produzir.

¹ A normalidade assim definida implica que tudo aquilo que se desvie do que é mais frequente e desejável entre uma maioria é um desvio à norma e, como tal, um sintoma. Esta perspetiva, aplicada à saúde (física e mental), foi amplamente rebatida por diversos autores, considerando-se, atualmente, que o critério estatístico, tomado isoladamente, não é suficiente para declarar algo que é incomum como doença. Claude Bernard aparece como um dos críticos a esta perspetiva, e fala de um contínuo entre o normal e o patológico em que o estado patológico é uma variação quantitativa dos elementos cuja presença ou ausência é necessária para que algo ou alguém seja considerado saudável.

² Assumo aqui a convicção rogeriana acerca das possibilidades que todo o ser humano tem em si, acerca da sua capacidade inerente de crescer e se superar. Recorde-se, a este propósito, o conceito de “tendência à auto atualização” introduzido por Carl Rogers (1977), segundo o qual todas as pessoas são movidas “por uma tendência inerente para desenvolver as suas potencialidade e para desenvolvê-

las de maneira a favorecer a sua conservação e o seu enriquecimento” (p. 159). Esta tendência auto atualizante leva a uma superação contínua dos estados e potencialidades atuais que necessita de relações humanas positivas e favoráveis à valorização do “eu”.

Referências

- Gonçalves, M. (2003). Psicoterapia: uma arte retórica? Contributo das terapias narrativas. Coimbra: Quarteto.
- Goffman, E. (2001). Manicómios, prisões e conventos. São Paulo: Editora perspectiva.
- Kaplan, H., Sadock, B. (2010). Compêndio de psiquiatria (10 ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kaplan, H., Sadock, B. (1998). Manual de psiquiatria. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lopes, P.S. (2014). Voando sobre um ninho de cucos num manicómio de Lisboa. Consultado em <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/voando-sobre-um-ninho-de-cucos-num-manicomio-de-lisboa-1671926>
- Oliva, M. P. (2014) Convertimos problemas cotidianos en trastornos mentales. Consultado em http://sociedad.elpais.com/sociedad/2014/09/26/actualidad/1411730295_336861.html
- Rogers, C. (1977). Tornar-se pessoa (4.ª Ed.). Lisboa: Morais Editores.
- Rosenhan, D. L. (1984). On being sane in insane places. In P. Watzlawick (Ed.), The invented reality (pp. 117-142). New York: Norton.
- Szasz, T. (1961). The myth of mental illness; foundations of a theory of personal conduct, Nova York: Hoeber-Harper.
- Szasz, T. (1978). Esquizofrenia. Publicações Dom Quixote



Rui Machado
r.lucas.machado@gmail.com

3 de dezembro: dia de luto da condição humana

Vivemos num país absolutamente extraordinário. Se pensarmos bem e não considerarmos aqueles que nos têm governado desde D. João II, vivemos efetivamente num pequeno paraíso.

O clima é temperado e invejado por toda a Europa, como diziam os manuais de «Meio Físico» com que aprendi na escola primária. O cenário é idílico e tem merecido elogios em publicações orientadas para aqueles que gostam de se passear pelo mundo. No litoral, temos mais de 300 praias onde, com o melhor tempo, passamos dois, três e às vezes quatro meses do ano a desfrutar o sol quente e a água única do nosso mar. Quando o sol se tapa, vêm dos quatros cantos do mundo para experimentarem a singularidade das nossas ondas. No interior, temos refúgios de uma beleza natural inigualáveis.

E as nossas gentes não ficam atrás do cenário que ocupam. Não nos governamos, nem nos deixamos governar como dizia Júlio César e isso antes de ser assustador, é de uma encantadora sedução. Somos gentes de brandos costumes e em conflitos dizemos de vozeirão: «Agarrem-me senão dou cabo dele». Ninguém agarra ninguém e ninguém dá cabo de ninguém. Noutros países parte-se tudo ou chamam-se advogados. Somos o país que em 1999 chamou a atenção do mundo para o que se passava em Timor-Leste, com um gigantesco cordão humano. Demos literalmente as mãos para denunciar uma injustiça que nos gritava ao coração e o mundo ouviu. Somos ainda um país onde se dá a falência de um banco, alegadamente por falta de ética, corrupção e gestão danosa. E no dia seguinte nem um protesto ou tiro, apenas uma ordeira corrida aos balcões para saber quanto das suas economias se tinham perdido.

Tudo isto me faz tremer de ternura e amor por Portugal. Mas há algo que me entristece profundamente: este país, este país maravilhoso não é de todos quantos nele nascem e vivem.

O país e os portugueses (há que dizê-lo) não respeitam, nem promovem os direitos das pessoas com deficiência. Nem todos os portugueses interessam. Vivemos num

país onde quando a família deixa de ter condições de ser cuidadora (por morte ou cansaço de um trabalho de 24 horas por dia sem folgas ou feriados) a única alternativa é a institucionalização, muitas vezes em locais sem qualquer vocação para as especificidades das deficiências que vão acolhendo. Há em Portugal presos a cumprir pena perpétua e não cometeram crime algum. Escondidos, como que se não forem vistos deixam de existir. Mas não, mesmo isolados e segregados por uma sociedade egoísta, existem e sofrem diariamente por estarem presos e vivos sem direito a viver. É aqui que o nosso país é miserável. Tudo o que o país e as suas gentes são, já deveria ter acabado com esta atroz realidade. Mas não, nada foi feito e essas pessoas continuam a conhecer o supremo egoísmo dos seus semelhantes. O mais básico e elementar é-lhes negado, como por exemplo viver nas suas casas preservando os seus laços, redes sociais e conforto. E o governo fala mentiras a estas pessoas, prometendo a Vida Independente – paradigma em vigor há décadas nos mais variados países por todo o mundo – que vive em sucessivos adiamentos e em propostas mais ou menos ridículas.

É principalmente por esta razão que para mim o dia 3 de dezembro não é o dia internacional da pessoa com deficiência, mas sim o dia de luto da condição humana. Não me digam que é um dia onde se deve comemorar os avanços na promoção da igualdade das pessoas com deficiências. Direitos humanos não são dádivas e por isso a sua conquista não deve ser de comemorar. Nem me digam que é um dia para denunciar os problemas que existem. Os problemas são há muito conhecidos e estão sinalizados àqueles que os podem resolver. Chega de fingir que está tudo bem. É tempo de agir. Há gente a sofrer. Somos um país extraordinário, porque continuamos a permitir isto?

PUBLICITE AQUI E JUNTE-SE A NÓS



(+351) 913 077 505



publicidade@pluralesingular.pt



Av. D. João IV, 1076, Blc C, 4º Esq
4810-534 | Guimarães | Portugal



David Rodrigues
Presidente da Pró-Inclusão – Associação Nacional
de Docentes de Educação Especial e professor
universitário

Escolhas acolhedoras

Muitas vezes procuramos encontrar um termo alternativo a “escolha inclusiva”, um termo que seja mais explicativo e nos ajude a transmitir de uma forma menos desgastada o que pretendemos dizer com inclusão. Um desses termos alternativos foi usado pela UNESCO quando produziu um vídeo intitulado “Welcoming Schools”. Esta expressão teve uma tradução feliz para português quando se intitulou a tradução do vídeo como “Escolas acolhedoras”. Acolher é um termo gentil, solidário, respeitoso e prenunciado uma aceitação de quem é acolhido. Parece, pois, ser este um bom desiderato para as escolas que querem caminhar no processo da Inclusão: tornarem-se escolas acolhedoras para todos os alunos. Não podemos pensar que o termo acolhedor por mais benigno que nos pareça seja completamente explícito e claro. O que é acolhedor numa realidade pode não o ser noutra. Mas, mesmo assim, valeria a pena lançar algumas pistas para o que se pode considerar uma escola acolhedora.

Antes de mais uma escola acolhedora é uma escola que dialoga e que interage com os alunos e com as famílias. Há pouco um jovem aluno do quinto ano de escolaridade dizia “o problema é que nesta escola quando há um problema, há castigos, há zangas, mas não há discussão nem diálogo”. Há escolas em que, por exemplo, os pais de alunos que a frequentam pela primeira vez não são convidados a conhecer a escola e a partilhar os objetivos e os projetos que se pretende desenvolver. Assim uma escola que seja acolhedora deve investir no diálogo com os alunos e com as famílias sabendo qual é o lugar de cada um deles mas não tendo medo de perder a sua identidade só por se colocar na posição de aceitar escutar as suas opções com os outros.

Outro aspeto muito importante para que a escola seja acolhedora é a promoção de uma ética de relações humanas na escola. Muitas escolas se queixam que não dispõem de recursos humanos que lhes permitam asse-

gurar a supervisão dos alunos durante a permanência na escola. Há escolas em que alunos são violentados, em que existem mesmo roubos. Há lugares e momentos em que o poder dos mais fortes é lei. Ora uma escola que seja acolhedora é uma escola acolhedora para todos mas sobretudo para os mais frágeis. Era importante que se pudesse assegurar que existe uma supervisão que desencoraje a violência e em que os alunos possam estar certos que estão em espaços seguros e confiáveis.

Uma escola acolhedora é uma escola que acolhe todos os alunos em termos da sua aprendizagem. É uma escola que consegue criar uma comunidade de aprendizes que se respeita, que se ouve e que coopera. Acolher as diferenças na aprendizagem é um permanente desafio para o professor. O que sabemos é que cada vez mais os professores estão submersos em programas extremamente exigentes em que as aulas têm que ser aproveitadas ao máximo para conseguir “dar a matéria” (este termo não é lá muito acolhedor). Trata-se de saber se perante esta urgência de “dar a matéria” onde fica a pedagogia. Uma professora de matemática perguntava-se onde fica a pedagogia quando tem 180 aulas para dar “doar a quem doer”. Vejamos: qual é o tempo que se dispõe para ensinar alunos que não aprenderam com o ritmo que é exigido? Por exemplo ainda, quais as estratégias de motivação, de consolidação e de aplicação que o professor pode dispor para contextualizar o seu ensino?

Escolas acolhedoras: talvez propusesse um pequeno e rápido exercício a todas as pessoas que se interessam por educação: professores, alunos, pais, decisores políticos, etc. Se é certo que todos estamos de acordo que as escolas devem ser acolhedoras, o que é que é preciso que a escola que conhecemos se transforme para ser efetivamente uma estrutura onde valha a pena educar os nossos filhos e os cidadãos que vão governar os valores e as práticas do mundo de amanhã.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



Enforcing Kids, muito mais do que uma ‘app’ para autistas

Enforcing Kids, muito mais do que uma ‘app’ para autistas

No início do próximo ano é lançada uma aplicação móvel de apoio à terapia de crianças com síndrome do autismo. Mas Enforcing Kids é também uma plataforma de informação que, assente nas redes sociais, tem vindo a ganhar o reconhecimento de utilizadores de todo o mundo.

Texto: Sofia Pires
Fotos: Gentilmente cedidas



Jorge Santos e Cátia Raminhos estão em mestrados diferentes da Universidade de Lisboa e num trabalho para uma cadeira em comum surgiu a ideia de criarem uma aplicação que fosse o mais abrangente possível para utilizar em contexto de terapia com crianças autistas. E assim nasceu o Enforcing Kids.

Mas, até que seja lançada no mercado, sabe-se apenas que “a aplicação teve sucesso académico” e que “teve um interesse bastante grande por parte da entidade que fez os primeiros testes”.

“A aplicação é de usabilidade bastante simples, é fácil para o terapeuta configurá-la. É tremendamente flexível de forma a que ele possa ajustar a aplicação a qualquer tipo de aprendizagem que queira treinar com a criança”, realça Jorge Santos.

Quer seja para o monoutilizador, quer seja para utilização coletiva, o software tem a flexibilidade necessária para se tornar numa aplicação informática usável e de sucesso.

“E além disso é muito importante para as crianças com autismo desenvolverem aptidões de comunicação e de interação com outras crianças”, acrescenta Cátia Raminhos.

“**Atenção que também estamos a desenvolver, nesta fase inicial, em android com equipamentos mais baratos e mais prevalentes no mercado. Em princípio as coisas estão a correr bem. E esperamos que venha ter a aceitação que parece prometer**”. Jorge Santos

O Enforcing Kids conseguiu “reduzir a complexidade do problema a uma utilização tremendamente simples e básica”. Somando isto ao facto de servir-se de “ferramentas que qualquer criança já usa por intuição”, ou seja tecnologias móveis, torna a adaptação ainda mais fácil porque é uma aplicação que chega ao terapeuta, aos pais e à criança.

“Dessa forma, aumentando os níveis de prevalência dessa terapia junto da criança. E já não têm que saber utilizar a ferramenta, têm que aprender apenas os poucos pormenores do software”, sublinha Jorge Santos. O balanço? É “promissor” tendo em conta o teste piloto que está a ser feito pelos terapeutas do Centro para as Perturbações do Desenvolvimento Progresso Infantil (PIN) que detém um protocolo com o departamento de investigação LaSIGE da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

“Como apanágio disso, optámos por continuar a desenvolvê-la e enquanto essa entidade vai fazendo os testes de terreno, nós optámos por criar uma plataforma de informação dedicada ao autismo”, adianta Jorge Santos. Então, fazendo um apanhado geral: esta aplicação está a ser desenvolvida desde outubro do ano passado e o feedback positivo veio logo a seguir, em janeiro deste ano servindo de motivação para avançar com a plataforma de informação em março.

A plataforma de informação, que catapultou o interesse pela aplicação, inclui um blogue sobre a temática relacionada com o autismo e seus atores, com artigos em português, inglês, castelhano e francês, um canal no youtube e contas no Facebook e no Twitter.

“Eu diria que se não houvesse uma aplicação móvel o nome Enforcing Kids já estava estabelecido através da própria plataforma de informação. Ela conseguiu transmitir esta imagem de serviço e de utilidade a esta população”, garante.

Os criadores de Enforcing Kids apostaram na plataforma de informação como elemento de divulgação da aplicação que será disponibilizada na Google Play Store. Se gratuita, se paga? Ainda não se sabe.

“Depois mais tarde queremos partir para outras plataformas é uma questão de pensarmos sobre isso e percebermos também as necessidades e o feedback das pessoas que utilizam a nossa plataforma de informação”, admite Jorge Santos.

“**Nós não temos capacidade humana de conseguirmos satisfazer todos os pedidos que já nos chegaram. Eu tenho pena que para o desenvolvimento deste projeto não haja instituições públicas que de uma forma autónoma se aproximem dos criadores e digam «nós temos aqui condições de apoio para que desenvolvam, aumentam a vossa capacidade e sejam ainda mais úteis à sociedade». As instituições públicas normalmente estão à espera que alguém esteja de mão estendida à procura desses apoios. Eu desafio as entidades a aproximarem-se, digam que estão interessadas e que têm meios para nos apoiarem e nesse caso, quem sabe se as tais ajudas que nós poderíamos dar às tais pessoas que não temos apoiado até agora não venham a concretizar-se**”. Jorge Santos



Apenas *exigimos* Justiça.

Não sou pobre, não senhor! - Investi milhares de euros do meu rendimento de trabalho na Segurança Social e posteriormente na Caixa Geral de Aposentações; pelo que não me posso considerar uma pessoa pobre. Pobre e vergonhoso é o Estado e o Governo do meu país que tendo obrigado pessoas como eu a assumir responsabilidades com a sua parte para o financiamento destes dois sistemas de segurança social negar-nos agora, com desculpas de mau pagador, que continuemos a cumprir com as nossas responsabilidades dado que nos nega aquilo para que todos nós contribuímos com aquilo que nos obrigaram a descontar, ou seja: uma pensão de reforma por invalidez que nos permita não deixar de ter a dignidade de ser Cidadão Português e do Mundo de cabeça erguida.

Todo o cidadão português faz descontos para a Segurança Social, ADSE e Caixa Geral de Aposentações, independentemente das circunstâncias em que possa encontrar-se, e isso é justo e legítimo; pois que a razão de existirem esses sistemas contributivos é precisamente para que possamos manter o mínimo de dignidade enquanto Pessoas e Cidadãos ao fim de uma vida de trabalho ou, se assim acontecer, no caso de motivo de aposentação por invalidez.

Se aos demais cidadãos o Estado e o Governo actual tem vindo a negar a dignidade que atrás referi veja-se, então, com que dignidade trata as Pessoas Portadoras de Deficiência?

Muitos de nós contribuíram e continuam a contribuir com a sua parte do rendimento de trabalho para que, ao menos, não passasse a ser um fardo social; mas a verdade é que, pelos vistos, interessa ao Estado e aos governantes – com que interesses, sabe-se lá? - que não deixemos de ser o fardo social que nunca quisemos ser. O Estado português, pela mão dos sucessivos governos, anuiu e assinou a Convenção Universal dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência, a Declaração de

Salamanca, só para citar os mais importantes e que me vêm à memória, mas tudo isso não passando do papel e de meras intenções de circunstância mais não passou de pura demagogia, ocupação de tempo de antena e a prova mais que evidente que ao Estado apenas interessa “ficar bem na fotografia” podendo vangloriar-se de, se caso disso for, ter sido um dos primeiros subscritores de tais documentos mas que na prática nunca mostra nem mostrou vontade de os levar à prática na realidade. Pura heresia!...

Ao invés de permitir que as pessoas portadoras de deficiência com competências físicas e mentais possam construir e fazer uma vida perfeitamente independente e autónoma na sua residência pessoal ou familiar com os cuidadores ou assistentes ocupacionais o Estado nega-se a criar condições para que estas pessoas não só não percam a sua dignidade como deixem de ser um fardo social para a sociedade.

O internamento em lares e instituições vocacionadas para tal deve somente ser aplicado àquelas pessoas que, por força da sua falta de competências físicas e mentais, não reúnam as condições mínimas aceitáveis para se manterem autonomamente independentes.

Muitas destas pessoas não encontram vagas nas referidas instituições, tornando-se um peso familiar e social, porque outros hão que, não querendo nem precisando de estar institucionalizadas, ocupam essas mesmas vagas sem qualquer razão e necessidade absoluta.

Urge, assim, ter uma outra abordagem à inclusão e reabilitação das Pessoas Portadoras de Deficiência, por forma a que estas possam não só preservar a sua dignidade enquanto Pessoa e Cidadão permitindo uma melhor e mais qualitativa gestão dos recursos humanos e financeiros e com uma absoluta Justiça Social.

Não exigimos o que não é nosso, não queremos este e o outro mundo!- apenas exigimos Justiça.

DESPORTO



Dar sentido ao desporto adaptado

Torneio de basquetebol em cadeira de rodas com atestado da qualidade

Há 14 anos que o Torneio Internacional de Lisboa reúne as melhores equipas do basquetebol em cadeira de rodas e a edição deste ano não é exceção. O Pavilhão do Complexo Desportivo Municipal do Casal Vistoso recebeu a Seleção Nacional e a equipa espanhola Servigest Burgos como “cabeças de cartaz”, numa competição em que as equipas da APD Lisboa e da APD Sintra foram as anfitriãs.

Texto: Sofia Pires
Fotos: Gentilmente cedidas



A XIV edição do histórico Torneio Internacional de Lisboa de Basquetebol em Cadeira de Rodas foi o ensaio ideal para que o selecionador nacional, Jorge Almeida, pudesse ver em ação os seus pupilos que já se preparam para o Campeonato da Europa C de 2015, que se realiza no próximo verão.

Portugal esteve ausente nas duas últimas edições do Campeonato da Europa devido à falta de apoios financeiros, mas em abril deste ano a Associação Nacional de Desporto para Deficientes Motores (ANDDEMOT) decidiu não baixar os braços e arrancou com uma campanha de angariação de fundos para que a seleção nacional tenha condições para participar na competição europeia. O projeto “Rumo ao Euro 2015” conta com a colaboração de vários profissionais de multimédia, que garantem uma cobertura dos vários eventos da seleção, para atrair

aficionados do desporto e o público em geral, assim como, potenciais parceiros, essenciais no desejo de chegar ao Campeonato da Europa de 2015, divisão C, em que o objetivo passa pela subida ao grupo B. E a modalidade, rainha do desporto paralímpico, que tem tudo para angariar novos adeptos e entusiastas no Torneio Internacional de Lisboa contou com a participação de cerca de 150 participantes, entre atletas, treinadores, árbitros e pessoal de apoio que reuniram as condições necessárias para que este evento tenha sido um espetáculo desportivo único.

“A presença de duas equipas que já conquistaram o título nacional, APD - Associação Portuguesa de Deficientes - Lisboa e APD Sintra, somada à participação dos espanhóis do Servigest Burgos, conjunto que militou na primeira liga do país na época transata, e da seleção



Ainda no primeiro dia de competição, a seleção nacional de Basquetebol em cadeira de rodas “defrontou” a seleção nacional de Basquetebol convencional, em que os atletas se atreveram a experimentar a modalidade sobre rodas.



nacional constituem um atestado da qualidade da competição”, pode ler-se no comunicado enviado à Plural& Singular.

Nota para o facto de que, apesar da conjuntura financeira não ser a melhor para a participação da seleção nacional em campeonatos internacionais, Portugal tem um número significativo de atletas a atuar em ligas semiprofissionais/profissionais, nomeadamente Hugo Lourenço (CP Mideba), Nuno Neves (Meylan Grenoble), Cláudio Batista (Amivel Málaga), Filipe Carneiro (Amfiv Vigo) e Márcio Dias e Marco Gonçalves, precisamente do Servigest Burgos, conjunto convidado para este evento - ambos vestiram a camisola da seleção para enfrentar a própria equipa, no duelo mais esperado do certame.

Resultados dos jogos

APD Lisboa vs APD Sintra: 52-34

Servigest Burgos vs Seleção Nacional: 40-43

APD Sintra vs Servigest Burgos: 18-73

APD Lisboa vs Seleção Nacional: 29-73

Servigest Burgos vs APD Lisboa: 66-17

Seleção Nacional vs APD Sintra: 61-17



Mais sobre o projeto “Rumo ao Euro 2015”

A campanha de angariação de fundos para que a seleção nacional tenha condições para participar na competição europeia, para além de um vídeo promocional, conta como apoio de vários atletas de referência que se comprometeram a apoiar e espalhar a mensagem, casos de José Barbosa (Associação Desportiva Ovarense), Miguel Queiroz (Dragon Force Futebol Clube do Porto) e Miguel Maria (Jeunesse Sportive des Fontenelles de Nanterre). O projeto “Rumo ao Euro 2015” é ainda apadrinhado por outros dois atletas de topo do basquetebol português: Miguel Barroca do Clube Atlético Nacional e Carlos Andrade do Sport Lisboa e Benfica.

Campeão da Europa C, em 2007, na Irlanda, Portugal viu-se afastado das edições de 2011, na Lituânia, e 2013, na Áustria, por falta de apoio financeiro, mas agora com o projeto “Rumo ao Euro 2015” procura recuperar o orgulho internacional, aproveitando uma talentosa geração de jogadores, muitos deles a atuar em ligas profissionais.

Para quem quiser contribuir: NIB 0035 0675 00038502730 81

O Congresso do Comité Paralímpico de Portugal veio para ficar



O lema “Igualdade, Inclusão e Excelência Desportiva” do 1.º Congresso do Comité Paralímpico de Portugal andou de mãos dadas com os temas abordados por todos os intervenientes convidados a debater e a apresentar, durante dois dias, estudos, investigações, experiências e exemplos de boas práticas na área desportiva. Foi nos dias 24 e 25 de outubro, que o Auditório da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, em Lisboa foi palco deste evento que reuniu várias personalidades do mundo do desporto, entre eles o presidente do Comité Paralímpico Internacional, Philip Craven. O ex-atleta paraolímpico britânico, além de convidado de honra para a sessão de abertura do congresso, foi orador numa das sessões plenárias ao discursar sobre o contributo do movimento paralímpico mundial para o desen-

volvimento.

Mas, para além das sessões plenárias dinamizadas por especialistas, houve também tempo para sessões temáticas, espaço para os testemunhos dos atletas Joana Santos e David Grachat e uma componente pedagógica através da apresentação de projetos de investigação, posters e ainda breves comunicações.

Direcionado a praticantes de desporto bem como a treinadores, técnicos, dirigentes, docentes e estudantes de instituições de ensino superior e outras entidades públicas e privadas, esta foi a primeira edição de um congresso empenhado em dar a conhecer as melhores estratégias e projetos que visem a melhoria dos índices de inclusão e de excelência desportivas.

Dar sentido ao desporto adaptado

“Desporto com Sentido” é o nome do mais recente projeto que a APCAS – Associação de Paralisia Cerebral de Almada Seixal pretende implementar a nível nacional no âmbito do desporto adaptado.

Texto: Sofia Pires
Fotos: Gentilmente cedidas pela APCAS



O “Desporto com Sentido” tem como parceiros formais a Câmara Municipal do Seixal, a Direção Geral de Educação e a Faculdade de Motricidade Humana, assim como, uma série de parceiros informais que serão acoplados à medida que o projeto for decorrendo.

Promete dar que falar este projeto que a APCAS vai implementar ao nível do desporto adaptado, muito direcionado aos professores, técnicos e estudantes universitários.

O “Desporto com Sentido”, pela forma como foi ‘desenhado’ e pelos contornos que apresenta imagina-se que perdure para lá da data de termo - indicada para março de 2016 - e assegure um retorno imensurável, sem desconsiderar o elevado orçamento de cerca de 115 mil euros que precisa para ir para a frente.

Está-se a falar de uma trabalho planeado e desenvolvido no âmbito do Programa Cidadania Ativa – EEA Grants e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, que começou em novembro de 2014, por isso, pouco há para relatar. Mas uma coisa é certa, a repercussão, em jeito de antevisão, pode considerar-se, desde já, extraordinária.

“O impacto que este projeto pode ter a nível da comunidade e principalmente a nível da inclusão dos jovens com Necessidades Educativas Especiais vai ser tremendo”, refere o presidente da APCAS, José Patrício. Isto porque se trata de um projeto nacional em que os destinatários principais – professores e técnicos – vão ter acesso a uma ferramenta de trabalho facilitadora para poderem “trabalhar com aqueles alunos que normalmente são vistos nas escolas como algo difícil de dar a volta”.

Em termos concretos o projeto “Desporto com Sentido” apresenta seis componentes ou, dito de uma outra forma, seis frentes de atuação que se relacionam e complementam.

“Uma delas é a edição de 21 manuais desportivos: 20 de modalidades de desporto adaptado, manuais que descrevem sucintamente a modalidade, as suas regras mais essenciais e que funcione no fundo como se fosse uma ferramenta pedagógica para os professores desenvolverem essa modalidade. Depois temos um outro manual mais genérico que é muito abrangente e que vai tratar o desporto adaptado de um modo geral, inclusivamente algumas luzes de classificação funcional dos jovens”, descreve José Patrício.

A segunda componente será complementar a esta, ou seja, vão existir 21 suportes de vídeo para visualizar e compreender melhor as modalidades descritas em cada livro, mas o projeto também contempla a criação de 100 kits de desporto adaptado para serem distribuídos por pontos estratégicos a nível nacional.

E os kits têm o quê? “Têm por exemplo um conjunto de bolas de boccia, de arbitragem, uma bola de goalball, as vendas, material pré-desportivo para que rodem pelos diferentes locais, escolas das diferentes regiões para poderem trabalhar”, enumera o presidente da APCAS. Há ainda uma plataforma virtual, já em funcionamento, para juntar em rede todos os intervenientes no projeto – os atletas, os estudantes, os professores, as famílias e os técnicos das diferentes modalidades - de forma a “trabalhar as diferentes aprendizagens, a estimular a partilha dos problemas, para criar fóruns de discussão entre todos e para debater a questão do desporto adaptado”.



Participar+
O desporto também é para ti!



A sensibilização é outra das componentes, mas há uma que merece um destaque especial: o Centro de Competências para o Desporto Adaptado surge para complementar o Centro de Recursos de Desporto Adaptado dinamizado no âmbito do projeto Participar+ que funcionou como uma espécie de “teste piloto” para este projeto “Desporto com Sentido” mais ambicioso. Um acabou em outubro para começar o outro em novembro. Se um se cingia à Península de Setúbal o outro revê-se numa escala nacional.

“Estamos a falar de quase um ano e meio de projeto, mas no final, tendo em conta tudo o que tem sido feito no âmbito do Participar+ e de tudo o que temos feito noutros projetos de desporto, será o complemento ideal”, assegura o presidente da APCAS.

Fazendo o balanço do Participar+, que se focou na disponibilização de materiais, equipamentos, formação e informação, bem como na divulgação das ofertas de desporto adaptado existentes a nível regional e o apoio aos técnicos e professores das escolas, instituições e clubes, facilmente se consegue afigurar a dimensão do “Desporto com Sentido”.

Foram realizadas 18 formações, para um total de 241 formandos que envolveram 27 escolas, três estabelecimentos do ensino superior, 28 coletividades e instituições e nove autarquias.

“Nas demonstrações que fomos fazendo em escolas e estabelecimentos do ensino superior envolvermos 1545 pessoas que participaram ativamente nessas demonstrações”, acrescenta José Patrício.

Os resultados são francamente positivos e a continuidade do Centro de Recursos de Desporto Adaptado é garantida e complementada pelo Centro de Competências para o Desporto Adaptado onde serão desenvolvidas modalidades como goalball, boccia, tricicleta, andebol em cadeira de rodas, basquetebol em cadeira de rodas e pilates, canoagem, ténis de mesa, ténis em campo, hand-bike e slalom.

Foi a falta de formação dos docentes a nível de desporto adaptado que motivou a concretização destes projetos. E se no diagnóstico realizado, antes de iniciar o Participar+, a principal conclusão foi que muitos alunos com necessidades educativas especiais acabavam “por ficar um pouco excluídos da participação desportiva dentro das escolas”, estes projetos já estão a servir para mudar esse retrato.

“Por exemplo o boccia, desporto escolar, ainda antes de começarmos o Participar+ e se recuarmos três anos não havia uma única equipa de desporto adaptado na Península de Setúbal e neste momento há 25 e isso é significativo, não só do trabalho que nós fizemos e há aqui muita componente nossa, mas também do trabalho de parceria que envolvermos”, revela José Patrício em jeito de apelo à colaboração de TODOS.

O presidente da APCAS acredita que “o trabalhar sozinho nestas coisas não funciona”. “O trabalhar em parceria e rentabilizar os conhecimentos de cada um é essencial e foi por aí que nós enveredámos”, remata.

Neste projeto também está contemplada a partilha de todos estes materiais que vão sendo feitos com os países de comunidade de língua portuguesa.



José Patrício faz um apelo a todas as pessoas e entidades “que reconheçam este projeto como sendo importante e vital para a plena cidadania destes cidadãos e que possam dar o contributo ajudando e abraçando a APCAS neste percurso”.



Tanto o Comunicar+ como o Participar+ e o Desporto com Sentido foram implementados ao abrigo do Programa Cidadania Ativa – EEA Grants e foram financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Comunicar+, um projeto a replicar

Este projeto, por traços largos, procura promover a integração social e escolar de crianças e jovens com deficiência, através da utilização de dispositivos móveis, mais propriamente de tablets. O Comunicar+, segundo José Patrício, “tinha como missão equipar 15 jovens com 15 tablets com o software adequado a cada um deles” no sentido de facilitar tarefas como a da realização de trabalhos escolares ou a minoração de barreiras de comunicação.

“Uns levam software muito virado para a componente da comunicação porque derivado ao grau da deficiência não conseguem falar, não têm linguagem verbal portanto precisavam de algo que substituísse a sua voz e que permitisse que eles participassem ativamente quer na escola, quer junto dos seus amigos, na sua vida diária. E para outros com software adequado à sua progressão escolar e ao acompanhamento das atividades da escola de maneira a que contribuíssem para os seus resultados”, descreve o presidente da APCAS.

O feedback, como não podia deixar de ser, é positivo, a começar pelos próprios que ganharam uma ferramenta facilitadora que não possuíam e que os torna mais autónomos.

“Habitualmente os interlocutores são sempre os pais, são os únicos que os entendem ou têm mais facilidade em entendê-los e dessa forma os seus filhos conseguem comunicar com os outros sem ter os familiares como interlocutores. Vais-lhes proporcionar uma autonomia que eles até aqui não tinham e há um grau de satisfação muito grande”, explica.

Do feedback ao balanço final faltam apenas a avaliação final do projeto em que se inclui a recolha de dados do rendimento escolar que eles tinham antes e pós o equipamento.

“O balanço, podemos já, considerá-lo extremamente positivo. O projeto veio mudar imensas coisas na vida dos jovens, das famílias e das práticas educativas, foi uma nova ferramenta que entrou também na sala de aula”, garante José Patrício.

Embora agora haja uma finalização formal do projeto na ligação aos financiadores, internamente enquanto instituição, a APCAS vai continuar a monitorizar e a fazer o acompanhamento técnico aos jovens e às famílias.

Se o projeto é ou não pioneiro José Patrício não sabe. Mas sabe, ou pelo menos, deseja que “os resultados positivos poderão também ter algum impacto nomeadamente até em termos de Ministério da Educação no que diz respeito a tecnologias de apoio para os jovens”. O presidente da APCAS com o Comunicar+ também gostava de influenciar as políticas educativas estimulando a substituição do computador pelo tablet que é mais portátil e funciona como uma ferramenta de trabalho, mas também de comunicação.

Portugal não brilhou no Campeonato Mundial de Boccia Pequim'2014

Na divisão de Pares BC3 Portugal foi vice-campeão do mundo em 2010, medalha de prata nos Jogos Paralímpicos' 2012 e campeão da Europa em 2013. Este ano, embora tenha escorregado para um terceiro lugar, foi nessa classe que a seleção nacional trouxe a única medalha conquistada no Campeonato Mundial de Boccia Pequim'2014.

Texto: Sofia Pires

Fotos: Gentilmente cedidas



Depois de José Carlos Macedo, Armando Costa, Luís Silva terem discutido o parcial de desempate com a Coreia a 4-4, venceram a Grécia por 5-1 para a discussão da medalha de bronze na divisão de Pares BC3. Na disputa pelo último lugar do pódio Portugal foi claramente mais forte que os campeões paralímpicos em título, confirmando a potência que representa nesta divisão. A Coreia revalidou o título de campeã mundial e a Grã-Bretanha sucede a Portugal como vice campeã. Antes de começar este mundial, a selecionadora nacional, Helena Bastos, apesar de otimista, já parecia adivinhar o desfecho da competição. “Não vamos à espera dos resultados de antigamente. Estamos cientes do crescimento de atletas provenientes de outros países como por exemplo o Brasil, que tem estado a investir imenso no boccia, tendo em vista os Jogos Paralímpicos do Rio 2016, e a Inglaterra que, após Londres 2012, ficou dotada de condições excecionais. A própria região asiática é uma incógnita, que, por razões culturais, encara o desporto de uma forma diferente, mais agressiva”, referiu.

Portugal regressou do Campeonato Mundial de Boccia, Pequim'2014 com apenas uma medalha de bronze, o que confirma o seu decréscimo competitivo desde o último mundial de 2010.

Em contrapartida, foi evidente o domínio asiático com a Coreia do Sul, a Tailândia, a China e Hong Kong a arrecadarem 11 das 21 medalhas em competição. A Europa arrecadou seis medalhas (Grã Bretanha, Portugal e Holanda) e a América quatro medalhas, todas a cargo do Brasil.

A Coreia do Sul afirma-se como a grande potência na classe BC3 e Hong Kong na classe BC4. A Tailândia surge como potência nas classes BC1 e BC2 e equipas.

A Grã-Bretanha e o Brasil aparecem como os países mais fortes dos respetivos continentes, tendo apresentado excelentes resultados em todas as divisões, mesmo naquelas em que não obtiveram medalhas.

A China e a Holanda aparecem como novos países a intrometerem-se na discussão das medalhas.

Este Campeonato do Mundo trouxe algumas novidades, nomeadamente, a qualificação ter sido feita por quotas, a utilização de um novo processo de validação das bolas e o facto das competições individuais antecederem as coletivas.

Os portugueses José Carlos Macedo e Domingos Vieira, na divisão individual, atingiram os oitavos de final, aquém das expectativas e dos objetivos traçados enquanto Pedro da Clara (FC Porto) conseguiu atingir os quartos de final da prova. Em equipas e pares BC4, Portugal ficou-se pela fase de grupos.



Portugal tem um historial de excelência em diversas edições de Campeonatos do Mundo: Assen, 1990 (1.º lugar BC2); Nova Iorque, 1998 (1.º lugar BC3 e BC4); Póvoa de Varzim, 2002 (1.º lugar BC4 e Pares BC4); Rio de Janeiro, 2006 (1º lugar BC4 e Pares BC4).



Medalhário por país e a classificação por continente:

- 1.º Coreia do Sul (quatro medalhas): duas medalhas de Ouro (Ind BC3 e Pares BC3); uma medalha de Prata (Ind BC3); uma medalha de Bronze (Ind BC4)
- 2.º Tailândia (três medalhas): duas medalhas de Ouro (Ind BC2; Equipas); uma medalha de Prata (Ind BC1)
- 3.º Hong Kong (duas medalhas): duas medalhas de Ouro (Ind BC4; Pares BC4)
- 4.º Grã Bretanha (quatro medalhas): uma medalha de Ouro (Ind BC1); uma medalha de Prata (Pares BC3); duas medalhas de Bronze (Ind BC3 e Equipas)
- 5.º Brasil (quatro medalhas): três medalhas de Prata (Ind BC4; Equipas; Pares BC4); uma medalha de Bronze (Ind BC2)
- 6.º China (duas medalhas): uma medalha de Prata (Ind BC2); uma medalha de Bronze (Pares BC4)
- 7.º Portugal (uma medalha): uma medalha de Bronze (Pares BC3)
- 7.º Holanda (uma medalha): uma medalha de Bronze (Ind BC1)

Medalhas por Continente:

- ÁSIA - 11 medalhas: Ouro 6; Prata 3; Bronze 2
- EUROPA - 6 medalhas: Ouro 1; Prata 1; Bronze 4
- AMÉRICA - 4 medalhas: Prata 3; Bronze 1

Curiosidade: Portugal foi uma das poucas seleções em que todos os jogadores participaram nas competições individuais.



Em entrevista à Plural&Singular, o treinador de boccia do Sporting Clube de Braga, Luís Marta, avalia a prestação portuguesa no Campeonato Mundial de Boccia Pequim’2014 e comenta o decréscimo competitivo de Portugal nestes últimos anos.

Plural&Singular (P&S) – Que balanço faz da prestação portuguesa no Mundial?

Luís Marta (LM) – A participação de Portugal nesta prova esteve aquém das expectativas, tendo em conta a potencialidade que o país apresenta em termos de valores individuais e coletivos na modalidade. No entanto, temos de a considerar como positiva tendo em conta que conquistou uma medalha e que muitos dos atletas ultrapassaram os seus grupos de apuramento e lutaram nas eliminatórias diretas. Não nos podemos esquecer que somente oito países, em 31, obtiveram medalhas.

P&S – Como justifica este desfecho?

LM – Entre 172 atletas de 31 países, a luta previa-se feroz não só pelo número de participantes de elite mas porque cada vez mais o nível competitivo está mais elevado fruto de maior e melhor preparação de muitos dos países. O boccia encontra-se num processo muito acelerado de evolução competitiva, com vários países a apostarem fortemente na preparação para a obtenção de resultados de excelência. Naturalmente, os países que detinham maior avanço neste aspeto acabaram por sentir dificuldades que não estavam habituados, fazendo com que o seu sucesso competitivo tenha-se revelado mais difícil de alcançar.

P&S - É notória a perda gradual de Portugal da liderança a nível mundial. O que é necessário fazer para a contrariar?

LM – Seria necessário termos as condições que já se encontram na Ásia, em muitos países europeus e ainda no Brasil. Não é por acaso que dos sete possíveis campeões mundiais das diferentes divisões, seis são do continente asiático. A dificuldade de garantirmos recursos financeiros compatíveis com as necessidades de preparação atuais, a dificuldade de existência de recursos humanos especializados e exclusivamente votados à preparação, uma relativamente pequena base de recrutamento de atletas, e de novos atletas e promessas e a falta de um plano de formação e de desenvolvimento com recursos adequados são os fatores que são necessários garantir para poder acompanhar o excelente trabalho que vem sendo feito em muitos países nos anos mais recentes. Mas esta é a minha visão pessoal, sendo necessária uma reflexão muito forte por todos os atores envolvidos na alta-competição do boccia.

P&S – A ‘força’ portuguesa continua a ser a divisão de Pares BC3?

LM – Desde os últimos Jogos Paralímpicos de Londres’2012, onde obteve medalha de prata, podemos dizer que sim, pela constância de obtenção de medalhas também no Europeu’2013 (medalha de ouro) e Mundial’2014 (medalha de bronze), a única divisão coletiva em que tal aconteceu, não encontrando também paralelo nas divisões individuais.

P&S – Que outras mais-valias encontra na seleção lusa?

LM – Portugal é forte como um todo. Não vejo a nossa seleção como uma seleção que apresenta maiores debilidades nuns sectores do que noutros. É uma seleção com muita experiência e saber acumulado, e que tem integrado, paulatinamente, novos valores. Em 2013, no Campeonato da Europa, a sua prestação foi excelente como um todo, onde obteve cinco medalhas em várias divisões. A questão, neste momento, centra-se na paridade, ou falta dela, das condições de preparação desportiva com outros países com condições muito superiores à realidade portuguesa.

P&S – Que expetativas tem para a prestação nos Paralímpicos de 2016?

LM – Espero que a seleção portuguesa consiga, nestes dois anos que nos separam dos próximos Jogos Paralímpicos, obter as condições que referi anteriormente, muito especialmente ao nível dos recursos financeiros e humanos, para a melhor preparação possível. Se tal for possível certamente que existirão fortes probabilidades de esperar melhores resultados do que em Londres’2012. Não podemos esperar que Portugal vença tudo, mas a expetativa é que possa atingir medalhas em muitas divisões pois há potencial humano para tal. Há que ter também a noção da realidade atual, e futura, em que cada vez mais o aumento do nível competitivo generalizado produzirá maiores incertezas quanto ao sucesso. Tendo em conta que uns Jogos Paralímpicos são muito similares ao que poderemos encontrar num Campeonato do Mundo, poderei “arriscar” que, de certeza, a prestação portuguesa será superior ao verificado nesta prova mundial de 2014.

Sport Club do Porto

“No nosso clube o Desporto é de todos e para todos”

Nasceu a 24 de setembro a secção de Desporto Adaptado do centenário Sport Club do Porto, uma secção que de acordo com os seus responsáveis “ainda está a dar os primeiros passos”, mas tem a ambição de, em dois/três anos, tornar-se “auto-sustentável e com um vasto número de atividades desportivas para oferecer”.

Texto: Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Sport Club do Porto



A ideia de criar esta secção surgiu numa conversa entre duas alunas da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), a Ana Carrapatoso e a Lia Couto, ambas licenciadas em Ciências do Desporto e atualmente a frequentar o mestrado em Atividade Física Adaptada.

“Existe uma lacuna na oferta desportiva para pessoas com necessidade educativas especiais (NEE) fora das instituições. Dentro das instituições há uma maior oferta, no entanto essa limita-se um pouco aos desportos específicos/mais comuns para estas populações, tais como boccia, natação adaptada, entre outros”, constatou Ana Carrapatoso, especializada em Desporto para Populações Especiais, que viria a tornar-se diretora técnica da secção.

Ana Carrapatoso partilha a “paixão” pelo desporto adaptado com Lia Couto, atual chefe de secção, que conheceu o Sport Club do Porto através de um estágio no ano letivo de 2013/14, na vertente de gestão desportiva.

“Com a criação, implementação e dinamização da secção de Desporto Adaptado, no Sport Club do Porto, no ano em que celebra 110 anos de existência, em prol do engrandecimento do desporto e da cultura, pretende-se fomentar e implementar a prática desportiva diversificada para cidadãos portadores de deficiência, adaptando as atuais instalações e equipamentos, combater a exclusão social e promover a inclusão desportiva, recreativa e cultural, num projeto vocacionado para cidadãos portadores de deficiência motora, intelectual, surdez, cegueira e paralisia cerebral e de patologias que lhes afetem o desenvolvimento cognitivo, social e motor (perturbação do espectro do autismo; esquizofrenia; X Frágil)”, referiram as responsáveis, em entrevista à Plural&Singular. Assim, o grande objetivo desta secção é “permitir que todas estas pessoas possam ter as mesmas oportunidades, com a possibilidade de praticar e usufruir dos mesmos desportos que a restante população, num clube desportivo”.



Atleta de Remo Adaptado, José Santos, cais de Gaia (instalações do Sport Club do Porto)



Instalações da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP)



Treinadores de Remo, Manuel Ferreira e Nacho López-Viota, atleta, José Santos, e chefe de secção, Lia Couto

A criação desta secção dependeu, também, destacaram as responsáveis, do “orientador Coronel Jorge Mota Santos, atual diretor geral do clube”.

A dar os seus primeiros passos, aos domingos de manhã a secção de Desporto Adaptado do Sport Club do Porto promove aulas de hidroterapia/natação adaptada, na piscina de Matosinhos, e todas as segundas, quartas e sextas de manhã são dadas aulas de remo adaptado, no cais de Gaia.

Está, igualmente, na forja a preparação de aulas de karaté, rugby, esgrima, futebol, orientação e hóquei em campo e, em breve, os responsáveis desta secção esperam ter condições para modalidades como ténis, ballet e equitação terapêutica.

Designado Academia GO*SPORT, neste momento a secção está a iniciar a ligação a um projeto entre o Sport Club do Porto e o Agrupamento de Escolas Garcia da Horta (AEGO). Nesse âmbito, no dia 21 de outubro, tiveram início as aulas de desporto adaptado na Escola Básica Francisco Torrinha, no Porto.

“Depois de conseguirmos ganhar ‘o nosso espaço’ na mesma [referindo-se à Academia GO*SPORT], teremos a possibilidade de adicionar vários desportos à nossa secção. Isso incluiria basquetebol, futsal, andebol, voleibol, badminton, ginástica, entre outros desportos. Seria portanto algo extraordinário e para o qual estamos muito empenhadas que aconteça”, descreveram.

Iniciar desportos em cadeira de rodas é outra das metas, podendo ser atingida, asseguraram, quando o Sport Club do Porto tiver o seu próprio pavilhão desportivo. Recordando que “o Desporto Adaptado teve um desenvolvimento significativo no século passado”, as dinamizadoras desta secção dizem acreditar que existe “ainda um longo caminho a percorrer”.

“O Sport Club do Porto quer fazer parte da história da evolução do Desporto Adaptado e melhorar a oferta desportiva (que na nossa opinião é pouca) a este tipo de população”, avançaram, acrescentando que, com a nova secção, este clube centenário “passa a disponibilizar aos cidadãos portadores de deficiência da Área Metropolitana do Porto (AMP), a prática de uma oferta multidesportiva integrada, organizada, segura e de qualidade”.

O planeamento é assim “organizacional e centralizado” mas também “transversal” no que diz respeito à utilização de instalações, infraestruturas e equipamentos, atualmente repartidos em 22 atividades desportivas, praticadas em 12 localizações diferentes, distribuídas por três cidades da AMP: Porto, Matosinhos e Vila Nova de Gaia.

“Tudo isto dará uma nova utilidade a vários equipamentos existentes, garantindo um serviço de interesse social, ao colocar ao serviço dos cidadãos portadores de deficiência vários ativos que passam a ser utilizados em múltiplas vertentes, com uma oferta diversificada que passará pelo desporto recreativo, de

competição e de reabilitação, garantindo a melhoria da qualidade de vida, integrando-os e garantindo-lhes a oportunidade de, em igualdade de condições com os restantes atletas, praticar desportos múltiplos, a ocupação de tempos livres e a inclusão social, possibilitando a vivência e experimentação de novas sensações e emoções, desportivas, culturais e recreativas, em meio terrestre e aquático”, descreveram as responsáveis.

Questionadas sobre o futuro as dinamizadoras da secção de Desporto Adaptado do Sport Club do Porto têm como sonho “levar equipas a competir e até quem sabe, aspirar participação nos Jogos Paralímpicos”.

“Seria um orgulho enorme. É sem dúvida algo que pensamos ser possível realizar. Achamos que estamos no caminho certo para que o Desporto Adaptado possa evoluir e ter o reconhecimento que merece”, concluíram, deixando a garantia: “No nosso clube o Desporto é de todos e para todos”.

Chefe de secção, Lia Couto, e diretora técnica da secção, Ana Carrapatoso dão indicações a uma cliente



Mais sobre o centenário Sport Club do Porto



Com o lema “Mens sana in corpore sano” [“Mente sã em corpo são”], e “sobrelevando a prática desportiva aos resultados das competições”, o Sport Club do Porto é uma Associação Desportiva, Recreativa, Cultural e Social fundada em 30 de junho de 1904, tendo cumprido, assim, o seu 110.º aniversário este ano.

Foi vencedor da única edição do concurso “Melhor Clube Desportivo”, organizado pelo Estado português, através do Instituto do Desporto de Portugal.

Foi declarado “Instituição de Utilidade Pública” em 28 de maio de 1926, assumindo-se como uma entidade sem fins lucrativos.

Trata-se de um clube multimunicipal, uma vez que desenvolve as suas ações em vários concelhos, particularmente Porto, Vila Nova de Gaia e Matosinhos.

O Sport Club do Porto marcou presença em Jogos Olímpicos: Los Angeles, EUA (1932), Berlim, Alemanha (1936), Helsínquia, Finlândia (1952) e Londres, Reino Unido (2012).

Com Zoi Lima e Filipa Martins, na ginástica, este emblema portuense tem como projeto

Tetra no Mundo... Bi na Europa...

Em resumo: Campeões!

Espírito ganhador e tecnicista são algumas das palavras-chave que definem a seleção portuguesa de basquetebol da ANDDI que em outubro se sagrou campeã europeia. Os lusos, orientados por Fausto Pereira, somaram mais um título a um currículo invejável... Por Paula Fernandes Teixeira

Fotos: Gentilmente cedidas por ANDDI

Foi em Loano, Itália, que a seleção nacional de basquetebol da Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual (ANDDI) conquistou o título de campeã da Europa INAS...

Portugal venceu os cinco jogos do campeonato europeu. Não deu, portanto, azo a dúvidas. Nem mesmo no último jogo, numa renhida final frente à França, tendo vencido por 51-43. O bronze foi para a Polónia.

“O balanço é necessariamente muito positivo”, disse à Plural&Singular o seleccionador português, Fausto Pereira, realçando o facto de Portugal ter saído da Itália completamente invicto.

Motivação não falta ao grupo que dá corpo à seleção portuguesa de basquetebol da ANDDI, e quem o garante é o treinador responsável por esta equipa que é também presidente desta instituição portuguesa e foi, nada mais nada menos, do que eleito líder da INAS Europa...

“Todos somos totalmente amadores que estamos no basquetebol por gosto. Mas motivação é o que não falta”, garantiu Fausto Pereira.

As maiores dificuldades são, avançou o responsável, “as condições de trabalho”, afinal de contas é necessário reunir uma equipa que está dispersa pelo país para treinar por um período de tempo prolongado. São principalmente três os clubes portugueses que “emprestam” atletas à seleção lusa: um de Gaia, outro da Lousã e outro da Madeira.

Há quarentões, trintões e malta mais jovem... Questionado sobre se sente necessidade de iniciar algum tipo de renovação, Fausto Pereira avançou que “apesar de escassa vai havendo alguma”, garantindo que a ANDDI não tem descurado a observação de alguns jovens jogadores. O tema “renovação” não cabe só na equipa que dentro do pavilhão faz dribles para o sucesso. O futuro passa, revelou Fausto Pereira, pela “renovação da equipa técnica”: “É tempo de mobilizar o contributo voluntário de outros treinadores. Esse processo está em marcha”.

A conquista do troféu da Europa acontece 15 anos depois da última vitória lusa em europeus dedicados ao basquetebol para atletas com deficiência intelectual: foi em Varsóvia, Polónia, em 1999.



A seleção portuguesa de basquetebol ANDDI é tetra-campeã do Mundo com títulos conquistados em campeonatos realizados na Madeira (2002), no Japão (2006), em Tondela (2010) e na Turquia (2013) e bi-campeã da Europa: Polónia em 2009 e Itália em 2014

Eis os campeões portugueses...

Clube Gaia: António Lopes (49 anos), Cristiano Correia (24 anos), Diogo Lopes (22 anos), Hélder Santos (30 anos) e Tiago Duarte (27 anos);

Clube Desportivo “Os Especiais” Madeira: Duarte Araújo (36 anos) e Élvio Quintal (23 anos);

ARCIL – Lousã: Carlos Duarte (29 anos), José Cunha (34 anos), Ricardo Martins (35 anos) e Rui Pereira (27 anos).





Ao intervalo da final contra a França, Portugal já vencia por oito pontos de diferença. Mas, no arranque da etapa complementar os franceses chegaram a esboçar uma reação. Os lusos souberam, no entanto, gerir bem a vantagem e conquistaram o ouro.



5 perguntas a Fausto Pereira

O atual presidente da Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual (ANDDI), Fausto Pereira, foi eleito em outubro presidente da INAS Europa (International Sports Federation for Persons with Intellectual Disability).

Fausto Pereira sucede ao britânico Geoffrey Smedley, tendo a seu lado o diretor executivo da ANDDI, José Costa Pereira, que foi eleito diretor técnico desportivo, cargo que ocupava interinamente desde 2012.

A Plural&Singular esteve à conversa com o novo presidente da INAS Europa... Eis os projetos, ambições, anseios de Fausto Pereira, o primeiro português a presidir a esta entidade europeia fundada em 1998.

Plural&Singular (P&S) – Quais são os seus principais objetivos neste cargo?

Fausto Pereira (FP) – Os objetivos do INAS Europa mantêm-se os mesmos desde a sua fundação: desenvolver o desporto a nível europeu, proporcionando aos desportistas com deficiência intelectual um quadro de alta competição, onde possam participar em representação dos seus países.

P&S – O seu trajeto na INAS Europa e na ANDDI contribuiu para esta eleição...

FP – É possível que haja algum reconhecimento na base da minha eleição, que é indissociável da reputação internacional da ANDDI, quer pelos resultados desportivos de excelência que têm sido alcançados, quer pela elevada qualidade das competições internacionais que temos organizado.

P&S – Esta é a primeira vez que um dirigente português preside à INAS Europa... Trata-se de uma eleição importante para Portugal?

FP – É a primeira vez que um português desempenha este cargo. Se isso é, ou não, importante para o país depende das políticas desportivas nacionais. Pela minha parte estou, como sempre estive, disponível para colaborar ativamente com todos os que se empenham nas tarefas em prol do desenvolvimento do desporto para pessoas com deficiência intelectual.



O presidente da ANDDI não é um “desconhecido” da INAS Europa, estrutura que liderará entre 2014 e 2018, tendo já desempenhado o cargo de diretor técnico e de vice-presidente. Na estrutura portuguesa tomou posse em março de 2013 para um mandato de quatro anos.

P&S – Existe algum lema, frase dominante, que possa adiantar que vá pautar o seu mandato?

FP – Há claramente uma ideia dominante que é comum a todos os membros do comité executivo e do comité técnico: aumentar a participação de desportistas com deficiência intelectual nos eventos do calendário INAS Europa. Seja através do envolvimento de um maior número de atletas dos países membros, seja através da adesão de mais países à nossa associação, quer ainda aumentando o número de atividades que propomos aos nossos associados.

P&S – Existe alguma ponte em objetivos entre a ANDDI Portugal e a INAS Europa que possa descrever?

FP – Há uma identificação de objetivos da ANDDI Portugal com a INAS Europa: ambas trabalham para o desenvolvimento do desporto ao mais elevado nível de desempenho, quer a nível nacional quer internacional.



Nova identidade visual da PCAND e o Campeonato do Mundo de Boccia 2014

A PCAND apresentou no passado mês de Setembro a sua nova identidade visual.

Para além do logotipo institucional, também o seu sítio da internet teve uma renovação visual e aplicativa. A sua nova configuração torna o sítio mais apelativo e moderno, mantendo o acesso fácil e intuitivo a informações relevantes da PCAND enquanto instituição e às modalidades que engloba.

Adicionalmente, facilita o processo de inscrição de clubes/ associados e atletas, bem como a comunicação com a instituição, através de um novo formulário de contacto. No que diz respeito ao significado do novo logotipo institucional, tenhamos em consideração as palavras dos próprios criadores:

O azul e o vermelho são as cores que melhor identificam e representam a PCAND.

O ponto, destacado a vermelho, simboliza a cabeça humana e posiciona-se num local protegido.

É nesse núcleo central de energia e movimento, representado pelo desenho das formas envolventes, que ganha uma enorme importância e destaque. Identifica o atleta PCAND.

A dinâmica circular que esta combinação propõe, entre formas e cores, tem uma particularidade intencional – o seu acabamento mais “pontagudo”. Esse atributo confere ao desenho global do ícone uma ideia mais latente de esforço, dedicação e persistência.

Directa ou indirectamente a forma circular está presente nas modalidades da PCAND. As linhas do seu desenho não sendo paralelas, permitem manter uma ideia que o símbolo está em constante movimento. Vivo.

Para além da renovação do sítio da internet e da identidade visual, a PCAND passou a ter um acompanhamento mais regular da sua página do Facebook, tendo noção da importância que esta representa no acompanhamento de provas de âmbito internacional, como foi o caso do Campeonato do Mundo de Boccia que decorreu no passado mês de Setembro.

Campeonato do Mundo de Boccia, Pequim 2014

Realizou-se em Pequim, China, entre os dias 22 e 27 de Setembro de 2014, o Campeonato do Mundo de Boccia 2014.

A competição ficou marcada por uma notória evolução, do ponto de vista desportivo e competitivo, de várias selecções, nomeadamente da zona oriental do globo. Algumas selecções não asiáticas, também apresentaram índices competitivos com melhorias significativas, como o caso do Brasil, Grã-Bretanha, Eslováquia e Holanda.

Realce também para o primeiro campeonato do mundo de Boccia organizado pela recente federação internacional BISFed, com algumas diferenças, nomeadamente no que diz respeito a um inédito processo de qualificação para esta prova, bem como para os Jogos Paralímpicos Rio 2016.

Portugal arrecadou uma medalha de bronze, na categoria Pares BC3, composto pelos atletas José Macedo, Armando Costa e Luís Silva.

A seleccionadora nacional, Prof^a Helena Bastos, referiu que os resultados não foram aqueles que estamos habituados mas, dadas as condicionantes, foram razoáveis. A equipa técnica que acompanha os atletas tem consciência da grande evolução da modalidade, referindo que há condições de trabalho que provavelmente nós não temos, e que teremos dificuldades em adquirir em breve trecho; também precisávamos de uma renovação da nossa selecção mas, temos de trabalhar com a prata da casa e, com certeza, vamos conseguir melhorar estes resultados, de maneira a que cheguemos ao Rio 2016 com a possibilidade de receber mais medalhas.

Joaquim Viegas, presidente da PCAND, referiu também ter tido a oportunidade de constatar que, à exceção de Portugal, em todos os restantes países que estiveram representados no pódio, se trabalha de forma profissional, com grande investimento financeiro em programas de deteção e desenvolvimento de talentos, muito à frente da realidade possível em Portugal. No entanto, tal facto, deverá contribuir para nos motivar em encontrar soluções que minimizem as diferenças agora constatadas e voltemos a conquistar mais lugares de pódio.

A selecção nacional de Boccia voltará a competir em Março de 2015, no Continental Cup Boccia, que se realizará na Catalunha, Espanha.

CULTURA



O Diálogo através do Teatro

Projeto BOMBAR'TE do balanço à continuidade

BOMBAR'TE é o nome de um projeto piloto de transição para a vida adulta e ativa que, em quatro meses de trabalho, proporcionou a mais de 20 jovens com deficiência intelectual e multideficiência a possibilidade de aprenderem novas competências artísticas e musicais. Este projeto de inclusão social, promovido pela Cerci-Braga, Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Com Incapacidades culminou numa apresentação pública em que do balanço positivo ficou a certeza do compromisso dos parceiros de lhe darem continuidade.

Texto: Sofia Pires
Fotos: Gentilmente cedidas



A música e a expressão dramática e corporal foram as “ferramentas” escolhidas para facilitar a inclusão social no período de transição pós-escolar destes jovens com necessidades educativas especiais.



Durante o período em que decorreu o projeto, cofinanciado pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, foi dada prioridade à estimulação e promoção de momentos de aprendizagem, respeitando os ritmos individuais, e o desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural de cada jovem.



Este grupo de jovens pretende tornar-se um cartão de visita na promoção da inclusão e participação cívica e na angariação de fundos para concretização do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) essencial na continuidade do trabalho desenvolvido pela CERCÍ Braga.

A apresentação pública teve lugar no Museu dos Biscainhos no dia 25 de setembro e contou com a presença de familiares, parceiros e cooperadores, uma plateia muito participativa que teve oportunidade de ver, em primeira mão, o resultado de quatro meses de trabalho.

O BOMBAR'TE, para além da colaboração do Museu dos Biscainhos, contou com a ajuda do professor Rui Rodrigues, na música e percussão e com a cooperação do Tin.Bra - Grupo de Teatro Infantil de Braga.



O Diálogo através do Teatro

O Grupo de Teatro de Surdos do Porto começou a dar os primeiros passos em 2008 quando a PELE_Espaço de Contacto Social e Cultural e a Associação de Surdos do Porto (ASP), com “o desejo partilhado de cimentarem pontes de comunicação entre a Comunidade Surda e Ouvinte” decidem estabelecer um “diálogo através do Teatro – enquanto linguagem universal”.

Texto: Paula Fernandes Teixeira
Fotos: Direitos de autor/Gentilmente cedidas



NÓS, ensaios espaço da PELE, créditos Carlota Leitão

Ao longo do percurso surgiram quatro projetos: NAS-CEMOS DA ÁGUA E À ÁGUA VOLTAREMOS e ERAM UMAS QUANTAS VEZES (2009), QUASE NADA (2011) e NÓS (2013). Em 2014, alguns membros do Grupo de Teatro de Surdos do Porto também integraram o MAPA, uma peça de teatro comunitário. O grupo tem cerca de 12 elementos e as criações são de TODOS, explicou o responsável pela direção artística, João Pedro Correia, ao se afastar do “rótulo” de encenador. “A criação é coletiva. Acontece com o contributo de todos”, sublinhou. Por exemplo, num dos espetáculos uma das atrizes, Sofia Gomes, come uma talhada de melancia em palco... A cena surgiu quando João Pedro Correia perguntou ao grupo o que comiam no verão, tendo Sofia simulado dentadas numa fatia de melancia e depois o “disparo” das sementes em direção aos presentes... “Pensamos: isto é genial! Funciona bem! Tem de entrar”. E entrou!

“Acima de tudo, é importante que as duas comunidades, surda e ouvinte, se conheçam e interajam uma com a outra, naturalmente ao longo da vida, de maneira a desmontarem os mitos que ambas alimentam mutuamente acerca da outra, os ouvintes e os surdos não se conhecem e é por isso que não comunicam entre si” – João Pedro Correia, diretor artístico, Grupo de Teatro de Surdos do Porto/PELE_Espaço de Contacto Social e Cultural

Outra diferença: “Eu não tenho marcações. As marcações é sentir o outro. O espetáculo pode ter 50 minutos como pode ter uma hora e dez. A partir do momento em que começa está nas mãos deles”, descreveu João Pedro Correia.

Sofia Gomes volta a ser exemplo: “Há um momento em que esta senhora [referindo-se à atriz que ao lado espreita curiosa a conversa] agrafa pássaros ao corpo. Às vezes leva dois segundos, em outros espetáculos levou quase cinco minutos. Os outros todos têm de fazer outras coisas e todos se aguentam”.

Sofia Gomes (empresária, 34 anos) é uma das pioneiras do Grupo de Teatro de Surdos do Porto. É surda. Só ouve alguns graves, explicou à Plural&Singular. Integrou o grupo porque, como confirmam os colegas atores ao lado, “é expressiva”, aliás, resumiu: “Os surdos são muito teatrais”.

Participou no NASCEMOS DA ÁGUA E À ÁGUA VOLTAREMOS, espetáculo que teve um “apoio simbólico” do Instituto Nacional para a Reabilitação (INR) e se apresentou no Auditório Horácio Marçal, da Junta de Freguesia de Paranhos, no Porto, numa altura em que a PELE estava, contou João Pedro Correia, “a perceber o que era isto de trabalhar com a comunidade surda, a fazer erros e a aprender”.

Foi perguntado ao grupo: de que é que querem falar? “Reforçaram que não queriam falar dos surdos como ‘coitadinhos’. Não queriam um teatro sobre surdos. Queriam um teatro normal. Mas para fazer teatro temos de apresentar um tema, disse-lhes eu... Falar de um problema. Então surgiu a questão da água, um problema global”.

O nome da peça “brinca”, portanto, com a frase bíblica “Nascemos do pó e ao pó voltaremos”, logo, sem que a ponte fosse intencional mas já sendo, o primeiro espetáculo do Grupo de Teatro de Surdos do Porto diz: “Somos TODOS iguais”.

Ouvintes entre surdos

João Pedro Correia, chegou até à comunidade surda ao ser formador na ASP, e há sete anos que todos os dias descobre coisas novas. Porque há diferentes níveis de surdez, porque há quem ponha aparelho e quem não ponha, uns surdos ouvem umas coisas e outros ouvem outras, outros não ouvem nada, há quem tenha aparelho mas, por uma dificuldade económica talvez, naquele mês opte por não ligar a pilha, alguns são melhores na leitura de lábios, outros em Língua Gestual Portuguesa (LGP) – TODOS diferentes e TODOS iguais!

“Fizemos três noites de espetáculo [referindo-se à primeira peça] e para mim, ouvinte, foi uma experiência incrível. O público nesse primeiro espetáculo foi maioritariamente surdo. Eu nunca tinha estado numa sala de espetáculo com tanto barulho”, contou.

O balanço foi positivo. Mas a dado momento João Pedro Correia, a PELE, o grupo, perceberam que o uso de linguagens artísticas e emocionais exigia ainda mais deles, ainda mais desafio, ainda mais interação entre o ouvinte que dirigia e os surdos que interpretavam. João Pedro Correia “dispensou” a intérprete de LGP que até aí o acompanhava. Tinha “um aninho e tal” de convívio com a comunidade surda. Percebia algumas coisas. Queria aprender e transmitir mais.

De partida para o segundo projeto... Eis o primeiro ponto de mudança.

“Eu sou ouvinte. Não tenho culpa de ter nascido ouvinte. Vocês são surdos. Não têm culpa de terem nascido surdos. Eu quero comunicar com vocês. Ajudam-me?” – desafio lançado. Responderam-lhe afirmativamente e surgiu a reflexão: “interessa-nos fazer teatro de surdos para surdos só?”. “Não” – unânime!

Nasce o ERAM UMAS QUANTAS VEZES, um espetáculo que não tem línguas, mas sim linguagens. O espetáculo começa no baú de memórias de uma mulher, de onde saem objetos que lhe revelam sonhos e a conduzem a interrogações sobre o que é o Amor, a Felicidade. Parte para a escrita, para a criação de histórias cruzadas, sonhos partilhados, desejos secretos, beijos apaixonados...

Segundo os responsáveis pelo projeto, a dramaturgia foi construída através de propostas que partiram de objetos pessoais.

Depois convidaram três pessoas para compilar três visões externas: uma fotógrafa, uma educadora (surda) e uma psicóloga (ouvinte). Interessava ter um confronto de visões. “As duas [referindo-se às convidadas surda e ouvinte] estiveram na mesma sala de ensaios, na mesma altura, a ver o mesmo, e as duas têm visões diferentes”. “Normalmente o que acontece é que os surdos andam às aranhas a tentar perceber... Aqui aconteceu o contrário: os ouvintes também se desorientam”, descreveu João Pedro Correia, sob o olhar cúmplice de Joana Silveira, atriz do Grupo de Teatro de Surdos do Porto (usa aparelho e comunica por LGP). “Os surdos às vezes são muito duros”, confessou Joana Silveira.



NÓS, ensaios espaço da PELE, créditos Carlota Leitão

Ponte para o QUASE NADA que, conforme descrição dos responsáveis pelo projeto, “promoveu a pesquisa da LGP e o seu potencial teatral/corporal, propondo o cruzamento de Línguas (língua portuguesa e gestual portuguesa num espetáculo bilingue) e linguagens (poesia, teatro, música, dança), para a criação de novos discursos”. “Aproximando pessoas que falam com a boca e as pessoas que falam com as mãos através da criação de um discurso comum, o artístico”.

Confissões, do Amor à Ditadura

João Pedro Correia complementa o enquadramento: “O espetáculo anterior era de linguagens, a mímica, o movimento, a dança, as luzes, o jogo... Mas, sim, faltava a Língua. Eles, como grupo, queriam a Língua deles. Na avaliação disto [referindo-se ao ERAM UMAS QUANTAS VEZES, o segundo projeto e ao partir para o terceiro, o QUASE NADA] eles queixam-se de faltar a identidade”. Joana Silveira confirma a ideia com veemência: “A Língua é a nossa identidade”.



NÓS, ensaios espaço da PELE, créditos Carlota Leitão

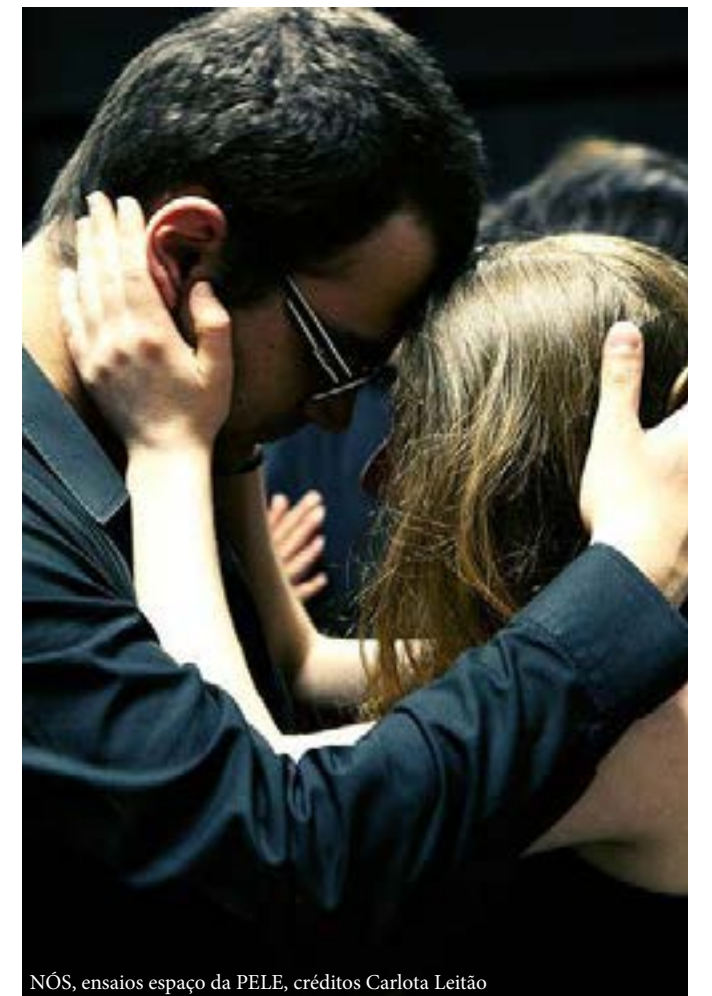
O QUASE NADA foi produzido pela PELE em co-produção com o Serviço Educativo da Casa da Música e Serviço Educativo da Fundação Ciência e Desenvolvimento da Câmara do Porto, co-financiado pela secretaria de Estado da Cultura / Direção-Geral das Artes (DGArtes).

Este projeto fica marcado pela forte componente musical. “Pum, pum, pum” é como se pode resumir o bater, o som, e é também como Joana Silveira descreve o que sente... “Sinto a música. Não sei o que os cantores dizem, mas sei o que é o pum, pum, pum...”, explicou como se colada estivesse a uma janela que vibra.

Um dia a Fábrica da Rua da Alegria, espaço onde a PELE está instalada, encheu-se de tambores e batuques...

“Espetacular. Sim, sou surda mas senti o som!”, resumiu Joana. “O ritmo e a vibração percorreu-me o corpo. O som está nos meus pés e nas minhas mãos”, descreveu Sofia. Quando o espetáculo foi a cena, um surdo que estava no público, comentou: “O que mais adorei foi a música”.

E assim, da música confessada pelos surdos, ponte para revelações de um ouvinte: João Pedro Correia encontrou neste o “melhor grupo de todos” no que se refere à luz. “A forma como os intérpretes, os artistas surdos, se sabem posicionar na luz é uma maravilha. Debajo dos projetores ouvintes profissionais não sabem encaixar-se tão bem na luz”, disse.



NÓS, ensaios espaço da PELE, créditos Carlota Leitão

“Uma coisa é habitar a pele. Outra ter a noite por fragata” – Eugénio de Andrade inspira o QUASE NADA que é “um ciclo de vida íntima e emocional daqueles que vivem o ritmo do tempo, sem medo das curvas. E atravessam o calor do verão e o frio do inverno com a mesma paixão. QUASE NADA é um lugar pequenino e nada pretensioso onde os desejos e as frustrações, os encontros e os desencontros acontecem sempre com o sabor da fruta da época como forma de suportar as palavras. Nas cores das estações transformam-se os ritmos dos dias e tudo muda, até porque lá fora as árvores também se despem. Com QUASE NADA rasgam-se paredes e rompem-se os dias, abrindo espaço à brisa de novos lugares”, lê-se na sinopse da peça.

Portanto, com música e LGP, ou seja com vibração e identidade, este é o espetáculo que quem o interpretou resume como “Amor”. O total a nível de público ultrapassa os cinco mil espectadores. Percebe-se o “fascínio” que a comunidade surda desperta porque a audiência foi maioritariamente ouvinte.

A companhia, o grupo, decide que tem de continuar a fazer teatro, juntando às sensações, à qualidade, à vontade, a percepção de que os surdos tinham “qualquer coisa de missionários”, conforme descreveu Hugo Freitas (ator, surdo, 27 anos, estuda Ciências da Informação).

“Continuamos a resistir. E mostramos que os surdos também são artistas, são criadores. Fazemos teatro e a única diferença é que não ouvimos”, afirmou Hugo Freitas.

Surge o NÓS (o quarto projeto) que parte de um livro que se passa no tempo de Salazar, na Ditadura, sendo, de alguma forma uma metáfora da ditadura de há alguns anos atrás em relação à ditadura com que algumas comunidades vivem, nomeadamente a comunidade surda, ainda hoje.

NÓS é inspirado na obra literária de Valter Hugo Mãe, “A Máquina de Fazer Espanhóis”. Fruto de uma criação coletiva é um espetáculo bilingue: Língua Gestual Portuguesa e Língua Portuguesa. A peça estreou em junho de 2013 no Serralves em Festa, na Fundação de Serralves, Porto, e voltou ao palco em outubro do mesmo ano no Teatro Helena Sá e Costa, também na cidade portuense. Está na forja a possibilidade de internacionalizar este espetáculo, avançaram à Plural&Singular, os responsáveis, hipótese que obrigará os atores a fazer os gestos em Língua Internacional.

“Não assusta. A Língua Internacional é fácil de perceber”, contou Hugo Freitas. O ator esteve recentemente três meses na Áustria a fazer um estágio de Informática e também já fez ERASMUS.

Portanto eis o tempo dos desafios... O Grupo de Teatro de Surdos do Porto é o grupo mais antigo desta estrutura artística com sede mesmo no coração da Invicta, a PELE, cujos restantes projetos passam também por intervenções em prisões e junto das comunidades do Porto.

Diversidade: da linguagem ao espaço

Este ano a PELE abraçou um grande desafio, abraçou o mapa da cidade, através de uma peça de teatro MAPA O JOGO DA CARTOGRAFIA que estreou em outubro no Mosteiro de São Bento da Vitória, estrutura cultural do Teatro Nacional São João, Porto, juntando em palco centena e meia de comuns residentes das zonas ocidental, oriental, e central da cidade que se propuseram a discutir a Polis onde vivem.

São as “tribos” das várias zonas da cidade que procuram, sem o fazerem numa ótica de queixume, propor o que fazer de melhor pelo e no Porto.

É um espetáculo de teatro comunitário onde os intérpretes são atores amadores “recrutados” em cinco grupos teatrais da cidade: Grupo de Jovens AGE, Grupo “As Auroras”, do Lagarteiro, Grupo de Teatro Comunitário EmComum, de Lordelo do Ouro, Grupo de Teatro de Surdos do Porto, e do centro histórico, o Grupo de Teatro Comunitário da Vitória. Somem-se os grupos convidados: Coro Clássico do Órfeão Universitário do Porto, Coro Sénior da Fundação Manuel António da Mota, Grupo de Percussão do CIJ – Centro de Iniciativa Jovem – ADILO, Orquestra Comunitária de Lordelo do Ouro.

É uma história, uma espécie de assembleia, uma reunião de pessoas que se propõem fazer o desenho de um novo mapa para a cidade. O diretor da PELE, Hugo Cruz, e diretor desta peça de teatro, avançou mesmo: “Se algum político estiver interessado em ir ver [a peça], fica com um programa político feito”.

Primeiro foi preciso, descreveu Hugo Cruz, levar as pessoas de cada lugar aos restantes. Ou seja, a malta que vive nos chamamos bairros sociais embrenhou-se pela Baixa portuense e esta também foi à periferia conhecer um Porto que desconhecia.

“Quando isso acontece [o desconhecimento de como é o bairro vizinho] há tendência para se ter uma ideia desvirtuada, ideias pré-concebidas”, disse o responsável, indo, portanto, ao encontro do que os atores e diretor do Grupo de Teatro de Surdos do Porto referiam antes. “O desconhecimento. Sempre o desconhecimento que pode gerar mal-entendidos”.

MAPA é uma criação coletiva, tendo cabido a Regina Guimarães o papel de “coser” tudo o que as pessoas queriam dizer, conjugando vozes, gestos, encontrando pontos comuns, “mas sem deixar de respeitar a diversidade”, garantiu Hugo Cruz.

Alguns surdos integram o MAPA. Nem todos chegam até ao fim. Sofia (na tribo da Vitória), Joana e Hugo (na tribo do Lagarteiro) sobreviveram.

“Porque é que foste até ao fim?”, perguntou João Pedro Correia a Hugo Freitas, quando a Plural&Singular esteve à conversa com o grupo na sala de ensaios. “Porque queria ver como ia ser”.

“

Neste primeiro dia sinto-me já por dentro de algo forte que me envolve num frenesim de gestos e sons que não reconheço. Eu sou ouvinte, mas sou de uma surdez profunda aqui no seio deste grupo que comunica entre si por gestos, olhares e toques. Sou de facto inaudível e as minhas palavras não me valem de nada para me fazer notar (...) Na língua gestual tudo acontece muito rápido e ao mesmo tempo, numa desordem de silêncio e de movimentos que sinto como um ruído ensurdecador” – Irene Monteiro, psicóloga, ouvinte convidada para ser observadora no ERAM UMAS QUANTAS VEZES (frase retirada da publicação com o mesmo nome da peça que faz o registo do processo)



NÓS, ensaios espaço da PELE, créditos Carlota Leitão

Já Joana Silveira assumiu, por conta e risco e apesar do cansaço que causou essa iniciativa, a tarefa de “mediadora”. Criou uma ponte entre os surdos e os ouvintes. Uma vez “exigiu” aos responsáveis e aos ouvintes do MAPA que usassem determinados gestos. Aos poucos foram eles próprios que pediram para aprender LGP. “Fiquei orgulhosa por ver LGP em cima do palco depois disso”, contou. Sofia Gomes também sentiu dificuldades. Começou a guiar-se pela Joana como se esta fosse o seu “ponto”. Compreende que num universo de 50 pessoas a ensaiar ao mesmo tempo fosse difícil “dar atenção particular aos surdos” e sorri quando João Pedro Correia diz: “os quatro que chegaram ao fim foram guerreiros”. O diretor artístico do Grupo de Teatro de Surdos do Porto, que não participou diretamente no MAPA, tem uma lágrima a espreitar no canto do olho quando recorda o momento em que se sentou na plateia para ver o MAPA, ao contrário do que aconteceu no NASCEMOS DA ÁGUA E À ÁGUA VOLTAREMOS, no ERAM UMAS QUANTAS VEZES, no QUASE NADA e no NÓS, espetáculos em que ficou nos bastidores. “Guerreiros!” – apontou em direção aos atores.

Fecham-se as cortinas! Recolhem-se os adereços... Muda-se tudo e inventam-se novos desafios. O Grupo de Teatro de Surdos do Porto vai continuar a subir ao palco.



NÓS, ensaios espaço da PELE, créditos Carlota Leitão

“

Não é uma adaptação. É uma inspiração. Foi tudo trabalho de improvisação deles... no ‘QUASE NADA’ nós recordávamos a nossa infância e o que fazíamos nas férias de verão... Vamos agora fazer um exercício ao contrário e imaginar o que aconteceu nesta vida deste casal durante 50 anos. Mas há morte e fala-se do que fica depois da morte. Não sinto que seja um espetáculo mais triste. É mais denso” – João Pedro Correia, direção artística, sobre o NÓS.

Testemunho

Joana Silveira, 31 anos, licenciada em Educação Social pela Escola Superior de Educação, ATRIZ

Espectáculo CASA DA MUSICA 3 e 4 abril 2012 sala 2, créditos João Messias



Quando as cortinas se abrem, Joana Silveira começa por sentir o nervoso miudinho... Pouco tempo depois, confessou à Plural&Singular, passa a sentir-se “em casa”. “Claro que há sempre o medo de falhar, mas consigo sempre disfarçar e esconder esse medo de modo a não passar para o público”, descreveu.

Ingressou no teatro em 2005, na Associação de Surdos do Porto (ASP). Mais tarde teve conhecimento da parceria entre a ASP e a PELE_Espaço de Contacto Social e Cultural.

Os incentivos foram surgindo, o apelo do palco também, diziam-lhe que era muito expressiva... Devia fazer teatro...

Desde que começou essa aventura já participou em quatro projetos: “ERAM UMAS QUANTAS VEZES”, “QUASE NADA”, “NÓS” e “MAPA”.

“Durante a execução destes projetos passei por várias fases, experiências, adversidades, dificuldades”, contou.



Espectáculo CASA DA MUSICA 3 e 4 abril 2012 sala 2, créditos João Messias

Espectáculo CASA DA MUSICA 3 e 4 abril 2012 sala 2, créditos João Messias



QUASE NADA é o projeto preferido de Joana Silveira e Sofia Gomes porque “fala de amor”, confessaram ambas as atrizes à Plural&Singular, que em contraponto acham o NÓS “triste”.

Foi uma dos quatro “sobreviventes” do desafio MAPA

O MAPA é o projeto que lhe merece rótulo de “muito difícil”: “Eramos quatro surdos inseridos num grupo de 146 ouvintes. Tive algumas dificuldades na questão da orientação, preparação do trabalho com as pessoas ouvintes, pois eram feitos bastantes debates. Senti-me um pouco ‘perdida’, pois era para mim muito difícil perceber as indicações que me eram dadas pelos ouvintes”, descreveu.

Da sensação de “desorientação” ao sentimento de “revolta” foi um pulo... Mas a chegada da intérprete de Língua Gestual Portuguesa (LGP) ajudou.

“Normalmente os surdos têm boa capacidade visual. Através da aprendizagem focada num sistema visual conseguimos assimilar muito melhor a informação e assim conseguirmos participar nos debates. Consegui fazer o espetáculo e foi para mim um grande desafio”, completou.

No ano passado, Joana Silveira foi uma das selecionadas para, na Itália, participar no projeto “INVISÍVEL” que consistia num teatro de rua. Aí conheceu, conforme descreveu, algumas pessoas de outras nacionalidades dentro do teatro, abraçou o projeto em nome da sua “paixão ao teatro” e também por “todas as sensações maravilhosas” que o teatro lhe proporciona.

A riqueza da Língua Gestual Portuguesa

“É importante as diferentes experiências de cultura, no caso do grupo de teatro em que estou inserida, entre pessoas surdas e ouvintes. O teatro é um meio importante de divulgação do trabalho realizado entre pessoas surdas e ouvintes, partilhar aprendizagens, desenvolver capacidades e fazer amizades. Eu própria gosto muito de observar e fazia muitas imitações do Michael Jackson. A minha paixão é o teatro”, disse, em resposta à pergunta “O que é representar para ti?”.

Joana Silveira acredita que normalmente as pessoas ouvintes achem que para as pessoas surdas é impossível participar no teatro devido por barreiras de comunicação... “Mas esse pensamento é errado”, garantiu... “As pessoas surdas conseguem desempenhar/interpretar um papel e possuem capacidade de comunicação através LGP, a língua materna da comunidade surda, que tem muitas expressões faciais e também corporais, movimentos, além de que é uma língua rica, com vocabulários próprios”...

PELE_Espaço de Contacto Social e Cultural

Criada em 2007, a PELE é uma estrutura artística do Porto que desde a sua génese aposta na afirmação do teatro enquanto espaço privilegiado de diálogo e criação coletiva, norteando os processos de trabalho pelo princípio de colocar os indivíduos e as comunidades no centro da criação, potenciando processos de “empoderamento” individuais e coletivos e procurando o equilíbrio entre ética, estética e eficácia, assumindo a criação artística como uma alavanca para o desenvolvimento comunitário, social e económico, contribuindo para a coesão social e territorial...

PROJETOS COM COMUNIDADES: “O Teatro Comunitário é feito para a comunidade, pela comunidade e sobre a comunidade, é um teatro que se define pelos que o integram. Parte da ideia de que todo o ser humano tem potencial criativo, potencial esse que ao ser estimulado gera transformações não só pessoais mas também coletivas”, lê-se no site desta estrutura.

PROJETOS EM ESTABELECIMENTOS PRISIONAIS: Em 2009 a PELE iniciou um processo de criação no Estabelecimento Prisional do Porto, resultando no espetáculo Entrado; posteriormente integrou o projeto europeu PEETA (Personal Effectiveness and Employability through the Arts / Validação de Competências Pessoais e de Empregabilidade através das Artes), um projeto-piloto financiado pelo Programa Leonardo da Vinci desenvolvido em cinco países europeus. Em 2011 assinou o protocolo com a Direção-Geral da Reinserção e Serviços Prisionais e Santa Casa da Misericórdia do Porto; realizou o espetáculo Inesquecível Emília no Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo, concelho de Matosinhos.

“

Pela primeira vez observo um ouvinte aflito no meio de surdos que tão naturalmente falam uma outra Língua... Os olhares desesperados, a tentativa de compreensão da mensagem e da riqueza de ideias que se vão trocando (...) Sinto um mundo diferente em que o esforço dos surdos em falar, se torna na extrema necessidade de o ouvinte em aprender Língua Gestual...” – **Joana Cottin, educadora, surda para ser observadora no ERAM UMAS QUANTAS VEZES (frase retirada da publicação com o mesmo nome da peça que faz o registo do processo)**



Título: O Fantasma de Canterville
Autor: Oscar Wilde
Editora: Luso Reads
Preço: 9,95€

A Luso Reads lança-se no mercado livreiro com o livro “O Fantasma de Canterville” de Oscar Wilde, o primeiro livro da Coleção Motiva, uma nova coleção que reúne obras literárias adaptadas de forma a tornar a leitura acessível a todos. O conto do autor irlandês combina terror, humor e crítica social ao narrar a história de Sir Simon de Canterville, um fantasma, que vive no castelo de Canterville há mais de 300 anos, assustando várias gerações de habitantes. Até que um dia, a família americana Otis compra o castelo mudando a vida de Sir Simon para sempre, porque os Otis não têm medo de fantasmas.



Título: “O Sabor está na Diferença”
Autor: José Maria Cambeiro
Editora: CERCIOeiras
Preço: 8,00€

“O Sabor está na Diferença”, é um livro de receitas elaborado por José Maria Cambeiro, cliente do Centro de Atividades Ocupacionais da CERCIOeiras e que conta com a colaboração do Chef José Avillez. Este livro, que utiliza as regras europeias de leitura fácil e símbolos pictográficos e é acessível no respetivo manuseamento físico ou digital, resulta da paixão de José Maria pelas receitas e o mundo da culinária. O utente da CERCIOeiras não deixou que a Trissomia 21 lhe impedisse de criar esta publicação de forma autónoma. Para a instituição a publicação deste livro de receitas adaptado vai funcionar como uma ferramenta para a adaptação de atividades de culinária em contexto escolar, familiar e institucional. O prefácio do livro é da autoria do chef português José Avillez, que já venceu várias estrelas Michelin.



Título: Finalmente Mar
Autor: Rui Machado
Editora: Chiado Editora
Preço: 12,00€

Rui Machado é psicólogo de profissão mas também se entregou à poesia para expressar o que tem de mais íntimo. Muito mais do que um hobby escrever funciona como uma tentativa de entendimento do que se passa no interior e à volta do autor. E nas palavras do próprio “a poesia, em particular, é a possibilidade de, quase sempre, aquecer uma realidade, quase sempre, fria demais”. “Finalmente Mar” é um livro carregado de símbolos e metáforas, num diálogo com o papel em branco, em que o autor apresenta um olhar delicado e sensível acerca do que é essencial. Com simplicidade e requinte, Rui Machado apresenta uma obra repleta de imagens e cuja riqueza poética se revela na fronteira entre a doçura do sonho e a crueza da realidade, sem abdicar da esperança, na busca da plenitude. Entre um poema e outro, o poeta propõe uma viagem, proporcionando ao leitor uma paisagem de resignação e luta consigo próprio, em que a perspectiva do amor e as complexidades de se lidar com ele, abre um leque para o desdobramento de emoções como a saudade, a solidão, a dor e outras sensações, na tentativa de dar forma ao estado da alma, como as matizes dão contornos à tela e as palavras ao papel.



Mãos à obra na EB 2,3 João de Meira

Preparar os alunos com deficiência para a vida real. É este o principal objetivo do projeto “Mãos à obra”, levado a cabo no Agrupamento de Escolas Professor João de Meira, em Guimarães. Cuidar da horta, preparar a ementa da semana, fazer a lista de compras, ir ao supermercado e saber gerir o dinheiro, cozinhar: estas são as atividades que ensinam o Português e a Matemática funcional a 11 alunos deste estabelecimento de ensino..

Texto: Catarina de Castro Abreu
Fotos: Gentilmente cedidas



São 11 da manhã e os alunos integrados no projeto “Mãos à obra” – sete do 2.º e 3.º ciclos e quatro do 1.º ciclo – já cuidaram da horta e já prepararam o almoço. As quartas-feiras são dias especiais porque costumam receber um convidado especial para a refeição, seja o encarregado de educação de um dos alunos, um patrocinador ou um diretor da escola.

Lúcia Ribeiro acompanha-os nestas atividades. É a responsável do projeto: “O ‘Mãos à obra’ nasceu da necessidade de sistematizar as atividades dos alunos com Currículo Específico Individual (CEI). Nós já fazíamos atividades funcionais, atividades de arte, de reciclagem e de culinária com os alunos mas não de uma maneira sistemática e planeada. Estes alunos precisam de muitas rotinas. Os interesses deles movem-se sobretudo por rotinas e o horário destes alunos tem que ser feito individualmente”.

O horário destes alunos inclui a ida às disciplinas que são capazes de integrar, como as de expressão – educação física e visual. Mas também há alunos em Português, Espanhol, Francês, Ciências e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Nessas disciplinas são sempre acompanhados por um professor coadjuvante. “Essa inclusão na turma é importante porque senão não seria uma inclusão plena do aluno”, realça Lúcia Ribeiro.

Mas a escola identificou outras necessidades, nomeadamente corresponder àquilo que o aluno tem que fazer no período pós-escolar. “Daí as atividades que temos com eles como ir à horta, ir às compras, planeamos o que vamos fazer, pesquisamos ementas, as receitas: aí trabalhamos o Português, a Matemática, as compras, o dinheiro. Sempre de acordo com os interesses deles”, diz, acrescentando que estas atividades são planeadas também com foco numa alimentação saudável.

Para além de preparar estes alunos para a vida futura, inserindo-os em contextos reais, a João de Meira procura proporcionar-lhes momentos de lazer. Como os passeios com as turmas são quase impraticáveis, a escola procura “premiá-los” com uma atividade no final do ano. No ano passado foram à Eurodisney. “É uma atividade para a qual precisamos de bastante dinheiro porque levamos os alunos a custo zero e temos que ter quase um adulto por aluno. Para isso, fazemos um jantar para angariação de fundos. No ano passado tivemos aqui perto de 400 pessoas. Também aproveitamos a necessidade de empresas: no ano passado uma empresa queria fazer cabazes de Natal incluindo compotas. Nós plantamos e fizemos mais de 600 compostas para essa empresa. E é um trabalho bom para os alunos: eles aprendem a fazer os cálculos, as pesagens, cozinhar, limpar frascos e colar etiquetas”.

Para angariar mais fundos, a escola pretende fazer uma feirinha por mês onde vão vender os produtos da horta, as compotas, bolos, numa iniciativa que conta com a participação dos pais. Aliás, nota Lúcia Ribeiro, os pais destes alunos são “muito presentes e exigentes”. “Nós tentamos sempre incluir bastante os pais. Trabalhamos

muito com eles e com aquilo que pretendem para os filhos”, sublinha.

Em breve a João de Meira terá ainda uma sala para alunos com multideficiência, cujas necessidades já não podem ser satisfeitas pelas estruturas do primeiro ciclo.

Projeto é motivo para promover o intercâmbio

A diretora da escola EB 2,3 João de Meira em Guimarães, Manuela Ferreira explica à Plural&Singular por que é que decidiram mostrar o projeto “Mãos à obra” a outros docentes da Europa: “No Erasmus + estão previstas visitas de estudo de diferentes países da Europa. Candidatámo-nos como escola organizadora e propusemo-nos a mostrar o “Mãos à obra” porque entendemos que fazemos um trabalho de desenvolvimento importante que gostaríamos de partilhar com os outros”.

No dia em que a Plural&Singular visitou a João de Meira, a escola recebia a visita de uma delegação de dez professores polacos. Os docentes integram uma escola dedicada exclusivamente a alunos cegos ou com alguma deficiência visual. “Nestas visitas mostramos as nossas práticas e queremos fazê-lo enquanto estamos em ação, em atividades e em aulas”, destaca Manuela Ferreira.

A partilha é uma peça fundamental desta iniciativa: “Apresentam-nos a escola deles e fazemos uma reflexão de práticas e teorias pedagógicas. Desta reflexão sobre o que poderíamos fazer melhor surgem as ideias das práticas que podemos introduzir no nosso dia-a-dia”. Para uma das professoras polacas de visita às instalações da Escola EB 2,3 João de Meira, o objetivo deste género de intercâmbio passa por “levar o que são as melhores práticas para os estudantes”. “Gostava de ter ajudantes dos professores durante os intervalos - no nosso sistema os professores têm que tomar conta dos alunos. Gosto do equipamento da sala que está dedicada aos alunos com deficiência”, apontou. A docente enfatizou ainda o “estímulo para que os estudantes sejam independentes e para que tenham mais autonomia”.



TODO O PAÍS

Participe e concorra ao »Escola Alerta!« 2014/2015!

As candidaturas à 12.ª edição do concurso “Escola Alerta”, promovido pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR, I.P.), estão abertas até ao próximo dia 24 de abril de 2015. Escolas, professores e alunos, dos ensinos básicos ou secundários, público ou privado, estão convidados a participar em mais uma edição deste concurso, criando projetos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência ou incapacidade. As candidaturas deverão ser entregues pelas escolas ao INR, I.P.. Mais informações em <http://www.inr.pt/content/1/2726/escola-alerta> ou através do e-mail: inr@inr.msss.pt.

Está a decorrer a Campanha de Solidariedade a favor das CERCIs

O Grupo Auchan em parceria com a FENACERCI vai promover uma vez mais a Campanha de Solidariedade a favor das CERCIs. Esta campanha decorrerá até 24 de dezembro. Para ajudar basta comprar o calendário de bombons que se encontra à venda em todos os Hipermercados do Grupo Auchan (Jumbo).

BRAGA

Projeto »Quero é viver«: Tributo a António Variações

Em dezembro de 2014 António Variações completaria 70 anos e, para assinalar a efeméride, o GNRATION apresenta “Quero é Viver”, um espetáculo original baseado na sua obra e criado em parceria com o Serviço Educativo da Fundação Casa da Música e que conta com a participação da CERCi Braga.

O espetáculo realiza-se a 19 de dezembro, às 21h30 na BlackBox, em Braga e terá como atores centrais a CERCi Braga e a Escola de Música Sondart.

LISBOA

Inscrições abertas para as Olisipiadas - Os Jogos de Lisboa

Estão abertas as inscrições, até janeiro para participar nas Olisipiadas, um evento desportivo que marcou muitas gerações de jovens de Lisboa.

Organizado pela Câmara Municipal de Lisboa em parceria com as novas 24 freguesias e após um interregno superior a uma década, as Olisipiadas - associação entre Olisipo (Lisboa) e Olimpíadas - chegam com KIKO, a nova mascote dos jogos.

Este evento desportivo conta com o apoio institucional do Comité Olímpico e do Comité Paralímpico de Portugal, das Federações Desportivas (Andebol, Atletismo, Basquetebol, Ciclismo, Futsal, Ginástica, Judo, Natação, Rugby, Skate, Ténis de Mesa, Voleibol), e das Juntas de Freguesia e pretende ser um fator de união e integração, estimulando a identidade e sentido de pertença por parte das populações às suas freguesias.

Mais informações em: <http://www.cm-lisboa.pt/olisipiadas>

Direito de autor e domínio público para instituições

A 23 fevereiro de 2015 o Museu da Electricidade, em Lisboa, recebe das 9h30 às 12h30 e das 14h00 às 17h00 este curso de formação dirigido a profissionais da cultura que se dedicam a fazer chegar ao público e à comunidade, obras de natureza artística e que, consequentemente têm de gerir esse mesmo acesso, o conhecimento sobre Direito de Autor.

**Encontros e Desencontros na Paralisia Cerebral**

A Federação de Associações Portuguesa de Paralisia Cerebral (FAPPC) e a Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa (APCL) promovem nos dias 12 e 13 de dezembro o Congresso “Encontros e Desencontros na Paralisia Cerebral”.

O evento vai decorrer no auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, e as inscrições podem ser feitas até 5 de dezembro através do seguinte endereço: secretariado@fappc.pt.

O primeiro dia de congresso é subordinado ao tema “Paralisia Cerebral – Demasiados Desafios ao Longo da Vida”.

Já o dia seguinte tem o mote “Reabilitar, Capacitar e Cuidar na Paralisia Cerebral”.

MORA

Campeonatos do Mundo de Pesca Desportiva realizam-se em Mora em 2015

Os Campeonatos do Mundo de Pesca Desportiva de Veteranos e de Pescadores Portadores de Deficiência em 2015 vão realizar-se na ribeira do Raia, concelho de Mora.

A decisão foi da Federação Portuguesa de Pesca Desportiva e a organização conta com a colaboração da câmara municipal local.

O concelho de Mora tem três pistas de pesca. Detinha a pista internacional da modalidade em Cabeção e a pista na sede do concelho, a que se junta uma nova em Pavia, na ribeira de Tera.

ESTREMOZ

Colóquio “Abril, 40 Anos de Defesa dos Direitos Humanos, 40 Anos Rumo à Inclusão!”

A Delegação Distrital de Évora da Associação Portuguesa de Deficientes promove, na Casa de Estremoz, a 13 de dezembro, pelas 14h30m, o colóquio “Abril, 40 Anos de Defesa dos Direitos Humanos, 40 Anos Rumo à Inclusão!”

Esta iniciativa, segundo a organização, pretende evidenciar o terrível retrocesso imposto pelas políticas conservadoras, nos últimos anos e as conquistas das pessoas com deficiência, na vigência dos ideais de Abril.

ESPAÑA

Taça BISFed da Europa de Boccia na Catalunha – Espanha’2015

A Taça da Europa de Boccia será organizada em Espanha, em Sant Cugat (Catalunha), de 1 a 4 de abril de 2015, contando com 25 países e 150 participantes.

A prova servirá para qualificação para os Jogos Paralímpicos do Rio’2016.

ALEMANHA

9.º Congresso Mundial da Sociedade Internacional de Medicina Física e de Reabilitação

O 9.º Congresso Mundial da Sociedade Internacional de Medicina Física e de Reabilitação decorre de 19 a 23 de junho de 2015, em Berlim, na Alemanha.



Há mais de 10 anos a “iluminar”

O sol, quando nasce, é para todos, mas para aqueles cuja intensidade do brilho é menor a APEXA - Associação de Apoio à Pessoa Excepcional do Algarve vem trazer alento e ajudar a superar as dificuldades do quotidiano.

Texto: Sofia Pires
Fotos: Gentilmente cedidas pela APEXA



A APEXA anda há mais de 10 anos a espalhar luz, brilho e esperança na vida de todos os que acolhe e serve. Esta associação algarvia encontrou no Lucas, a mascote, uma forma de personificar a missão que assumiu desde que, em 2003, decidiu, desenvolvendo respostas nas áreas da saúde, reabilitação, lazer, desporto, formação e trabalho, promover a inclusão, o direito à igualdade de oportunidades e à melhoria da qualidade de vida das pessoas com e sem deficiência.

O Algarve, há uma década atrás, tinha pouca capacidade de resposta a dar às pessoas com deficiência, mas o surgimento da APEXA trouxe uma dinâmica importante alicerçada em várias valências, das quais se destacam o desporto adaptado, a intervenção precoce, a integração socioprofissional e o atelier de arte e criatividade. Outros projetos como o Pescador de Sonhos que é dire-

cionado à capacitação de jovens em risco ou o 100Barreiras focado na acessibilidade das pessoas com mobilidade reduzida e o Programa de Férias “O Lucas”, assim como o GIS - Gabinete de Intervenção Social completam a oferta da APEXA assente em projetos inovadores que se têm transformado em boas práticas inclusivas. E a APEXA tem sido uma estrutura de apoio essencial para as pessoas envolvidas, de uma forma geral, em situações de exclusão.

A juntar a tudo isto, a APEXA tem um conjunto de eventos que organiza anualmente para “iluminar” ainda mais as vidas dos que com quem trabalha. De realçar o concurso internacional “Reabilitar através da Arte” - uma iniciativa que conta já com sete edições e que dá a oportunidade aos cidadãos com necessidades especiais de participarem e verem os seus trabalhos nas áreas da



“
O Lucas é, assim, uma mascote alegre e simpática, que todos os dias, desde o amanhecer ao anoitecer, nos contagia com a sua energia, luz e cor, tornando-nos mais capazes na luta diária que é a felicidade e o bem-estar global do ser humano”. www.apexa.org

Pintura, Escultura e Fotografia reconhecidos pela sociedade.

Também com sete edições realizadas um destaque para o TIFAA - Torneio Internacional de Futebol Adaptado de Albufeira e para as Olimpíadas Adaptadas que, a caminhar para a 4.ª edição, visam proporcionar o acesso a modalidades menos expressivas na população com deficiência.

Uma velha máxima diz-nos que “o sol, quando nasce, é para todos”, mas nem sempre chega a iluminar toda a gente e a espalhar, de igual forma, a intensidade do seu brilho. A APEXA, personificada no Lucas, vem reforçar a presença do sol nos momentos menos luminosos, trazendo um pouco de alento à vida de todos com quem se cruza.

A arte e a criatividade ao serviço da APEXA

O Natal está a chegar. E esta é mesmo a altura ideal para dar uma vista de olhos ao catálogo de produtos do “Arte Engarrafada”, um projeto do atelier de arte e criatividade da APEXA, e decidir o que quer oferecer a familiares e amigos e, no caso das empresas, a clientes e colaboradores.

Texto: Sofia Pires

Foto: Gentilmente cedidas pela APEXA



A crise foi o motor para o surgimento de um projeto com estes contornos no âmbito de um atelier que tem por base o desenvolvimento de competências, tanto cognitivas como motoras, através da arte. “O ponto de partida, na minha opinião, é o ponto de partida de todas as ideias do nosso tempo: a crise. Ou seja, cada vez havia menos dinheiro para gastar em telas, em tintas, pinceis e materiais e cada vez havia mais necessidade de gerar algum retorno através de donativos para a associação”, explica Nuno Miguel Neto, um dos mentores deste projeto. Tanto o Nuno, arquiteto de formação, como Filipe Timóteo, designer, entenderam que deveriam “criar um produto que as pessoas queiram realmente adquirir”. Fizeram um plano, a direção aprovou e deram início ao desenvolvimento do catálogo.

“O Arte Engarrafada tenta explorar mais a vertente de produção porque até é muito mais motivante para quebrar a monotonia, foi esse o objetivo principal, mas tem sempre por base a versão mais artística da coisa”, explica Nuno Miguel Neto.

São cerca de oito os artistas que trabalham duas vezes por semana no atelier de arte e criatividade e que, desde janeiro, mergulharam na criação de peças para preencher o catálogo do “Arte Engarrafada”.

Sobre o entusiasmo dos artistas nesta nova empreitada Nuno Miguel Neto refere que “quando se chega à beira do público-alvo com uma coisa nova para fazerem o entusiasmo e a motivação são sempre maiores”.

O catálogo está pronto e através dele os mentores do Arte Engarrafada conseguem “perceber qual era o verdadeiro potencial” das peças “em termos de produção em massa”. “Com o catálogo já feito é mais fácil chegar às pessoas e é isso que vamos começar a fazer”, acrescenta. O trabalho do “Arte Engarrafada” passa pelo redesign, pela reciclagem, esculturas e até fazem coisas em cimento e em gesso.

Já produziram, em seis meses, um total de 58 modelos, em que todos eles têm características únicas, provas reais da capacidade dos clientes da APEXA para produzirem produtos diferentes, para todas as áreas e para toda a gente.

“Todas as peças são passíveis de ser encomendadas. Ou seja, as pessoas fazem-nos a encomenda, nós fazemos o protótipo, as pessoas aprovam o protótipo e partimos para a produção”, refere Nuno Miguel Neto.

A equipa do atelier de arte e criatividade entendeu que seria injusto avaliar as peças e, por isso, o catálogo não faz referência aos preços porque as pessoas é que devem decidir o donativo que querem dar à APEXA.





“ Os protótipos que são feitos são todos fotografados e deixamos de ter espaço para os guardar. Normalmente nas datas festivas tentámos pegar em algumas das coleções, reinterpretá-las e dar como lembrança porque achamos fundamental para os pais verem o que o filho anda a fazer, sentirem esse orgulho, por assim dizer”.
Nuno Miguel Neto

